**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**No solo regado a sangue e suor:
A cartografia da Província Jesuítica do Paraguai (Século XVIII)**

Newton da Rocha Xavier

**Versão Corrigida
São Paulo
2012**

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL**

**No solo regado a sangue e suor:
A cartografia da Província Jesuítica do Paraguai (Século XVIII)**

Newton da Rocha Xavier

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em História Social

Orientadora: Prof.^a Dra. Iris Kantor
De acordo

Versão corrigida

São Paulo

2012

SUMÁRIO

Lista de Abreviaturas.....	6
Agradecimentos:	7
Resumo	10
Abstract	11
Introdução	12
Capítulo 1: Missionário peregrino: sensibilidade espacial e Conquista Espiritual	18
1.1 Ser peregrino, ser jesuíta.....	18
1.2 Os mapas e a Conquista Espiritual.....	35
1.3 A formação e a produção intelectual do jesuíta	42
1.4 Espaço platino e matemática	48
Capítulo 2: O Discurso cartográfico sobre a Província Jesuítica do Paraguai	53
2.1 A descrição do Grande Paraguai.....	53
2.2 A retórica nos mapas da Província Jesuítica do Paraguai.....	68
2.3 Os Mapas e a Lenda Negra dos Paulistas.....	105
Capítulo 3: Os mapas na nova ordem Antijesuítica.....	111
3.1 Os mapas e as polêmicas da crise	111
3.2 Os mapas e o “Estado dentro do Estado”	122
3.3 Exílio. Cartografia de um passado.....	136
Conclusão:	143
Fontes & Bibliografia	148
Fontes cartográficas impressas	148
Fontes impressas	152
Obras de Referência.....	158

Índice de imagens:

Figura 1 - Juan Dávila. <i>Paraquariae Provinciae Soc. Iesu cum Adjacenti novíssima descriptio</i> (1722).....	22
Figura 2- Detalhe do título do mapa: Juan Dávila. <i>Paraquariae Provinciae Soc. Iesu cum Adjacentibus cum novíssima descriptio</i> (1722).....	23
Figura 3 - John Ogilby. <i>Paraquaria</i> (1671).....	55
Figura 4 – Joannes Blaeu. <i>Paraquariae Vulgo Paraguay</i> (1662).....	56
Figura 5 – Nicolas Sanson. <i>L'Amerique meridionale divisée en ses principales parties</i> (1691).....	58
Figura 6 – Nicolas Sanson. <i>L'Amerique meridionale divisée en ses principales parties</i> (detalhe) (1691).....	59
Figura 7 – Juan Davila. <i>Paraquarie Provinciae Soc. Jesu cum adjaventib.s novissima descriptio</i> (1722).....	62
Figura 8 – Matheus Seutter. <i>Paraquariae Provinciae. Soc. Jesu cum adjaventibus novissima descriptio</i> (1726).....	63
Figura 9 – Antonio Machoni. <i>Descripción de las Provincias del Chaco y confinantes segun las relaciones modernas y noticias adquiridas</i> (1733).....	65
Figura 10 -Legenda: Martírio do Padre Lucas Caballero no Mapa: Joannes Petroschi, Joannes. <i>Paraquariae Provinciae Soc. Jesu cum adiacentib. novissima descriptio</i> (1732).....	73
Figura 11 - Trecho de: Juan Dávila. <i>Paraquarie Provinviae Soc. Jesu cum adjaventib.s novissima descriptio</i> (1722).....	75
Figura 12 - Detalhe do martírio do Irmão Alberto Romero na coordenada 21°s 320°. Juan Davila. <i>Paraquarie Provinviae Soc. Jesu cum adjaventib.s novissima descriptio</i> (1722).....	76
Figura 13- detalhe da legenda do mapa: Johannes Petroschi. <i>Paraquariae Provinciae Societas Jesu cum adjacentib novíssima descriptio</i> . (1732).....	78
Figura 24 - detalhe dos zamucos e parcialidades no mapa. Johannes Petroschi, <i>Paraquariae Provinciae Societas Jesu cum adjacentib novíssima descriptio</i> (1732).....	81

Figura 15 –Martin Dobrizhoffer. <i>Mappa Paraquariae In Multis a me Correta.</i> (1784).....	84
Figura 16- detalhe da região do lago do Xarayes, com a indicação da sazonalidade das inundações. In: Martin Dobrizhoffer. <i>Mappa Paraquariae In Multis a me Correta.</i> (1784).....	85
Figura 17 – Jose Cardiel. <i>Mapa de la Governacion del Paraguay, y de la de Buenos Ayres, com la Linea divisória de las tierras/ de España y Portugal, ajustada entre la dos Coronas.</i> (1752).....	89
Figura 183 - Jose Cardiel. <i>Mapa de la Governacion del Paraguay, y de la de Buenos Ayres, com la Linea divisória de las tierras/ de España y Portugal, ajustada entre la dos Coronas.</i> (1752).....	90
Figura 49- José Cardiel (atribuído). <i>Mapa de las Doctrinas del Paraná y Uruguay y de la Línea divisória del año 1750 em quanto a estas doctrinas toca.</i>	92
Figura 20- José Cardiel. <i>Parte de la America Meridional em que trabaja el zelo de los Religiosos.</i> (1752).....	94
Figura 21 – José Sanchez Labrador. <i>Provincia del Guayra convertida por los jesuitas y destruída por los Mamelucos</i> (s/d).....	95
Figura 22- José Sanchez Labrador. <i>Provincia del Itatin convertida a la Fé por los Jesuitas y destruída por los Mamelucos</i> (s/d).....	96
Figura 5- José Sanchez Labrador. <i>Missiones del Tape en la forma que tenian antes de su transmigración el año de 1630.</i> (s/d).....	97
Figura 6- José Sanchez Labrador. <i>Descripcion chorographica de los treinta pueblos delas misiones</i> (s/d).....	98
Figura 25 – Joaquin Camaño Bazan, Joaquin. <i>Carta del Gran Chaco y Paesi Confinati. Delin. dal Sig. Ab. Giachino Camagno</i> (1789).....	100
Figura 26 – Thomas Kitchin. <i>A New Map of the Southern parts of America (prancha I)</i> (1774).....	103
Figura 27 – Thomas Kitchin. <i>A New Map of the Southern parts of America (Prancha II)</i> (1774).....	104
Figura 28 - <i>Catherine Tekakwita.</i> In: Jean Baptiste Du Halde. <i>Lettres edifiantes et curieuses.</i> Vol XIII. p. 118.....	115
Figura 29 – Jean Baptiste Danville. <i>Le Paraguay ou les RR. PP. De la Compagnie de Jesus ont répandu leurs Missions</i> (1734).....	117

Figura 30 – Detalhe do mapa: Joannes Petroschi. <i>Paraquarie Provinciae Soc. Jesu cum adjaventib.s novissima descriptio</i> (1732).....	126
--	-----

Lista de Abreviaturas

BNC – Biblioteca Nacional de Chile

BNF - Bibliothèque Nationale de France

IEB – Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo

AGS - Archivo General de Simancas

Agradecimentos:

Em primeiro lugar, um agradecimento especial para a Prof^a Iris Kantor, pelo seu compromisso com o conhecimento. Acreditou integralmente neste trabalho e em mim, dando os rumos certos, com palavras e atitudes que nunca esquecerei. Muitas vezes superou as obrigações de orientadora, e talvez eu não tenha correspondido à altura em muitos momentos.

Agradeço imensamente à FAPESP pela bolsa concedida. Deu-me condições de trabalho, garantindo tempo para leituras, reflexões e uma maior presença na intensa vida intelectual da Universidade de São Paulo.

Menciono os amigos que assim como eu, deixaram-se encantar pelos domínios de Clio. Agradeço especialmente aos colegas do Laboratório de Estudos de Cartografia Histórica da USP, onde aprendi muito sobre os mapas e sobre a vida. Ao colega Rogerio Beier, agradeço as enriquecedoras sugestões e críticas ao trabalho, quando pela leitura repetitiva do texto, eu já não podia distinguir acertos e erros. À Nelson Ramos, pela ajuda na emergência.

Aos professores Manoel Fernandes Sousa Neto, Adone Agnolin, Antonella Romano, Silva Sebastiani, Vera Dorofeeva e Carla Lois, pelo enriquecimento proporcionado por aulas que trouxeram até mim as complexidades e riquezas da História da Cartografia, da Geografia e sobre a história da Companhia de Jesus.

Aos professores Carlos Zeron, Thomás Haddad, pela generosidade, comprometimento e disposição com que compartilharam seus conhecimentos durante o curso de pós-graduação, sendo também ótimos componentes de minha banca de qualificação.

Devo agradecer ao professor Renato Cymbalista, com quem tive contato no fim desta trajetória, apesar de admirar sua produção acadêmica desde o início da pesquisa. Sua participação na banca foi muito enriquecedora.

Um trabalho de mestrado é o resultado de muitas coisas, que vão muito além das tarefas e das relações acadêmicas. Muitas pessoas foram fundamentais neste trabalho, mesmo aquelas que nunca pisaram nas bibliotecas ou nas universidades em que esse material foi elaborado.

Aos amigos Fernando e Elisa, pela compreensão nos diversos momentos de minha ausência. Menciono aqui os amigos Marcelo Moreira, Thiago Mendes, Leandro Carvalho, Mariana Martins, Márcia Dias e Bruno Gazolla, por acreditarem quando ninguém mais o fazia. À Ligia Sauer agradeço e digo que agora terei mais tempo.

Por último, dedico este trabalho à minha avó Iracema Martins, uma pessoa obstinada e alegre; minha irmã, Adriane Xavier, a primeira amiga que tive; ao meu avô Pasqual Bonifácio, a grande influência de minha vida e minha mãe Maria de Fátima Bonifácio, que assistiu todos os momentos difíceis desta trajetória.

*Pluris est oculatis unus, quam auriti decem;
qui audiunt, audita dicunt, qui vident, plane sciunt.*

Plautus Titus Maucius in: Truculentus ato 2, cena 6

Apud DOBRIZHOFFER, Martin. *Historia de abiponibus equestri, bellicosaque paraquarie natione*. Vol. I. Viena. Typis Josephi Kurzbeke. 1784. p.1

Nessa cartografia, a caprichosa dilatação das terras parece querer servir para engrandecer os Gesta Dei Paraquarios de que se fizeram obreiros os insignes missionários.

Holanda, Sérgio Buarque de. *O extremo oeste*. (1976). São Paulo. Brasiliense. 1986 p. 104

Resumo

A cartografia produzida por membros da Companhia de Jesus foi essencial para o conhecimento geográfico de diversas partes do mundo. Os religiosos tinham contato, muitas vezes de maneira informal, com as práticas envolvidas no ofício cartográfico, dentro das possibilidades e necessidades de cada contexto de missionação.

No caso da Província Jesuítica do Paraguai, a matemática, a astronomia e os relatos geográficos deram à ordem religiosa a possibilidade de criar uma representação da região que figurou como a mais importante fonte de informações sobre o local para os geógrafos europeus dos séculos XVII e XVIII.

As representações espaciais do Paraguai dos jesuítas estão consubstanciadas na série de mapas da “*Paraquariae Provinciae*”. Tal documentação fortaleceu a justificativa para a missionação na região

No século das Luzes, a presença da Companhia de Jesus no Paraguai foi duramente questionada pelos filósofos e administradores ilustrados. Esta investigação sobre a representação da Província Jesuítica do Paraguai na cartografia missionária evidencia como tais imagens foram reproduzidas pelos críticos da Ordem religiosa, tendo sido reelaboradas pela proapaganda antijesuítica.

Abstract

The maps produced by members of the Society of Jesus was essentials to the geographical knowledge of various parts of the world. The priests had contact, often informally, with the practices involved in the cartography profession, within the possibilities and needs of each missionary zeal surrounding context.

In the case of the Jesuit Province of Paraguay, mathematics, astronomy and geography reports, gave the possibility of creating a representation of the region which ranked as the most important source of information about the region for the european geographers of the XVII and XVIII centuries.

The spatial representations of the Jesuits of Paraguay, is embodied in a series of maps "Paraquariae Provinciae". Such documentation strenghtened the justification for the missionary presence in the region.

In the age of Enlightenment, the presence of the Jesuits in Paraguai was harshly questioned by philosophers and administrators illustrated. This research on the representation of the Jesuit Province of Paraguay in the mapping, shows how the se images were reproduced by critics of the Society of Jesus, having been re-developed by jesuit enemies.

Palavras-chave

Jesuítas – Cartografia – Paraguai – Martírios – Missões – Parcialidades Indígenas.

Introdução

Uma série de fichas de estudo classificadas e analisadas, para posteriormente servirem aos pesquisadores que seguissem os caminhos da História da Cartografia. Assim começou o trabalho que culmina nesta dissertação de mestrado, um dos muitos frutos do Laboratório de Estudos de Cartografia Histórica (LECH), sediado na Cátedra Jaime Cortesão, FFLCH/USP.

A catalogação do extenso inventário do Almirante Max Justo Guedes (1927-2011) sobre mapas dos séculos XVI e XVII, com grande levantamento bibliográfico e indicações sobre a singularidade de cada carta, possibilitou-me conhecer esses repertórios, e ter contato com o trabalho de um dos maiores estudiosos de cartografia histórica do mundo. Começava aí meu interesse pelo potencial dos mapas como fontes para pesquisas históricas.

Outro momento essencial foi o contato com o acervo cedido pela Justiça Federal, alocado no Instituto de Estudos Brasileiros¹. O LECH disponibilizou parte desse acervo no *site* de mapas históricos da Universidade de São Paulo, com imagens para *download* e informações cartobibliográficas². Entre esses mapas estava o *Paraquariae Provinciae Societas Jesu (...)*³, elaborado a partir dos levantamentos da Companhia de Jesus.

Abriu-se a possibilidade de estudo dos jesuítas a partir de fontes cartográficas, tendo em vista o fato de que o projeto do *site* está orientado para os estudos sobre a produção, circulação e consumo dos mapas. A necessidade de catalogar esse original no acervo digital permitiu-me pensar os mapas da Companhia de Jesus dentro de uma produção que envolvesse diversas demandas e atendesse aos mais diversos públicos e audiências. Um trabalho que deve ser

¹Para mais informações sobre o acervo consultado: Bianca Maria Abbade Dettino. Tratamento de salvaguarda em situação de emergência: a atuação do IEB em acervo cedido pela Justiça Federal de São Paulo. In: *Revista do IEB-USP*, nº 44, p. 275-306. São Paulo. Editora 34. 2007

²Boa parte do trabalho de pesquisa do LECH pode ser acessado no site: www.mapashistoricos.usp.br

³Johannes Petroschi. *Paraquariae Provinciae Soc. Jesu cum adjacentib. Novíssima descriptio*. In: Jean Pierre Viou. *Novelle interessanti in propósito degli affari del Portogallo e Dell attentato commesso a ter settembre*. Berna (Veneza). Suprema reggenza Elvetica (?) Tomo I. (1732) 1760.

entendido dentro das especificidades de cada Província Jesuítica em seus diversos contextos históricos.

A edição do mapa *Paraquariae Provinciae* de 1760 presente nos arquivos do IEB é o ponto de partida desta dissertação. Por ser uma obra de síntese da representação da região, o mapa abarca em si muitos aspectos do trabalho missionário, que poderão ser relacionadas com outras fontes produzidas pela Companhia de Jesus.

A história da cartografia entre os jesuítas teve um espaço muito específico na historiografia que trata dos velhos mapas. Só recentemente uma abordagem oitocentista, que alinha os jesuítas ao obscurantismo científico vem sendo posta em xeque. Paradoxalmente, não é raro ainda ver as obras jesuíticas, não somente na geografia, mas também em outras áreas da ciência como a Astronomia e a História Natural, serem tratadas como exceção, e não dentro de um contexto de debates científicos, em que os jesuítas da idade moderna estiveram plenamente inseridos.

Durante a primeira metade do século XX, predominaram obras de caráter institucional, como o caso da obra do padre Ernest Burrus sobre a América do Norte⁴. Em seu trabalho, o historiador jesuíta analisa as fontes cartográficas da Nova Espanha e Califórnia.

No caso da América do Sul, o historiador jesuíta argentino Guillermo Furlong-Cardiff (1889-1974) sistematizou a produção cartográfica sobre a região platina, estabelecendo relações entre a cartografia produzida pelos membros da Companhia de Jesus com os mapas da época. É um estudo pioneiro, que nos oferece um amplo panorama da produção científica, cartográfica e geográfica.

Nas últimas décadas, trabalhos universitários vêm mostrando a riqueza e a complexidade no tratamento das fontes cartográficas. A produção recente também têm enfatizado a necessidade de articular os mapas jesuíticos com as demais obras intelectuais produzidas no contexto do trabalho missionário.

⁴ Ernest Burrus. *La obra cartográfica de la Provincia Mexicana de la Compañía de Jesús (1567-1767)*. 2. Vol. Madrid. Ediciones José Porrúa Turanzas, 1967

Protasio Langer analisou o discurso contido nos mapas ao comparar a produção do padre Samuel Fritz (1654-1725) e o atlas do padre Heinrich Scherer (1628-1704)⁵.

O uso da cartografia foi essencial no estudo de Maria de Fátima Costa sobre o Pantanal, no qual fez um balanço da cartografia jesuítica da região do Grande Paraguai, principalmente aquela que interessa à autora, o Lago dos Xarayes. A historiadora mostrou como a grande lagoa era representada na cartografia jesuítica, holandesa e portuguesa, enriquecendo nossa compreensão dos modos de representação do espaço pantaneiro⁶.

Outro trabalho que merece destaque é o trabalho de Artur Barcelos, cujo objeto do estudo era a ocupação do espaço realizada pelo avanço missionário. O historiador elenca, criteriosamente, a produção inaciana em toda a América Espanhola, lançando mão da historiografia clássica do tema, e levando em conta a extensa produção cartográfica da América Espanhola durante todo o trabalho missionário da região.

Um aspecto essencial da reflexão proposta por Barcelos é a existência ou não do que se tornou usual chamar de “espaço missioneiro”, ou seja, um lugar sob pleno domínio dos missionários. Nas considerações finais de sua tese (defendida em 2005), o autor mostra a intencionalidade na representação cartográfica, sublinhando a autonomia e protagonismo das lideranças indígenas na região, o que indica a fragilidade do pretense domínio jesuítico. Além disso, o autor aponta as diferenças do trato jesuítico com espaço conforme as diferentes realidades em que atuaram⁷.

Sobre os jesuítas geógrafos sul-americanos e suas trajetórias, procuramos consultar dicionários biográficos e obras de referências sobre colégios na América Espanhola. Nesse percurso de investigação, dei-me conta da dificuldade de recompor a biografia desses homens, de situá-los no âmbito da instituição religiosa.

O historiador português André Ferrand de Almeida explorou as versões do conhecido mapa do missionário Samuel Fritz, reconstituindo o trajeto de sua carta

⁵ Protásio Langer. *Cartas geográficas edificantes: o imaginário da conversão dos povos indígenas nos mapas dos jesuítas Heinrich Scherer e Samuel Fritz*. In: Paulo Suess, Et. Al. *Conversão dos cativos. povos indígenas e missões jesuíticas*. São Bernardo do Campo. Editora Nhanduti. 2009.

⁶ Maria de Fátima Costa,. *História de um país inexistente: o Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. São Paulo. Estação Liberdade. 1999

⁷ Artur H. F. Barcelos. *O mergulho no Seculum. Exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América Espanhola*. (doutorado). Porto Alegre, PUC-RS. 2005. p. 507

do Amazonas no século XVIII, identificando suas re-apropriações na cartografia não missionária, especialmente na cartografia francesa e inglesa⁸.

Os estudos de Ernesto Maeder também inspiraram minha investigação na medida em que focam os avanços e recuos da missionação na região Platina, contribuindo para a compreensão dos interesses em jogo na representação desses espaços missionais⁹.

Todas as cartas geográficas são produto de opções, prioridade e seleção. Impossível não lembrar do mapa descrito por Jorge Luis Borges em sua ficção *Historia Universal de la Infamia*, no conto *Del rigor en la ciencia*. O escritor nos conta sobre uma carta produzida no afã de satisfazer o desejo de perfeição de representação, o que culminou na elaboração de um inútil mapa do tamanho do império cartografado¹⁰. E é na escolha da representação que podemos perceber as prioridades do cartógrafo, movido por motivações como satisfazer as audiências, a Companhia de Jesus e seu modelo de descrição das atividades missionárias, ou a Coroa Espanhola e suas necessidades de controle de território.

Há nos mapas uma dimensão não geográfica, relacionada ao discurso dessas cartas, que também está presente no modo como são tratadas as fontes. Não se pode ler os mapas jesuíticos dissociados de outras formas de descrição do espaço.

Os povos indígenas constituem o objeto essencial da cartografia jesuítica. São eles as referências principais presentes nos mapas porque, em tese, são eles os homens e mulheres a serem cristianizados, que se convertia na grande meta dos missionários.

Ser missionário, como nos mostrou o historiador Adriano Prosperi, estava intimamente ligado à condição de peregrino¹¹. Quando Inácio de Loyola fundou a Ordem, em 1534, pensou-a como uma instituição de missão. Ao mesmo tempo pensou na peregrinação como um traço fundamental da identidade jesuítica. E é disso que tratará o início deste trabalho. A ciência jesuítica não pode ser pensada

⁸André Ferrand Almeida,. *Samuel Fritz revisited: The maps of the amazon and their circulation in Europe*. In: Diogo Ramada Curto et al. *La cartografia europea tra primo rinascimento e finde dell'illuminismo*. Florença. 2003

⁹Ernesto Maeder, *De las misiones del Paraguay a los Estados Nacionales. Configuración y disolución de una región histórica: 1610-1810*. In. Regina Gadelha. *Missões Guarani. Impacto na sociedade contemporânea*. 1999. p 113-130

¹⁰ Jorge Luis Borges. *Historia universal de la infamia* (1935). Madri. Alianza Emece. 1986. P. 136

¹¹Adriano Prosperi. *Tribunali della coscienza: inquisitori, confessori, missionari*. Torino. G. Einaudi. 2009

dissociada dessa perspectiva, apesar de Inácio nunca ter escrito ou pensado sobre a prática cartográfica. Ela está inserida naquilo que foi intitulado, mas não exatamente definido, pelos próprios jesuítas que atuaram na América como “Conquista Espiritual” e dela não se pode separar, para uma melhor compreensão do tema. Essa conquista demandou a sacralização territorial, que é comparável simbolicamente, ao processo de expansão dos impérios ultramarinos no Novo Mundo.

No primeiro capítulo, analisaremos a formação intelectual dos jesuítas envolvidos com a produção cartográfica da Província Jesuítica do Paraguai, levando em conta a complexidade da Companhia de Jesus, não somente a educação formal, pretendida pela instituição, mas também as trajetórias individuais desses religiosos, sua experiência no terreno missionário.

Este trabalho é tributário das ideias semeadas por uma interpretação das fontes cartográficas que não apenas se atêm a aspectos técnicos, mas pensa essas questões a partir da análise de uma nova história social e cultural da cartografia. Essa é a tônica da segunda parte desta pesquisa, quando abordamos o discurso cartográfico contido nos mapas. Seus silêncios, segredos e agendas (ocultas ou não) fazem parte da temática explorada no segundo capítulo, no qual se fará a relação da história da representação da região denominada *Paraquariae* na cartografia setecentista, observando-se como os mapas representavam os avanços e recuos da missionação jesuítica.

Em especial, um assunto será melhor descrito nesse momento do trabalho: o embate entre jesuítas e paulistas e como esse conflito repercute na representação cartográfica do Paraguai. Nesse sentido, procurou-se analisar as evidências que sugerem a presença dos habitantes do planalto paulista nas séries estudadas.

O recorte cronológico deste trabalho contempla uma época difícil para a Companhia de Jesus, pois leva em conta o período de intensificação da campanha antijesuítica em suas mais diversas facetas. O Paraguai foi um tema essencial tratado pelos adversários da Companhia, em diversos pontos da Europa. A larga difusão dos mapas da *Paraquariae Provinciae Soc. Jesu cum adjacentib* explica-se pelas polêmicas que mobilizaram a Europa das Luzes.

A representação hiperdimensionada das missões jesuíticas nas terras do Paraguai nas páginas dos detratores será mostrada nesta pesquisa. Por ironia, o

trabalho de reconhecimento de terras pelos missionários proporcionou aos ilustrados do Velho Mundo um grande repertório de notícias das terras incógnitas da América.

Em 1773, a Companhia de Jesus foi suprimida oficialmente pelo Papa Clemente XIV, situação que só seria revogada em 1815. Naquele período, tal qual Jonas, o profeta que permaneceu incógnito nas estranhas do grande peixe, os jesuítas não estavam mortos no debate sobre sua atuação nos tempos anteriores da proscricção. Nesse momento, a cartografia jesuítica do Paraguai ganha um novo impulso, motivada pelos últimos relatos das testemunhas oculares da ação evangelizadora.

Nosso estudo caminhará entre um esforço de leitura da cartografia dentro da tradição de estudos propostos pelos autores da História da cartografia, mas também tencionará estabelecer relações com a historiografia da ciência, a qual vem recentemente valorizando a contribuição científica dos membros da Companhia de Jesus, conforme nos propõe a obra organizada por Mordechai Feingold (2003)¹².

Por fim, entre as questões políticas, científicas e imperiais, o trabalho objetiva lançar luz ao trabalho na área da cartografia inaciana e seus desdobramentos no século XVIII.

¹² Mordechai Feingold. *Jesuit Science and the Republic of Letters*. Boston. MIT Press. 2003

Capítulo 1: Missionário peregrino: sensibilidade espacial e Conquista Espiritual

1.1 Ser peregrino, ser jesuíta

Os trabalhos de cartografia produzidos pelos inacianos nas missões sul-americanas são fruto da percepção espacial resultante da tensão do trabalho missionário e da realidade apreendida pelos integrantes da Companhia de Jesus no terreno da missionação, atividade compreendida pela espiritualidade inaciana como uma grande peregrinação, cujo objetivo era, além da salvação das almas dos evagelizandos, a própria santificação pessoal.

Os mapas produzidos nesse contexto estão diretamente relacionados com essa percepção. Eles são fontes eficazes para a compreensão do chamado “mergulho no seculum”. Pregando aos fiéis, infiéis e hereges, os jesuítas atravessaram a Idade Moderna como os mais seculares entre os sacerdotes regulares¹³.

Dessa forma, os religiosos justificaram a diversidade de suas atividades como artifício para a conversão dos gentios e fortalecimento do catolicismo, dois pilares do carisma da Ordem Religiosa nascida na Contrarreforma. Imbuídos desse espírito, fizeram a travessia do Atlântico rumo ao Novo Mundo, dividido na Idade Moderna entre os Impérios Ibéricos.

Os integrantes da Companhia de Jesus foram autores essenciais de boa parte dos esforços intelectuais para a compreensão das terras descobertas, o que demandou um trabalho de reformulação das perspectivas clássicas de análise de povos e terras trazidas do Velho Mundo.

No caso mais específico das representações cartográficas, a obra de Carla Lois demonstrou como a definição da América como *Quarta Pars* foi resultado de uma resignificação e rearranjo de todas as outras terras e mares existentes¹⁴. Algo desse tipo também ocorreu com as populações, já que as corografias da

¹³Artur H. F. Barcelos., *Mergulho no Seculum*.. op. cit. p.99.

¹⁴Carla Lois. America Quarta Pars. “America quarta pars: islã o continente? El debate conceptual sobre el estatus geográfico del Nuevo Mundo em el siglo XVI”..In: *Fronteras de la Historia. Revista de história colonial latinoamerican*. Vol. XII nº 2. P. 259-279. Bogotá. Instituto Colombiano de Antropologia e Historia. 2008.

Antiguidade, com seus monstros e antípodas não podiam dar conta dos povos encontrados no Novo Mundo.

Os trabalhos inicianos sobre a América na Idade Moderna têm raiz nessa concepção renascentista de descoberta, que classifica povos e entende sua organização sob categorias clássicas, devidamente instrumentalizadas pelos jesuítas. A ausência de certos elementos, como uma autoridade política conforme os padrões europeus entre os nativos da América é marcante nas obras dos missionários sobre a região, e exprime a percepção inaciana sobre a novidade dos povos e do terreno.

Essa exploração europeia do ultramar, longe de ser uma empreitada produtora de um acúmulo retilíneo, uniforme e progressivo de informações, proporcionou uma produção fragmentada de conhecimento, resultado do contato contínuo com terras distantes, relacionada ao conhecimento produzido anteriormente pelo ocidente, desde Estrabão, passando pela produção da Patrística e toda a concepção medieval do orbe.

Entre os agentes desse processo, a Companhia de Jesus se destaca pela relevância de sua obra, devidamente integrada às discussões científicas de toda a Idade Moderna. As obras abrangiam a descrição dos habitantes da América, o estudo das línguas, a fauna e flora do continente, a astronomia do hemisfério sul e a singularidade das terras descobertas pelos europeus.

O trabalho dos jesuítas ocupados com o ofício de cartógrafo acompanhou a produção de mapas na Idade Moderna, que alcança o auge no século XVIII, a fim de suprir o interesse daqueles que se preocupavam com a “aritmética política”. Além disso, os avanços técnicos permitiram mensurações cada vez mais satisfatórias aos interesses científicos da época¹⁵. A posição dos membros da Ordem nesses estudos era de dianteira. Mais do que tentar acompanhar um processo do qual não faziam parte ou produzir cartas de maneira esporádica, desconectadas das discussões de sua época, foram eles muitas vezes os autores de estudos pioneiros, seja no oriente, seja no ocidente.

O labor cartográfico jesuítico foi realizado nas mais diversas circunstâncias, sob demandas variadas. Seja atendendo às ordens das Coroas às quais pertenciam os domínios a serem evangelizados, seja em produções dedicadas aos Gerais da

¹⁵ Jeremy Black. *Mapas e história. Construindo imagens do passado*. Bauru. Edusc. 2005. p.40

Companhia de Jesus e para a promoção do trabalho da obra, ou mesmo para a defesa da imagem da Instituição. Com efeito, não podemos apontar para uma finalidade única dos trabalhos inacianos, mesmo que as fontes e a historiografia comprometida com a Instituição jesuítica digam que tudo foi para a “maior glória de Deus”, conforme o famoso lema da Ordem religiosa.

A narrativa jesuítica sobre o espaço americano precisa ser compreendida a partir da análise dos mapas e representações gráficas produzidas pelos membros da Ordem. E eles trazem em si muito mais do que informações topográficas ou a exatidão de medidas dos caminhos percorridos pelos padres. Os aspectos técnicos são essenciais à produção dos mapas, mas há de se contemplar outros elementos integrantes do discurso cartográfico.

Ao produzir os mapas, os religiosos definiram pontos essenciais da construção da imagem do trabalho inaciano na América, nos elementos cartográficos propriamente ditos ou nos chamados *cartuchos*, elementos contidos nas bordas das cartas geográficas. Esse tipo de estudo teve importância ressaltada pela historiografia principalmente após a obra de autores como John Brian Harley ou David Woodward, e deve ser levado em conta no estudo dessa interpretação jesuítica da realidade americana¹⁶.

Um elemento perceptível no discurso jesuítico, em textos e mapas (ou no texto dos mapas), é o modo de tratar da missão enquanto deslocamento, uma ação em resposta à obrigação bíblica de proclamar o Evangelho a todos os viventes. O espaço dos jesuítas deve ser compreendido como resultado dessa motivação. Ele é fruto de uma viagem que a Ordem empreendeu, ao longo de dois séculos de trabalho no solo da América Meridional, o ponto de chegada de uma Instituição que via o ardor missionário como um de seus maiores valores, um atributo a ser amplamente valorizado na construção de uma identidade da Ordem.

No século XVIII, ainda ecoam as concepções do século XVI, em um momento diferente da passagem jesuítica pelo Paraguai. Não se pode deixar de sublinhar que a trajetória da Ordem nessa porção da América do Sul passou por várias fases e o Século das Luzes não era mais a época da chegada dos padres, na época da União

¹⁶ John Brian Harley. *Textos y contextos en la interpretación de los mapas*. In: John Brian Harley. *La Nueva Naturaleza de los mapas*. México DF. Fondo de Cultura Económica. 2005. p. 59-78

Ibérica. Apesar disso, como pretendemos demonstrar, vários componentes do discurso jesuítico nas primeiras descrições dos pioneiros permanecem inalterados.

Ao voltarmos nossa atenção aos mapas, podemos perceber os elementos que compõem essa cartografia permeados pelo discurso institucional. Para tanto, nada melhor do que analisar um mapa que sintetizou o esforço missionário na Província Jesuítica do Paraguai.

Em 1726, o irmão Juan Francisco Dávila (1682-1733) produz a primeira edição da carta *Paraquariae Provinciae Soc. Jesu cum adjacentib* (...), publicada em Roma, a pedido do padre Jerónimo Hérran (1672-1743), que viria a ser o provincial do Paraguai anos mais tarde¹⁷. Essa carta foi republicada outras vezes em diversas circunstâncias, conforme será tratado posteriormente no trabalho, com versões em diversos idiomas. Pode-se atribuir sua importância ao fato de que ele pretende ser uma amostra de totalidade do trabalho da Província Jesuítica do Paraguai¹⁸.

Na borda superior do mapa, seu título direciona o olhar do público para duas dimensões da missão no Paraguai: as *peregrinationes* e as *observationes* dos missionários, sendo o mapa o suporte visual dessas experiências.

¹⁷Juan Dávila,. *Paraquarie Provinviae Soc. Jesu cum adjaventib.s novissima descriptio Post itera.s peregrinationes, & plures observationes Patrum Missionarum eiusdem Soc. tum huius Provinciae, cum Peruanæ accuratissime delineata/ post iteratas peregrinationes et plures observationes Patrum Missionariorum eiusdem Soc. tum huius Provinciae, cum et Peruenæ accuratissime delineata*. Córdoba (?). 1722. In: Guillermo Furlong. *Cartografía Jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires, Facultad de Filosofía y Letras. 1936. f.8. p. 44

¹⁸Maps of the jesuit mission in Spanish America, 18th Century. (Archives of the Society of Jesus, Rome, Hist Soc, I). In: *Imago Mundi*. vol. XV. (p. 114-118) 1960. p. 116

Figura 1- Juan Dávila. *Paraquariae Provinciae Soc. Iesu cum Adjacenti novíssima descriptio/ Post iterata peregrinationes, & plures observationes Patrum Missionarum eiusdem Soc. Tum huius Provinciae, cum & Peruanæ accuratissime delineata*. 1722. (facsimile). In: Guillermo Furlong. 1936, op.cit. Lâmina VIII, n. 18 do Catálogo, p. 44 do texto. Original em BNF Collection d'Anville. 09446b (<http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40618228k>)

Figura 2 - Detalhe do título do mapa Paraquariae Provinciae. Juan Davila. Paraquariae Provinciae [...], 1722. (Facsimile). In: Guillermo Furlong, 1936, op.cit. Lâmina VIII, n. 18 do Catálogo, p. 44 do texto. Original em BNF Collection d'Anville ; 09446 (<http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40618228k>)

Os missionários se auto-representam como viajantes da *peregrinatio*, definição tributária do Renascimento. A cartografia jesuítica quis representar essa dimensão do trabalho dos sacerdotes, uma justificativa para a inclusão do trabalho de elaboração de mapas na atividade de evangelização.

A *peregrinatio* é fundamental ao modo de proceder inaciano. Já na história do grupo inicial de seguidores do fundador Inácio de Loyola, chamado por ele de “pequena congregação”, consta a ambição de uma peregrinação à Terra Santa¹⁹. Além disso, a formação dos jesuítas contava com a realização de uma viagem como meio de edificação espiritual, conforme fora determinado nos primeiros anos de existência da Instituição.

Em outra mão, a travessia dos jesuítas pode ser entendida como uma vontade de saber, que suplanta as incógnitas geográficas. A peregrinação inaciana tem o aspecto medieval, ligado à busca espiritual, mas contém também a dimensão moderna da busca pelo conhecimento. Há o reforço da observação direta no texto, uma curiosidade pelo mundano tributária da base do Humanismo renascentista²⁰.

¹⁹ A importância dessas histórias de fundação da ordem religiosa está não na veracidade de seus dados, mas na reverberação desses atos fundamentais na identidade jesuítica. São “potência” que se torna “ato” no crescimento e manifestação do carisma religioso da Companhia de Jesus em sua história.

²⁰ Plínio Freire Gomes. Volta ao mundo por ouvir-dizer: redes de informação e a cultura geográfica do Renascimento. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v.17. p. 113-135. jan.- jun. 2009. p. 113.

A *peregrinatio* tornava a missão atividade de conquista e de conforto, apesar de imbuída da consciência do risco de vida²¹, condição exaltada nos relatos e livros de divulgação do trabalho da Companhia de Jesus. As viagens na Idade Moderna remetem a uma vontade de saber que tinha muito de profano e que, fundamentalmente, simbolizava a vitória do homem sobre as terras incógnitas desveladas pelos missionários, conforme mostra a legenda dos limites das terras conhecidas nos mapas.

As descrições das terras de missão estiveram presentes nas cartas ânuas no século XVII. Essa correspondência era produzida com o objetivo claro de ser um discurso edificante e exemplar de vida cristã. Eram lidas nas casas de formação da Instituição e, como será visto posteriormente, foram devidamente editadas para uso na defesa da imagem da Companhia fora de seus quadros. As narrativas da Instituição reforçam o sacrifício do trabalho árduo de desbravamento e valoriza o trabalho missionário. A conversão dos índios é um desafio tão grande quanto a vitória sobre as adversidades do terreno.

As descrições primeiras dos jesuítas foram classificadas como “inventários de espacialidade”, produzidas sob o compromisso de atender às prescrições narrativas da Companhia de Jesus, afirmando uma imagem positiva da atuação jesuítica na América²².

O sacrifício missionário iniciano do percurso missionário também foi devidamente realçado nas histórias de vida dos falecidos, narradas nos necrológios, em que o deslocamento geográfico e o domínio das regiões é uma demonstração de fé, como uma continuação de outros feitos dos padres, já no século XVII. A geografia inóspita era uma constante nessas necrologias. Elas serviam para enriquecer o panteão de homens dignos de devoção da Companhia de Jesus²³.

Como se pode encontrar nas cartas ânuas, o problema do número reduzido de missionários era proporcional às distâncias percorridas, demasiadamente

²¹ Adone Agnolin. *Jesuítas e Selvagens: a Negociação da fé no encontro catequético-ritual (séculos XVI-XVII)*. São Paulo. Humanitas. 2007. p. 399

²² Odair José Fantini. *Obedeciendo a la instrucción de compendiar: Registros de Viagens de Jesuítas nas Cartas ânuas da Província Jesuítica do Paraguai (segunda metade do século XVII)*. São Leopoldo. UNISINOS. 2010. p. 94

²³ Odair José Fantini. *Obedeciendo a la instrucción de compendiar ... op. cit.* p. 123.

grandes para a pequenez do número de missionários²⁴. A pretensão de avanço de evangelização não seria compatível ao número de missionários enviados.

Esse tema remete às observações contidas no Evangelho sobre o número baixo de seguidores de Cristo diante do trabalho de evangelização, como consta no relato bíblico de João: “levantai os olhos e vede como os campos estão dourados, prontos para a colheita”²⁵, ou “a messe é grande, mas os operários são poucos”²⁶, que está presente em outro cartucho, contido no mapa produzido em uma realidade relativamente distante, o *America Borealis* do padre Heinrich Scherer (1628-1704)²⁷.

O padre Scherer, além de elaborar mapas, lecionou hebraico, matemática e ética, na Universidade de Dillingen, na Baviera. Além disso foi tutor dos Príncipes da Mântua e Baviera, e sua obra foi determinante na composição de uma imagem do trabalho jesuítico nas missões, principalmente nas regiões de língua alemã.

Apesar de não termos dados precisos sobre a circulação comercial dos volumes produzidos por Scherer, podemos pensar na relevância da obra a partir das reedições produzidas séculos após a morte do autor²⁸.

A faina missionária é comparada a de agricultores prontos para enfrentar a colheita em terrenos de grande vastidão. Ela também é descrita em outra analogia cara aos temas bíblicos, sobretudo de inspiração paulina: ao das conquistas militares comparadas à batalha espiritual.

A temática constante da Conquista Espiritual na América é representada principalmente pelo sangue do martírio, aparece como objetivo de todos os esforços missionários. O termo que define a luta pelas almas já era usado antes da fundação da Companhia, em consonância com o carisma militarizado dos sacerdotes que se intitulavam “soldados de Cristo”.

O padre Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652) nomeou “Conquista Espiritual” sua obra mais conhecida, na qual descreve o trabalho no Guairá, Paraguai e Tape²⁹.

²⁴ Fantini, Odair José. *Obedeciendo a la instrucción de compendiar ...* op. cit. p. 94

²⁵ Jo 4,35

²⁶ Mt 9,37

²⁷ Heinrich Scherer. *Atlas Novus exhibens orbem terraqueum per naturae opera, historiae novae AC veteris monumenta, artisquae geographicae leges et praecepta hoc est Geographia universa in septem partes contracta et instructa ducentis fere chartis geographicis, ac figuris* (1702). 7v. Augsburg. Joannis Caspari Bencard, Viduae & Consor. 1737

²⁸ Protasio Langer. *Cartas Geográficas edificantes: o imaginário da conversão dos povos indígenas nos mapas dos jesuítas Heirich Scherer e Samuel Fritz*. p. 81ss. In: Paulo Suess et al. *Conversão dos cativos. Povos indígenas e missão jesuítica*. Nhanduti. São Bernardo do Campo.. 2009

A narrativa influenciou as produções posteriores sobre os acontecimentos da Província Jesuítica do Paraguai e sua apresentação aos interessados sobre as questões dos jesuítas.

A Conquista Espiritual está presente em outras obras dos religiosos, a despeito de nunca ter havido uma definição formal do termo, que acompanhou todo o trabalho da Igreja na América Espanhola, sendo algo constitutivo do domínio espanhol.

Um missionário em atuação no México, o padre Andrés Pérez Ribas (1576-1655), em sua *Historia de los Triumphos de nuestra Santa Fe entre gentes de las más bárbaras y fieras del nuevo orbe: conseguidos por los soldados da milícia de la Companhia de Jesus em las misiones de Nueva España* (1645)³⁰, chega perto de definir o termo, conforme apontou David Brading:

*“aquellos operários evangelicos y soldados de la Milicia de Christo, que se emplearon em el apostólico ministério destas conquistas espirituales com su sangre, y derribar las fortalezas, donde las tenía cautivas el demônio”*³¹

O combate com o demônio aprisionador de almas era o objetivo do labor evangelizador no discurso da Companhia de Jesus. Demônio esse que foi encontrado nas mais diversas formas, nos costumes dos povos da América ou no horror das incursões dos paulistas.

No entanto, conquistar as terras não é uma ambição contida nessa empreita. O espaço é um dado nas narrativas que assume relevância apenas como um palco da luta e esforço da evangelização, trabalho feito por poucos, mas obstinados missionários, que segundo mostram as descrições e mapas, não temiam o trabalho e o martírio.

Ao descrever o espaço, as obras jesuíticas adotam um modelo tributário da *História Natural*, de Caio Plínio Segundo (23-79 d.C.) , ou da obra *De materia*

²⁹ Antonio Ruiz Montoya,. *Conquista Espiritual hecha por los Religiosos de la Compañía de Jesús em las Provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape* (1639). Porto Alegre. Martins Livreiro. 1997

³⁰ Andrés Pérez de Ribas. *Historia de los triunfos de nuestra santa fe entre gentes las más bárbaras, y fieras de nuestro orbe*. Madrid, 1645

³¹ David Brading. *Orbe Indiano. De la Monarquía Católica a la República Criolla 1492-1867*. Fondo de Cultura Económica. Mexico. D.F. 1991. p. 201

medica, de Pedaneo Dioscórides (40-90 d.C.). A descrição das terras, fauna e flora precede a dos povos e introduz os relatos sobre a ação inaciana no Paraguai e adjacências.

Mesmo o público externo à Companhia, distante das florestas americanas, pode assim ter acesso a novidades missionárias de Ásia e América. Pela curiosidade do público leitor europeu, ao mesmo tempo em que se intentou *edificar*, ou seja, fortalecer via exemplo, a virtude da fé nos leitores.

As notícias das novas terras foram muito populares fora dos domínios ibéricos. No mundo de fala germânica, principalmente no início do século XVIII, os leitores tiveram acesso aos relatos de impérios ultramarinos, com os quais não tinham uma ligação direta. É nesse contexto que o padre Antonio Sepp, tem sua *Descrição de Viagem* publicada em 1698, a pedido de seu irmão, Gabriel Sepp, em Nuremberg, alcançando grande popularidade.

Os relatos de Sepp não trazem mapas, mas elucidam a concepção e importância do deslocamento na atividade missionária e também da organização espacial proposta pelos jesuítas. O sacerdote narra sua viagem com os elementos comuns dos escritos inacianos, incluindo fatos de cunho espiritual e descrição de orações e devoções. Sua narrativa começa com sua saída do Trieste em direção a Gênova em 1689, para daí partir rumo a Buenos Aires, em rumo ao interior do continente.

O Atlântico e a posterior viagem fluvial são narrados na perspectiva do sacrifício evangelizador e da já aqui citada noção de Conquista Espiritual. No caso de Sepp, há ainda a pretensão de inserir o trabalho missionário em quadro maior, do trabalho jesuítico em todo o mundo, traço que se tornará mais tênue nas obras da segunda metade do século XVIII, em que são privilegiadas as questões locais.

A cartografia dos jesuítas é citada na obra como uma referência válida. Ele recorre ao trabalho do padre Scherer (1628-1704). O padre Sepp tenta ligar a região ao restante da presença jesuítica no mundo e ampliar sua divulgação, ao mesmo tempo em que valoriza o trabalho do irmão de Ordem:

*No mapa universal, extremamente lindo e útil do R. P. Scherer, está consignada a localização exata de nossas reduções. Se o benévolo leitor quiser fixar um mapa desses, tomá-lo ia pela mão e o levaria para as nossas reduções*³².

O elogio é ressaltado algumas linhas depois, nas quais Sepp atribui falta de exatidão ao mapa por conta dos problemas de escala:

*Aqui preciso anotar que o R. P. Scherer, em virtude do espaço apertado sobre o mapa, não pode prover todas as localidades com seus nomes. Assim, São Nicolau está consignada em primeiro lugar na margem do rio, quando na realidade existem mais seis localidades antes daquela, de modo que São Nicolau só deveria figurar em sétimo lugar*³³.

De qualquer forma, a citação insere as missões do Paraguai em um quadro mais amplo nessa obra cartográfica de Scherer que abarca todas as missões da Companhia de Jesus. O atlas de Scherer traz o mapeamento das missões em todo o mundo e suas informações não geográficas remetem ao discurso jesuítico presente nas cartas edificantes³⁴.

Sepp não deixa transparecer no texto os problemas de limites com a Coroa Portuguesa na região. Ao narrar sua passagem próxima à costa de Pernambuco na viagem de vinda à América, prefere citar as qualidades de padre Antônio Vieira, a quem adjetiva como ilustre irmão da Província do Brasil (1608-1697). Sepp privilegia muito mais o Vieira escritor e pregador de renome, citando inclusive sua

³² Antônio Sepp. *Viagem às missões jesuíticas*. (1698) Edusp/Itatiaia. São Paulo/Belo Horizonte. 1980. p. 111

³³ Antônio Sepp. *Viagem às missões...* op. cit. p. 111-112. Não há um esclarecimento de Sepp sobre o título do mapa ao qual se refere. Apesar da alusão a um “mapa universal” que poderia ser o *Societas Iesu Per universum mundum diffusa Praedicat Christi Evangelium*, 1702, a descrição feita das localidades e do rio retratados corresponde muito mais a outro mapa, o *Religionis Catholicae Australi Americae Implantae Descriptio Geographicae*, 1702, específico da América do Sul. As duas estão contidas em: *Atlas Novus exhibens orbem terraqueum per naturae opera, historiae novae AC veteris monumenta, artisque geographicae leges et praecepta hoc est Geographia universa in septem partes contracta et instructa ducentis fere chartis geographicis, ac figuris* 1702.

³⁴ Protásio Langer. *Cartas geográficas edificantes...* op. cit. p. 85

experiência de pregação para a Rainha Cristina da Suécia em Roma, do que os embates diplomáticos e as ideias sobre a grandeza do Império Português³⁵.

Sua ida à redução de Yapeiu é narrada enquanto rios e terras são vencidos pelo missionário. A viagem é repleta de desafios e novidades, mas a dimensão do trabalho duro e recompensador permeia toda a narrativa. Em outra obra, *Trabalhos apostólicos*, o sacerdote germânico narra sua chegada e atividade no tratamento das epidemias e na conversão dos indígenas.

A chegada é também marcada pela entronização de sua imagem de Nossa Senhora de Alt-Oettingen, padroeira do então Principado de Oettingen, no Paraguai. A imagem sacra é um dispositivo para a salvação e o bem-estar dos indígenas, mas também simboliza a ação dos jesuítas naquele espaço. A devoção típica de sua região é um meio de marcar a trajetória pessoal do jesuíta, ao mesmo tempo em que é cumprido o desígnio da instituição da qual faz parte.

Os capítulos XI e XII tratam dessa devoção à Virgem de Oettingen. O sacerdote destaca seu benefício à cura dos vitimados pela peste, na terra que, nas palavras do autor, “*ainda não conhecia os nomes de Galeno (129-217) e Hipócrates (460-377 a.C.)*”³⁶. Uma interessante junção entre a necessidade do conhecimento científico e da fé trazidos pelos missionários.

A viagem santificadora da Virgem precisa ser conhecida pelos europeus, para que saibam do alcance da emanção dos favores marianos que atravessaram o Oceano até os confins do Paraguai.

Em *Trabalhos Apostólicos*, apesar do termo *peregrinação* não estar definido, temos sua viagem narrada, com elementos comuns aos inicianos. São indicadas as populações, ordenadas e classificadas, e os milagres e sua trajetória até a região da missão que santifica a terra e comprova a Fé do missionário.

A descrição privilegia as missões, sem considerar povos não reduzidos. Os indígenas que não estavam dentro do mundo missioneiro são descritos de maneira menos detalhada. O objetivo é descrever o mundo das missões. São relatos do trabalho e o cotidiano das missões, com destaque para a exortação e instrução ao cultivo de terras, que ocorre no espaço rigidamente ordenado pelos sacerdotes, em subordinação ao poder secular.

³⁵ Artur H. F. Barcelos, *O mergulho no seculum...* op. cit. 482

³⁶ Antônio Sepp, *Viagem às missões...* Op cit.. p. 111-112

As *observationes* também são elementos para a compreensão da descrição geográfica dos jesuítas. A partir delas, a Companhia se legitimou e também tentou validar o modelo de seu procedimento entre os povos americanos, que pelo mau uso de sua razão, necessitou da tutela dos sacerdotes.

Essa ligação entre a cristianização dos povos e a curiosidade europeia está entrelaçada na produção jesuítica em todas as missões, de modo que não há como diferenciar onde acaba a edificação da Fé pelo testemunho e onde começa a descrição para a curiosidade do público leitor, ou como é explícito em alguns casos, a resposta aos ataques aos jesuítas e ao poder espanhol na América.

Um exemplo do uso dessas características é a produção do sacerdote incumbido de historiar a trajetória da Companhia de Jesus: padre Pedro Lozano (1697–1752).

Em 1733 é publicada sua obra *Descripción Corografica del Gran Chaco Gualamba*, com o objetivo de apresentar o Chaco, região da *quarta parte* do mundo, a América, e seus grupos de quase inumeráveis habitantes, conhecidos pelo esforço dos missionários, determinantes para o benefício da região³⁷.

Apesar da exaltação aos jesuítas, a presença do poder espanhol também está reforçada, com um elogio a Felipe V (1683-1746), rei da Espanha entre 1700 e 1746, que estimulou o estabelecimento de missões na região. A descrição da região é o palco da História da evangelização desde as primeiras tentativas de 1589 até os conflitos dos *comuneros* do século XVIII.

De modo semelhante, em sua obra sobre História do Paraguai fala da conquista de uma terra ainda nas brumas do desconhecimento sendo vencida pela tenacidade inaciana da fundação da Província até o século XVIII³⁸.

A obra do padre Lozano traz um Paraguai mais ligado aos interesses espanhóis. Sua produção bibliográfica toda se pauta por esse objetivo. Sua história inicia com a evangelização da região, propagando-se a partir das primeiras incursões dos inacianos na região e segue com a fundação da Província Jesuítica do Paraguai, até o fim do provincialado do padre Diego Torres Bollo. Lozano tem

³⁷ Pedro Lozano. *Descripción Corográfica del Gran Chaco Gualamba*. San Miguel de Tucuman. Inst. De Antropologia. 1941. p. 13-15

³⁸ Pedro Lozano. *História de la Compañía de Jesus*. 2v. Madri. Manuel Fernández..1754

ainda, um livro sobre a conquista da Região do Prata e Tucumã, com uma obra bastante voltada à exaltação do poder espanhol na região³⁹.

Fora do mundo espanhol, padre Pierre François Xavier de Charlevoix (1682-1761) escreveu sua História do Paraguai a partir das obras e correspondências circulantes nos quadros da Companhia de Jesus. Atuou como missionário na América Francesa e escreveu a História da região, publicada em 1744, além de produzir obras sobre o Japão e Santo Domingo⁴⁰.

A descrição da região no livro de Charlevoix conta com a inserção do mapa de 1756, produzido por Jacques Bellin (1703-1772), hidrógrafo real e engenheiro geógrafo da Marinha francesa⁴¹. Também valeu-se de obras pregressas sobre o Paraguai, como a produção dos padres Montoya e Del Techo, e realizou um trabalho que não fugiu ao modelo de seus contemporâneos.

Na condição de súdito francês, não exaltou a submissão da missão ao poder espanhol, preferindo sublinhar o valor do trabalho jesuítico. Como era comum nas obras sobre a região, negou as ambições de poder temporal. O Paraguai descrito por Charlevoix é muito mais voltado ao leitor da França, e o autor tenta mostrar o trabalho exemplar das comunidades dirigidas pela Companhia de Jesus.

Ainda fora dos domínios do Rei Católico, o padre Ludovico Muratóri, em seu *Il Cristianesimo Felice nelle missioni de padri della Compagnia di Gesu nel Paraguai*, em 1743, coloca a edificação da fé e a curiosidade como duas justificativas de sua obra, na qual procura fazer uma descrição completa da vida nas Missões entre os indígenas, tão distante da realidade dos leitores do idioma italiano:

Allorchè io mi proposi di compilar l'operetta, Che ora presento al Pubblico, m'immaginai di poser procurare a i Lettori Italiani um pascolo gustoso all'onesta loro curiosità, e due piaceri nello stesso tempo. Il primo, e

³⁹ Pedro, Lozano. *Historia de la conquista del Paraguay*, Rio de la Plata y Tucuman. 5v. Buenos Aires. Imprenta Popular. 1942

⁴⁰ François Charlevoix. *Histoire du Japon: ou l'on trouvera tout ce qu'on a pu apprendre de la nature & des productions du pays, du caractere & des Coûtumes des Habitants, du Gouvernement & du Commerce, des Révolutions arrivées dans l'empire & dans la Religion; & l'examen de tous les Auters, qui ont écrit sur le même sujet*. Paris. Chez Nyon Fils. 1754. *Histoire et description générale de la Nouvelle France, avec le Journal historique d'un Voyage fait par ordre du roi dans l'Amérique septentrionale*. 5v. Paris. Rolin Fils. 1744. *Histoire De L'isle de Espagnole ou de S. Domingue: Ecrite particulièrement sur des Memoires du P. Jean-baptiste le Pers, Jesuite*, 3v. Paris. Chez Didot. 1731

⁴¹ Jacques Nicolas Bellin. *Carte du Paraguay*. In: *Le Petit Atlas Maritime: recueil des quatre parties du monde*. Paris. S. Bellin .1756. (disponível em: http://purl.pt/103/1/catalogo-digital/registo/062/062_ca61v_60.jpg)

meno importante, si é quello, Che ordinariamente si prova in leggere i libri de viaggiatori, si è quello, Che ordinariamente si pruova in leggere i Libro de Viaggiatori, non dico di color, Che mischiano Il Romanzo ne' loro Viaggi, ma di quegli scrittori, Che fedelmente descrivono i paesi da lor veduti, e sonno giudicar saggiamente delle cose, Che veggono, se non costasse fática, pericoli, e gravi, spese Il viaggiare, pochi ci sono, Che non amassero di scorrere e conoscere vari paesi, e di osservare i diversi costumi de popoli della Terra. Giacché ciò ordinariamente non è a nos permesso, facciam sesta almeno, allorchè chi há in persona fatti qué viaggi, si piglia la cura d'informacene, col condurre noi, per così dire, o colla você, o com Libri a mirar senza fática le lonta contrade, le buone o ree lor qualità, e qual governo, e maniera di viveri ivi sai in uso⁴².

As *observationes* dos jesuítas têm valor pela busca de uma descrição não fantasiosa de uma realidade vivida e não apenas analisada. Sempre é claro, sob o ardor missionário, que a toda obra justifica.

A obra de Muratóri foi publicada em uma época de aumento dos ataques do trabalho missionário no Paraguai e de questionamento acerca de sua atividade em todas as partes do mundo de maneira muito contundente. Por isso, sua experiência, adquirida dentro das terras inóspitas passaram a ser crescentemente valorizadas no decorrer do século XVIII.

Ainda sobre a atuação missionária, fornecendo informações de terras distantes seguindo a linha de argumentação dos relatos inicianos, foram elaboradas no Colégio *Louis Le Grand* as *Lettres edificantes et curieuses*, uma série de obras que a partir dos textos da correspondência jesuítica mostravam à Europa um Paraguai idealizado, dentro das perspectivas inicianas, em universo ordenado segundo os ideais cristãos e o ordenamento dos Exercícios Espirituais⁴³.

Conforme será demonstrado adiante, essas obras foram uma arma no combate entre a Companhia de Jesus e seus detratores influenciados pelas concepções iluministas. Essa atuação também parte da vivência missionária, na

⁴²Ludovico Antonio Muratori. *Il Cristianesimo Felice nelle missioni de padri della Compagnia di Gesu nel Paraguai*. Veneza. Giambatista Pasquali. (1745) 1763. p. 2.

⁴³Adrien Paschoud. *Le monde amérindien au miroir des Lettres edificantes et curieuses*. Paris. Voltaire Foundation. 2008 p. 129-130

defesa dos jesuítas na Europa ilustrada, numa representação idealizada das virtudes cristãs dos missionários.

.....

No que se refere à representação do espaço em seus aspectos técnicos, os jesuítas do século XVIII trabalham de acordo com a exigência e costumes da época, conforme se observa nos relatos das viagens de reconhecimento e descrições, seja ao serviço da Companhia ou da Coroa Espanhola, ávido por informações mais detalhadas provenientes dos missionários que atuavam nas regiões distantes dos centros do império espanhol.

Bons exemplos das *observações* jesuíticas são as viagens às terras ao sul de Buenos Aires pelos padres Jose Cardiel, Matias Strobel e José Quiroga, que se empenharam na aferição deste espaço, a serviço do império espanhol, sob a dupla justificativa do reconhecimento das terras e da busca por almas.

Os padres envolvidos nessa viagem formavam um grupo plenamente capacitado para esse tipo de empreitada. O Padre Matias Strobel detinha o conhecimento dos idiomas indígenas. Os outros religiosos primavam pelo conhecimento técnico necessário para o reconhecimento das regiões. José Cardiel, produtor de alguns mapas e experiente nas missões americanas, tinha condições de participar de uma viagem de descrição dessa natureza. O último sacerdote a ser citado, José Quiroga, conforme será demonstrado adiante, teve experiência no ofício de piloto antes de sua entrada na vida religiosa.

Esse empreendimento era muito diferente das experiências entre os guaranis, de assentamentos estáveis e com boa oferta de recursos naturais. Dessa situação adversa resultou a opção do deslocamento marítimo, feito pela costa dos Patagones, em busca de localidades para novas reduções, idealizado pelo procurador geral da Província Jesuítica do Paraguai, o sacerdote Juan José Rico, em 1743⁴⁴.

Os viajantes não adentram nas terras, por insegurança em relação aos nativos. Mesmo assim, um mapa é produzido, dentro dos procedimentos da época,

⁴⁴ Arthur H. F. Barcelos. *Mergulho no Seculum...* Op. cit. p. 249

tendo como referência para a medida das longitudes a Ilha do Ferro, como era comum no trabalho da Companhia de Jesus. O trabalho tem teor técnico e se enquadra no esforço espanhol de expansão ao sul, na viagem ao estreito de Magalhães em 1745⁴⁵.

⁴⁵ José Cardiel. *Diário del Viaje y misión al Rio del Sauce realizado em 1748 (1748)*. Buenos Aires. Ed coni. 1930.

1.2 Os mapas e a Conquista Espiritual

Outro aspecto dos trabalhos jesuíticos é o uso dos mapas nas questões territoriais. O conhecimento dos padres foi essencial para os acertos do Tratado de Madri. A Conquista Espiritual gerou um conhecimento que depois seria utilizado pelos Impérios Ibéricos para um arranjo de forças contra a própria Companhia.

O mapa atribuído ao padre José Cardiel, feito no ano de 1752 e que antecedeu o início das guerras guaraníticas demonstra a situação delicada das missões no Tratado de Madri e a intencionalidade do sacerdote em deslocar a linha de Tordesilhas de modo a ampliar os domínios espanhóis.

Cardiel, conforme podemos perceber em suas obras, foi um dos autores jesuítas que mais se opôs à divisão das terras acordadas em 1750 no Tratado de Madri. Sua voz se diferenciou da maioria dos sacerdotes de sua época, que preferiram a neutralidade.

O posicionamento firme do missionário diante da ordem do Geral Padre Inácio Visconti (1682-1755) para que em “santa obediência” não se fizesse comentários sobre o tema, o levou a escrever ao visitador Luis Altamirano, cobrando uma firmeza maior da Ordem frente à atuação da Companhia⁴⁶.

A atribuição da carta de 1752 a Cardiel feita por Guillermo Furlong em sua obra clássica sobre a cartografia platina é perfeitamente cabível⁴⁷. O mapa está em acordo com o que o sacerdote defendeu em suas obras: a validade da ação jesuítica no poder temporal das missões e a evangelização em consonância com o poder espanhol. Tem intenções de propaganda contra o domínio português na região.

Não é um mapa de apurado rigor técnico. Como já foi apontado, não há detalhes de hidrografia, como em outros trabalhos de membros da Companhia de Jesus e há desconhecimento do litoral do atual Rio Grande do Sul⁴⁸. A existência de um espaço missioneiro jesuítico já estava presente de modo rudimentar em mapas do século XVII, mas esse mapa o coloca bem delimitado, o que faz o historiador

⁴⁶Manuel Marzal. *La utopia posible: indios y jesuítas em la América Colonial*. Tomo I. Lima. Fondo Editorial-PUC 1992. p. 386-387.

⁴⁷Guillermo Furlong. *Cartografía Jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires. Facultad de Filosofía Y Letras. 1936. p. 78

⁴⁸ Artur H. F. Barcelos. *O mergulho no seculum*. op. cit. p 301.

Artur Barcelos apontar nele a origem da ideia gráfica do espaço missioneiro jesuítico entre os guaranis⁴⁹.

Nesse mapa de limites, o autor também expõe os limites da ação da Companhia de Jesus, naquelas que, segundo os escritos jesuíticos, foram as mais bem sucedidas da Ordem em obras posteriores. Não há como entender o mapa sem colocá-lo em relação com a produção escrita do sacerdote.

Duas obras de Cardiel merecem destaque por tratarem da descrição da organização das missões, e, conseqüentemente passarem pela questão espacial: *Declaración de la verdad* (1758) e a *Breve relacion de las misiones del Paraguay* (1771)⁵⁰.

Em “*Declaración de la verdad*, o autor responde ao libelo *Relação Abreviada* [...]”⁵¹, obra atribuída ao ministro Sebastião José de Carvalho e Melo, Conde de Oeiras e futuramente Marquês de Pombal, (1699-1782). Ao mesmo tempo, explana sobre o trabalho na Província do Paraguai e defende a atuação jesuítica no Maranhão. Cada uma com suas especificidades, são, como defende Cardiel, regiões que contaram com um trabalho legítimo da Companhia de Jesus.

A obra teve circulação restrita entre missionários e autoridades coloniais, sob aprovação provincial. Só foi publicada em 1900, com uma introdução do estudioso jesuíta Pablo Hernandez⁵².

O espaço e o conhecimento aparecem na obra, sobretudo nos capítulos X e XI. Cardiel nomeia os povos da região, destacando seu descuido ao que é temporal e a falta de organização e previdência dos nativos. No capítulo XI, *Porte y gobierno temporal de los indios*, há também uma descrição das vivendas dos indígenas e da planta das missões, de maneira similar a outras obras, como por exemplo a supra-citada obra do padre Antonio Sepp.

⁴⁹ Artur H. F. Barcelos. *Mergulho no Seculum* op. cit p. 301

⁵⁰ Jose Cardiel. (Hernandez, Pablo). *Declaracion de la verdad, contra um libelo infamatório impresso em Portugues contra los PP. Jesuítas misioneros del Paraguay y Marañon*. Buenos Aires. Juan Alsina. 1900 (1758). Cardiel, Jose. *Breve relación de las misiones del Paraguay*. Buenos Aires. Secretaría de Cultura de la Nación. 1994 (1771).

⁵¹ *Relação Abreviada da Republica, que os religiosos jesuítas das Províncias de Portugal, e Hespanha estabelecerão nos Domínios Ultramarinos das duas Monarchias, e da guerra, que nelles tem movido, e sustentado contra os Exercitos Hespanhoes, e Portuguezes; Formadaa pelso registos das Secratias dos dous respectivos Principaes Commissarios e Plenipotenciarios; e por outros Documentos Authenticos*. 1757. Reeditada em: *Jornal do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*. Nº 15. Rio de Janeiro. p. 265-285. 1842

⁵² Pablo Hernandez. *Introducción*. In: *Declaración de la verdad op. cit.* p. 7-143

A partir disso, Cardiel defende a intervenção da Companhia na organização dos povos, justificando a interferência nas questões temporais:

Quando los indios de nuestros pueblos tienen la economia suficiente para su manutención, aunque corta, lo PP. .poco ó nada cuidan de lo temporal, como sucede em algunos pueblos de México y del Peru. Todo el empenho es em lo espiritual. Cuando su economia es alguna, pero no la suficiente, cuidam mucho más de ejercitar las obras de misericórdia corporales, cuidando de sus haciendas, de los haberes comunes, etc., dirigiendolos en los tratos, enseñandoleos todos los ofícios repúblicos; y si no se hace asi, no habrá asistencia à la iglesia y á las obligaciones de cristianos⁵³.

A descrição da organização espacial é sucedida pela discussão do comportamento pouco providente dos índios, acusados de não guardar o que ganham, e pela descrição da infantilidade dos indígenas. Para a confirmação desse aspecto indígena, Cardiel cita autores que tiveram contato com a América, mas não estiveram no Paraguai: Dom Antonio de Ulloa (1716-1795), autor de *A voyage to South America*, que não atingiu as terras do Paraguai em sua viagem à América do Sul (1758)⁵⁴, e Charles-Marie de La Condamine (1701-1774). Cardiel uniformizou a realidade desses grupos indígenas, citando relatos de regiões bastante diferentes.

Cardiel, que já havia vivido nas reduções do Paraguai, entre os Abipones e Mocobies no Chaco, os charruas, pampas e serranos, e por fim, no período próximo da expulsão de sua Ordem dos domínios espanhóis e na posterior supressão da Companhia manteve sua pena ativa nos embates contra os detratores do trabalho dos religiosos na América⁵⁵.

A defesa do trabalho de missão é muito forte na descrição de Cardiel, que apresenta os membros da Ordem como uma força do império espanhol nas distâncias e no trabalho com os cativos.

⁵³ Jose Cardiel. *Declaracion de la verdad.. op. cit..* p. 271

⁵⁴ Antonio Ulloa. *A Voyage to South America*. Dublin. Macenæ Hed. 1758.

⁵⁵ Maria Cristina Bohn Martins. Jose Cardiel. Trajetórias de Viagem. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro. 2009. nº 443. pp. 57-86

Em 1771, em *Breve Relación de las Indias*, os temas são mais aprofundados. Já no exílio em Faenza, a obra é marcada pelo lamento do desterro de 1768, e nela é discutida com mais força a existência de um “Estado dentro do Estado”, polêmica reforçada ainda mais por obras como *Reyno Jesuitico del Paraguay*, de Bernardo Ibañez Echavarri⁵⁶, contra a qual Cardiel se opôs, com a mesma postura da época do Tratado de Madri.

Na segunda metade do século XVIII, a valorização da luta contra as distâncias aparece no contexto do Chaco. Se entre os guaranis o espaço era plenamente conhecido e as populações já estavam, ao menos nas palavras jesuíticas, plenamente assimiladas com a vitória da evangelização, ao norte, temos a última região de expansão missionária antes da expulsão dos sacerdotes.

A região denominada *Chaco*, segundo o padre Pedro Lozano, teria sua jurisdição eclesiástica delimitada entre latitude e os confins do arcebispado de *Chuquisaca* ou *La Plata*, até a diocese do Paraguai. Em longitude, o marco é a *Província de Santa Cruz de La Sierra*⁵⁷. Sua grandiosidade foi o mote para que fossem trazidos à tona os mesmos lugares comuns do início do trabalho do Paraguai. O enfrentamento da terra inóspita é um deles e está presente nas páginas da obra de descrição do padre Lozano.

A obra de Lozano retrata a entrada no *Chaco* como uma realização impossível sem a Companhia de Jesus, essencial para a descrição do grande Paraguai, conforme será demonstrado no próximo capítulo. Ele oferece a obra à curiosidade do leitor cristão, em que retratará a entrada no Chaco, iniciada na incursão de Padre Pedro Romero e que, ao longo da história, por muitas vezes não continuou devido ao número reduzido de ministros⁵⁸.

Mais ao norte, entre os Chiquitos, o Padre Juan Patricio Fernandez no capítulo IV de sua obra traz as dificuldades da vida do padre Joseph Arce entre os

⁵⁶ Bernardo Ibañez Echavarri. *Reyno jesuítico del Paraguay*. In: Cardenas, Bernardino de. Colección General de Documentos tocantes á la tercera época de las conmociones de los Regulares de la Compañía en el Paraguay. Contiene El reyno jesuítico del Paraguay, por siglo y medio negado y oculto, hoy demonstrado y descubierto. Su autor D. Bernardo Ibáñez de Echavarri. Va añadido el Diario de la Guerra de los Guaranies, escrito por el P. Tadeo Henis. Tomo Quarto. Con licencia de el Consejo Extraordinario. Madrid. Imprenta Real de la Gazeta. 1770.

⁵⁷ Pedro Lozano. *Descripción Corográfica del Gran Chaco Gualamba* (1733). San Miguel de Tucuman. Inst. De Antropologia. 1941. p. 19.

⁵⁸ Pedro Lozano. *Descripción Corográfica...* op. cit. p. 13-14

Chiquitos, tanto pela conversão em si quanto pela dificuldade do trajeto. O território a ser transpassado pela peregrinação e observação está descrito nas cartas como regiões que serão contatadas a partir dos centros irradiadores da Companhia nas cidades e reduções⁵⁹.

A obra de Fernandez foi publicada pelo procurador da Província Jesuítica do Paraguai, o padre Jerônimo Herrán, em 1726, tendo surgido posteriormente edições em alemão e italiano. A obra contém uma narrativa dos martírios da região e a fundação das reduções entre os povos, não fugindo da regra da produção jesuítica⁶⁰.

Entre os abipones, o padre Martin Dobrizhoffer toma caminho semelhante, com maior preocupação com detalhes geográficos e discussões acerca do apuro das obras circulantes na Europa sobre povos e terras americanas⁶¹.

Em *História de los abipones*, o Paraguai ainda remete às descrições do século XVII feitas pelo padre Nicolás Del Techo (1674) e do padre Antonio Ruiz de Montoya (1640). O que é realçado aqui é a cientificidade da obra, que se ampara na exatidão dos mapas e na experiência *in loco* dos sacerdotes, como também se observou na obra de José Jolis sobre o Chaco, publicada em 1789, produzida em exílio, na qual se primou pela descrição de fauna e flora, fazendo uma defesa do continente americano e se colocando definitivamente nas polêmicas do Novo Mundo.

Sanchez-Labrador e Jolís se inserem em um quadro maior de obras de missionários exilados na América na Itália, as quais ofereceram respostas implícitas ou explícitas aos escritos de Buffon, De Pauw ou Raynal. Essas produções de História Natural e Geografia tiveram grande circulação na Itália no último quarto do século XVIII, conforme será tratado posteriormente neste trabalho⁶².

A dimensão da viagem/peregrinação está presente nessa obra, conjugada com relatos de cunho mais intelectual. A obra, mais etnográfica trata a geografia de modo parecido com as demais aqui citadas, mas com maior rigor científico,

⁵⁹ Juan Patricio Fernandez. *Relacion Historial de Las Misiones de Indios Chiquitos*. Madri. V.Suarez. 1895

⁶⁰ Manue Marzal. *La Utopia Posible...* op. cit.. Tomo I. p. 423

⁶¹ Martin Dobrizhoffer. *História de los abipones*. 3 (1784) v. Resistencia. Universidade Nacional del Nordeste. 1967

⁶² Miquel Batllori. *La Cultura Hispano-italiana de los jesuitas expulsos*. Españoles – Hispanoamericanos – Filipinos. Madrid. Editorial Gredos. 1966. p.587-590

Um último autor a ser citado nesta relação é o padre Florian Paucke (1719-1780). Em sua obra *Hacia Allá y para cá* [...]⁶³, o missionário polonês relata sua experiência com imagens que retratam os modos e costumes dos Mocobies. O relato de Paucke é uma obra inserida nas contendidas do século XVIII. O aspecto etnográfico da obra é mais conhecido, sendo fartamente utilizado como uma das grandes fontes sobre os estudos do Chaco, em que o autor não se vale de mapas, lançando mão de ilustrações sobre sua estada entre os mocobies.

O mundo descrito por palavras e mapas é de um espaço ordenado, fruto de uma travessia missionária para a inserção de valores e da graça divina. A trajetória desses autores não se restringe à missão. A narrativa abarca a trajetória da própria Companhia, transcendendo os indivíduos. Apesar da possibilidade de se contemplar as histórias particulares nesses livros e relatos, o formato que prevalece é bastante homogêneo nas diversas narrativas.

Na segunda metade do século XVIII, as obras fazem uma defesa da atuação do Paraguai e as áreas de expansão missionária, que já fazem parte da crise que culminou na expulsão.

O espaço descrito tem prioridades que mudam no final do século XVIII, com obras que privilegiam a cientificidade na descrição do espaço. Há uma adaptação do discurso. Não se deixa de lado a dimensão do trabalho evangelizador, mas há o crescimento da tentativa de exatidão da geografia, no mesmo compasso que as obras científicas da época.

Nas obras aqui elencadas, a Companhia de Jesus trata o território enquanto instrumento de civilização/cristianização. O espaço jesuítico nessas obras que alimentaram os mapas do Século das Luzes correspondia ao império espanhol. A questão inaciana é a busca pela civilização dos cativos e da conquista de suas consciências. A produção de mapas, recente na maioria dessas obras serviu à esse objetivo e para a defesa dele diante dos detratores.

Fazer mapas era uma necessidade na obra espiritual da Companhia de Jesus, que abarcava também o aspecto intelectual, além é claro, do essencial conhecimento das regiões acessadas pelas missões, essa “instituição de Fronteira dos Impérios Ibéricos”.

⁶³ Florián Paucke. *Hacia Allá y para cá. Uma estada entre los indios mocobíes (177?)*, 4v . Tucuman/Buenos Aires. Universidade Nacional de Tucuman/Institucion Cultural Argentino-Germana. 1942

Esse trabalho exigia formação e acesso a certos conhecimentos, que aparentemente fogem à formação de um sacerdote. E isso será tratado no próximo item deste trabalho.

1.3 A formação e a produção intelectual do jesuíta

Qual era o lugar da cartografia na formação intelectual do jesuíta? Existia uma orientação a esse ofício na formação dos sacerdotes?

Este item tratará da formação dos missionário e suas trajetórias na Companhia de Jesus além do lugar dos ramos do conhecimento que estão relacionados aos trabalhos de produção de mapas no percurso dos missionários envolvidos com a Geografia.

Os estudos praticados pelos jesuítas, em toda a sua abrangência, reflete a universalidade de seu apostolado, que não fixava limites ao seu campo de ação, e norteou a elaboração de seu modelo de ensino⁶⁴. A Companhia elaborou uma formação que acabou por ser essencial aos jesuítas, que estiveram presentes em debates científicos em toda a existência da Companhia, em situações que aparentemente escapariam da atuação de uma ordem religiosa, mas estavam baseadas na concepção inaciana da atuação em campos diversos para a maior glória de Deus.

Em 1548, em Messina, Jerónimo Nadal (1507-1580) elaborou orientações sobre o ensino de matemática que se tornaram paradigmas no interior da Companhia. Foi previsto um espaço considerável para a matemática, que seria contemplada com dois anos de estudo na formação jesuítica⁶⁵.

O Colégio Romano, modelo para o ensino de todos os outros da Ordem, teve seu plano de ensino formulado em 1553 por seu primeiro reitor, Martino de Olave. Começa aí a preocupação com um modelo a ser seguido por toda a Companhia, e esse ponto de referência foi crucial.

O trabalho do sacerdote bávaro Cristovão Clávio (1538-1612) foi fundamental para a delimitação da matemática e suas ciências mistas dentro da formação intelectual do jesuíta. Em sua formação, foi influenciado pelo trabalho do português Pedro Nunes (1502-1578), quando Clávio, entre 1556 e 1560, foi aluno no Colégio da Companhia de Jesus na cidade de Coimbra.

⁶⁴ Antonella Romano. *Modernidade da Ratio Studiorum. Plano Racional dos estudos: Gênese de um texto normativo e compromisso com uma prática docente*. In: *Tradição jesuítica. Pedagogia, espiritualidade, missão*. São Paulo. Ed. Loyola. 2006. P. 54

⁶⁵ Antonella Romano. Idem. p. 60

Cristóvão Clávio trabalhou para que a matemática conseguisse um estatuto mais elevado para os professores da Academia e um papel autônomo para esse ramo do conhecimento junto à filosofia e a teologia. Para isso, produziu uma defesa da matemática, que foi importante para a maior dedicação ao estudo desse tipo entre os jesuítas. Sua obra não previa a elaboração de mapas, mas abriu caminhos para o desenvolvimento dessa atividade nos quadros da Companhia nos anos posteriores.

A matemática foi a área que mais teve estudantes dedicados integralmente ao seu estudo, conforme pode ser observado no número de especialistas pertencentes a essa área na Universidade de Wurzburg⁶⁶, tradicional centro de formação dos jesuítas alemães, que teve como professor no século XVII o renomado Padre Athanasius Kircher. O conhecimento dos números era também uma forma de combate do catolicismo romano na região.

O ensino na Ordem alcançou uma magnitude que não estava planejada pelo grupo fundador. Apesar disso, o aumento da dedicação ao trabalho nessa atividade transformou a Companhia de Jesus na primeira Ordem docente do mundo moderno.

A *Ratio Studiorum* não dá orientações específicas, tende a algo mais geral, o que era comum na época. Essa abertura mostra que a formação dos inicianos poderia variar de uma província a outra, o que diferencia os direcionamentos dos estudos nas distintas realidades de missionação.

A Companhia de Jesus buscava afirmação de sua identidade, ao mesmo tempo que prescreveu um modelo de ensino não baseado na homogeneidade, como Antonella Romano mostrou no caso francês⁶⁷.

Em contraponto, há modelos de interpretação que pensam os jesuítas como integrantes de uma instituição mais homogênea, sendo perfeitamente possível um estudo prosopográfico a partir dos indivíduos, tendo como maior expoente a obra de Steven Harris⁶⁸.

Os jesuítas, segundo esse modelo de interpretação, resistiram à dualidade do privado e do público, sendo que esses religiosos não teriam uma vida privada, ao

⁶⁶William Clark. *The Prosopography of Science*. In: *Cambridge History of science*, v. 4. Cambridge. University Press. 2006. p. 219.

⁶⁷Antonella Romano. *Le Contre-Reforme Mathématique. Constitution et diffusion d'une Culture Mathématique Jesuite a la Renaissance (1540-1640)*. Roma. École française de Rome. 1999.

⁶⁸Steven Harris. Transposing the Merton Thesis: apostolic Spirituality and the establishment of the Jesuit Scientific tradition. In: *Science in Context* 3 p. 29-65. 1989.

menos na concepção contemporânea. Dessa forma, os jesuítas cientistas poderiam ser reduzidos a suas biografias profissionais, servindo como modelo para a compreensão do trabalho de toda a instituição⁶⁹.

Em artigo, Harris compara a Companhia de Jesus e a Companhia das Índias Orientais da Holanda, duas instituições fundamentais da Idade Moderna, que teriam funcionado dentro de um modelo nomeado pelo autor como “Corporação de Longa Distância”, com características comuns, e foram a garantia do sucesso da atuação em escala planetária dessas instituições⁷⁰.

Entre essas características, duas em especial fizeram da Companhia de Jesus uma força de vanguarda da época moderna: a meritocracia e a mobilidade. Harris faz uso da “Geografia do Conhecimento”, utiliza uma análise da circulação de conhecimento e a dinâmica de sua produção.

A abordagem voltada à prosopografia também chama a atenção à mobilidade dos estudantes jesuítas. Esse seria um meio de impedir qualquer regionalismo dentro da instituição, dando à “ciência jesuítica” um caráter cosmopolita e internacional⁷¹.

Sua abordagem defende uma rede de relações em que o centro seria a Europa e, a borda, o missionário, em um acúmulo de informações que privilegiava o uso interno da Companhia e, secundariamente, poderia ser usado pela Ordem em debates para audiências externas.

O modelo proposto por esse grupo de autores não abarca alguns pontos importantes da produção cartográfica da Companhia de Jesus do século XVIII.

A formação era variada conforme as possibilidades e demandas de cada unidade da Companhia de Jesus. No caso da América Espanhola, as demandas locais ditavam a produção dos colégios, e tal como pode ser visto, o trabalho dos jesuítas na região visava à formação da elite e à educação indígena, não havendo grande produção científica, como no caso asiático, famoso pelo conhecimento matemático dos missionários, que contavam com nomes como Mateo Ricci (1552-1610), Johann Adam Schall von Bell (1591-1666) e Ferdinand Verbiest (1623-1688).

⁶⁹William Clark. Prosopography... op. cit. p. 219

⁷⁰Steven Harris. Long-Distance Corporations, Big Sciences, and the Geography of Knowledge. In: *Configurations*. Vol. 6, n. 2. . Johns Hopkins University Press. Baltimore. 1998

⁷¹William Clark. Prosopography...Op. cit. p. 219

Conforme será demonstrado no caso da Geografia, podemos perceber grandes variações nas trajetórias dos padres envolvidos com a elaboração de mapas, o que nos faz afirmar que o contexto específico da América não pode ser interpretado dentro das perspectivas propostas por Steven Harris.

Foi necessário aos padres o conhecimento das técnicas de descrição e representação das terras, essencial à ação jesuíta. Para isso, então, aplicaria-se o conhecimento da matemática. Como homens da Idade Moderna, os jesuítas compartilhavam a concepção clássica desse ramo do conhecimento, como ciência da quantidade mensurável e numerável. Essas ciências, por sua vez, se dividiam em *puras*, como geometria, aritmética, algebra, trigonometria e logarítmica. Havia também as não puras ou mistas, que consideravam a quantidade “vestida e acompanhada de algum acidente ou afeição sensível” e que, por isso, eram consideradas também ciências físico-matemáticas. Entre elas estavam música, mecânica, estática, óptica e a cosmografia, com seus ramos fundamentais: a astronomia ou ciência dos corpos celestes, e a geografia, ou ciência da Terra⁷².

A produção de conhecimento na Companhia de Jesus tem sido revista pela historiografia nas últimas décadas, procurando repensar o lugar da Ordem na produção científica, repensando as antigas concepções do obscurantismo jesuíta.

Esses estudos contrastam com aqueles mais antigos, que apontam uma incompatibilidade entre o trabalho da Companhia de Jesus e a atividade científica. Neles, a produção dos membros da Ordem, apesar do volume e relevância, são retratados como casos de exceção ou ocupam um espaço subalterno, descolados dos debates científicos de sua época⁷³.

Ao mesmo tempo, os estudos mais recentes avaliam com mais rigor a historiografia institucional, que ressalta, a relevância do trabalho jesuítico na América com o objetivo de defender o valor da instituição. É o caso da extensa obra de Guillermo Furlong, que coloca a Companhia de Jesus como pioneira e principal

⁷²Horácio Capel. La Geografía como ciencia matemática mixta. La aportación del Círculo jesuítico madrileño en el siglo XVII. In: Geo Critica. *Cuadernos Críticos de Geografía Humana*. UB. Barcelona. Ano V, número 30. 1980. (Em: <http://www.ub.edu/geocrit/geo30.htm>) Acessado em 25/6/2011.

⁷³ Willian Clark. Prosopography... Op. cit. p. 219

protagonista das diversas atividades científicas produzidas nas áreas que corresponderiam ao Vice-reino do Rio da Prata⁷⁴.

Os cartógrafos inicianos não tinham formação padronizada. Não havia uma escola ou aulas específicas sobre o tema. Apesar disso, o zelo pela matemática é presente e é abrangido pelas “aulas de esfera”, que perpassaram séculos e foram constantemente modificadas.

Os produtores de mapas tiveram trajetórias que têm poucos aspectos comuns. Não havia um caminho diferenciado para o ofício de cartografia, sendo um trabalho motivado por contingências específicas que não tinham, pelo menos no primeiro momento, espaço em um projeto maior dos religiosos.

O caso americano é bastante claro ao mostrar a relevância das demandas locais e a relação da Companhia de Jesus com o poder dos impérios aos quais aquelas estavam submetidas. No caso mais específico dos Jesuítas da Província jesuítica do Paraguai, a defesa do poder espanhol estava associada ao sucesso da evangelização e, conseqüentemente, ao êxito do trabalho de cristianização.

Ainda sobre a suposta diluição dos sentimentos nacionais e provinciais na formação dos membros da Companhia, muitos exemplos podem ser colhidos na produção por eles realizada. A circulação dos membros não impedia a subordinação dos sacerdotes a certas coroas em determinados contextos. O sucesso da Ordem e a defesa de suas posições não estão acima das tais circunstâncias. Com essas observações, torna possível pensar a atuação científica como um meio de atuação muito particular em cada caso de missão.

Harris propôs um sistema em que audiências externas e internas figuram bem separadas, o que não é aplicável em muitas atividades relacionadas aos mapas da Companhia⁷⁵. Nem sempre essas informações poderiam ser acessadas diretamente, ou os jesuítas, sempre pensando na posição da Ordem e sua inserção dentro do quadro imperial, muitas vezes prestaram serviços para o público externo, ocupando posição diferente do que a de uma “base de dados” a ser consultada por estudiosos.

Como exemplo, podemos citar a obra cartográfica dos padres Diogo Soares (1684-1748) e Domingos Capassi (1694-1736), realizadas na América Portuguesa,

⁷⁴Guillermo Furlong escreveu mais de mil livros, e a maioria sobre a Companhia de Jesus. Entre as obras sobre temas científicos, merece destaque: *Historia Social y Cultural del Rio de la Plata*. Buenos Aires. TEA. 3v.1969

⁷⁵ Steven Harris. Long-Distance Corporations... Op. Cit.

nomeados pela historiografia como “padres matemáticos”. Os mapas realizados por eles não eram apenas para o uso dos estudiosos da sede da Ordem em Roma ou para o abastecimento direto da rede de conhecimento formada pelos jesuítas. Foram trabalhos realizados para a Coroa Portuguesa, sob encomenda de Dom João V.

Nos domínios espanhóis, a produção cartográfica dos jesuítas teve muito mais volume, mas também confirma a diversidade dos interesses do trabalho geográfico da instituição. O modelo proposto por esse grupo de autores não abarca alguns pontos importantes da produção cartográfica da Companhia de Jesus do século XVIII.

Outro exemplo foi a viagem ao sul do continente empreendida pelos sacerdotes Jose Cardiel, Matias Strobel e José Quiroga em 1745 para reconhecimento das terras ao sul de Buenos Aires, foi uma iniciativa da coroa espanhola, que se valeu dos conhecimentos dos três missionários. Nesses casos não houve grande diferença no uso das atividades científicas em estâncias distintas, externa ou internamente. Também não há condição de pensar em uma identidade institucional tão forte a ponto de que a produção científica realizada em todos os momentos e em todas as regiões de missionação representassem integralmente os desígnios do generalato em Roma.

O conhecimento da missão, demanda maior dos missionários, também serviu como instrumento de uso da Coroa, principalmente em momentos de menor choque entre os interesses missionários e o governo.

1.4 Espaço platino e matemática

O ensino na região platina foi iniciado pelos franciscanos, em Tucumã, no ano de 1565, ou seja, anos antes da entrada dos jesuítas na região, e se propagou por Santiago del Estero, Salta, Jujuy, La Rioja e Buenos Aires.

Estudos diferenciaram as instituições em “escolas” e “colégios” sendo os do segundo tipo, voltados para uma preparação mais ampla, localizadas em cidades de maior importância: Buenos Aires, Santa Fe, Córdoba, Tucumã, Salta, Jujui, Santiago del Estero, La Rioja, Catamarca, San Juan, Corrientes, Mendoza e San Luis. Entre todos os colégios, o mais destacado foi sem dúvida o Colégio Máximo de Córdoba, que em 1621 obtém o breve papal permitindo a concessão de graus acadêmicos.

O saber matemático no espaço platino não foi exclusividade dos membros da Companhia de Jesus, mas foi com eles que essa atividade ganhou vulto e em seus centros de ensino foram dados importantes passos para o desenvolvimento dos estudos relacionados a essa área do conhecimento.

O Colégio Máximo de Córdoba foi um ponto de passagem de alguns dos sacerdotes que estiveram envolvidos nas atividades relacionadas à cartografia, mesmo que seu contato com as ciências fosse realizado de maneira mais rudimentar, sem o acesso a instrumentos mais elaborados, disponíveis na Europa, como no caso dos estudos pioneiros do padre Buenaventura Suarez (1679-1750).

Suarez nasceu em Santa Fé, e é tido como um dos primeiros astrônomos do hemisfério sul. Suas observações foram feitas com muitos instrumentos produzidos na América, com os poucos elementos de que ele dispunha.

A formação do padre Buenaventura Suarez foi integralmente realizada nos estabelecimentos jesuítas, como era costume da classe social da qual era originado. Seu ingresso na Companhia foi apenas em 1695. Antes disso já tinha interesse por astronomia, manifestado ainda em sua formação.

As observações por ele realizadas dos céus do hemisfério sul foram essenciais para a melhor localização das missões do Paraguai, sendo a matriz dos mapas da região. Esse esforço ainda é refletido em uma tabela dos ciclos lunares de

1740, produzida na Missão de Nossa Senhora da Candelária, o que mostra o estudo intenso de Suarez e sua tentativa de propagação de suas conclusões de estudo⁷⁶.

Suas observações dos eclipses lunares de Júpiter foram importantes para as medidas geográficas da América do Sul, pois ainda não havia um método mais preciso de aferição de longitudes, só melhor desenvolvida com a invenção do cronômetro por John Harrison (1693-1776), que produziu o primeiro protótipo de seu instrumento com êxito somente em 1735.

A cartografia da América do Sul foi tributária do trabalho de Buenaventura Suarez, em um exemplo da circulação de conhecimento dentro dos quadros jesuíticos. Conforme apontou Jaime Cortesão, as medições de longitude foram utilizadas por matemáticos do outro lado do Atlântico.

Suarez chamou a atenção por sua condição de santafesino, e por não ter recebido sua formação no Velho Mundo. Outros religiosos envolvidos com as medidas geográficas e astronômicas também tiveram caminhos inusitados e realizaram trabalhos de relevância na cartografia da América Meridional.

Nascido na Galícia (Espanha), o padre José Quiroga foi admitido na Real Escola Naval de Madrid e teve grande experiência de navegação. Apesar disso, o então piloto ingressa na Companhia de Jesus na Província Jesuítica de Castela. Nas missões da América, integrou o grupo enviado por Felipe V para as terras ao sul de Buenos Aires em 1745/1746, que acabou não resultando em descobertas significativas.

Sua atuação como professor em Córdoba foi marcante na História da Matemática na região platina, onde ocupou a cátedra por muitos anos, até se transferir para o Colégio de Belen, onde ficou até a expulsão dos jesuítas dos domínios hispânicos. Após isso, estabeleceu-se em Faenza, onde faleceu. Não há registro de produção sua no exílio.

Sua formação é citada nos relatos da viagem, que não se furtaram a citar os instrumentos levados por Quiroga, frisando sua condição de especialista no ofício⁷⁷.

O padre Quiroga também foi designado pela Coroa Espanhola para aferir os limites entre as terras de Portugal e Espanha na América, realizando um trabalho

⁷⁶Buenaventura Suarez. *Lunario de um siglo. Que comenzava em su Original por Enero del año de 1740, y acaba en diziembre de 1841*. Lisboa. Imprenta de Francisco da Silva. 1748

⁷⁷ Pedro Lozano. *Diario de un viaje a la costa de la Mar Magallánica en 1745, desde Buenos Aires hasta el estrecho de Magallanes. Formado sobre las observaciones de los PP. Cardiel y Quiroga*, Buenos Aires, Imprenta del Estado, 1836. p. 23

que depois foi utilizado para os acordos do tratado de Madrid. Seu mapa de 1749 acabou sendo utilizado pelos portugueses e comparado ao *Mapa das Cortes*, pois havia certas imprecisões de longitude que deixavam a Coroa Espanhola em prejuízo⁷⁸.

As medições de longitude realizadas por Quiroga foram a primeira tarefa sistemática de observação de longitudes da América Meridional, foi amplamente criticada posteriormente, sobretudo pelos erros cometidos nas longitudes da costa da América Portuguesa retratada no mapa⁷⁹.

Conforme apontou Guillermo Furlong, Quiroga foi encarregado pelos superiores da composição do mapa de 1749, para a ilustração da História do Paraguai de Pedro Lozano⁸⁰. O mapa foi criado essencialmente para a Companhia de Jesus e não como um mapa para demarcação dos domínios na América.

A elaboração desse mapa contou ainda com a ajuda do padre Manuel de Campos, citado por Furlong e identificado por Jaime Cortesão como um jesuíta português, que teria passado pelo Colégio Imperial de Madri, e tal como Quiroga, também fora oficial da Marinha antes de ingressar na vida religiosa⁸¹.

Teria sido o padre Manuel o indutor dos erros da carta de Quiroga, quando, segundo inferiu Jaime Cortesão, informou dados errôneos sobre a costa brasileira, levando Quiroga a produzir uma carta que beneficiou as ambições portuguesas na região⁸².

De qualquer maneira, é interessante notar os caminhos da produção jesuítica e o contato realizado entre jesuítas de províncias diferentes, que, independentemente de estarem às ordens da Companhia de Jesus, ou como quis afirmar Jaime Cortesão, obedecerem à política de segredo cartográfico da Coroa Portuguesa, mostram a possibilidade de intercâmbio entre irmãos de Províncias distintas.

Outro jesuíta essencial para a compreensão da matemática e da geografia na região platina e que, como Quiroga, obteve contato com o conhecimento relacionado

⁷⁸Mário Clemente Ferreira. O mapa das cortes e o tratado de Madrid: a cartografia a serviço da diplomacia. p. 53. In: *Varia Historia*, vol. 23, nº 37. P. 51-69. 2007

⁷⁹Jaime Cortesão. *História do Brasil nos Velhos Mapas*. Lisboa. Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 2009. Tomo II. p. 214

⁸⁰Guillermo Furlong. *Cartografia Jesuítica del...* op. cit. p. 73

⁸¹Guillermo Furlong. *El Padre Quiroga*. Buenos Aires. Instituto de Investigaciones Históricas de la Facultad de Filosofía y Letras. 1930

⁸²Jaime Cortesão. *História do Brasil nos velhos mapas...* op cit. p. 215ss

aos mapas antes do chamado vocacional, foi o inglês Thomas Falkner (1707-1784) que antes da entrada na Companhia de Jesus, foi cirurgião na Marinha britânica.

O trabalho no mar levou Falkner a obtenção de conhecimento astronômico, além, é claro, dos conhecimentos comuns do ofício. Em uma viagem, foi acometido por uma febre em Buenos Aires e tratado por membros da Companhia de Jesus, tendo seu primeiro contato com a espiritualidade inaciana. Posteriormente abjura do protestantismo e ingressa no catolicismo. Mais tarde se torna sacerdote jesuíta, professando os quatro votos.

Esse é mais um caso exemplar da inexistência na organização da Companhia de Jesus de um cartógrafo no sentido estrito do termo. Falkner tinha conhecimentos típicos de um jesuíta versado em geografia, ciência útil ao reconhecimento da natureza de fauna e das terras onde se desenrolou a Conquista Espiritual, sem ter recebido essa formação na Ordem ou ocupado um cargo específico para esse fim.

Os jesuítas possuíam geógrafos que respondiam uma demanda, valendo-se de recursos e conhecimentos acumulados da Instituição religiosa para o labor com os mapas. Guillermo Furlong tratou dessa questão ao apontar que, apesar da relevância da obra do padre José Cardiel, ele sequer é citado pelo provincial, quando este elenca os sacerdotes detentores de saberes matemáticos em atuação na Província Jesuítica do Paraguai no século XVIII. Quando em 1752, o Marquês de Valdelírios questiona o provincial José Barreda sobre quais padres com conhecimentos cartográficos havia na Província, são citados apenas José Quiroga e Inácio Chomé⁸³.

Furlong pôde perceber no documento a brecha deixada pelo provincial, porém, talvez em virtude do compromisso institucional que permeia sua obra, não tenha contemplado que essa omissão realmente pudesse ter sido causada pelo conhecimento razoável de Cardiel frente a ampla experiência de Chomé e Quiroga.

Houve na Companhia de Jesus à época e na região analisada sacerdotes com conhecimentos geográficos que atuaram em demandas pontuais, ao contrário do que ocorria com os geógrafos reais, com cargo fixo. No caso paraguaio, a missão, uma instituição de fronteira do Império, necessitou da qualificação desses sacerdotes, que em suas narrativas exaltaram sua condição de agentes da Coroa

⁸³Furlong, Guillermo. *El Verdadero Padre José Cardiel*. In: *Diário del viaje y Misión al Río del Sauce por el R. P. José Cardiel*. Buenos Aires. Publicaciones del Instituto de Investigaciones Geográficas. 1930. p. 102.

nessas terras de limite, com populações instáveis e de diversos perigos, nunca deixando de lado a Conquista Espiritual promovida pela Instituição Jesuítica.

Essa dupla missão de defesa da Instituição e de serviço ao Império não aparecem, ao menos na pena dos inicianos, como incompatível: pelo contrário, o estudo das terras e o trabalho científico são serviços da evangelização e para o bem da Coroa Espanhola.

A partir disso, a Companhia de Jesus elaborou uma representação peculiar do Paraguai, a qual acima de tudo serviu como propaganda dos feitos missionários na região, como se verá no segundo capítulo deste trabalho.

Capítulo 2: O Discurso cartográfico sobre a Província Jesuítica do Paraguai

2.1 A descrição do Grande Paraguai

Como se constituiu a tradição cartográfica da Província Jesuítica do Paraguai no século XVIII? Para abordar essa questão é preciso compreender o processo de ocupação europeia e a representação narrativa e gráfica ao longo do período de trabalho da Companhia de Jesus, desde a fundação da Província Jesuítica do Paraguai, em 1609, resultado da entrada tardia da Ordem dos Jesuítas na América Espanhola, até a expulsão, em 1767, no reinado de Carlos III, em uma atitude típica de um déspota esclarecido.

Na visão do importante historiador Guillermo Furlong SJ (1889-1974), a descrição do primeiro provincial do Paraguai, Diego Torres Bollo (1551-1638) nas cartas ânuas de 1609 foi determinante na configuração da cartografia europeia⁸⁴.

O que se chamou de “Paraguai” nos relatos do século XVII era a área de toda a porção meridional do continente sul-americano banhado pelo Pacífico e Atlântico: desde o oeste paulista e norte do Paraná (Guaíra); estendendo-se pelo Mato Grosso (Xaraies) e abarcando todo o cone sul (desde Buenos Aires até Tucumã)⁸⁵.

A descrição do Paraguai dos jesuítas pode ser identificada nos mapas dos séculos XVII e XVIII, conformando um modelo que repercutiu inclusive na cartografia holandesa do início do século XVII, como o *America* de Jodocus Hondius presente no Atlas de 1606⁸⁶ e Guillermo Blaeu (1608), que retratavam toda a América, e o mais específico *Amerique Meridionale* (1628), de Johannes Janssonius (1588-1664)⁸⁷. Segundo Furlong, esses mapas teriam como matriz as cartas ânuas de

⁸⁴ Entre 1581, data de sua chegada na América e a posse como provincial do Paraguai, o padre Diego Torres ocupou o cargo de superior da residência e *doctrina* de Juli (1581-1586), reitor dos colégios de Cuzco (1586-1592) e Quito (1592-1599). Foi ainda secretário do provincial Juan Sebastián de la Parra e procurador da Província do Peru em Roma (1600-1604). Em 1605, fundou a Vice-Província da Granada, e em 1607 finalmente vai ao Paraguai ocupar o cargo de provincial.

⁸⁵ Jose Torres Revello. *Los gobernadores de Buenos Aires*. In: *História nacional da Argentina*, vol. III. Buenos Aires. Libreria e editorial ateneo 1937/1940. p. 327ss

⁸⁶ Atlas sive Cosmographicae Meditationes de Fabrica mundi et fabricati figvra. Amsterdã. Jodocus Hondius. Amsterdã. 1606. IEB A0000385_B

⁸⁷ Cornelius Koeman; Gunter Schilder Van Egmond. *Commercial Cartography and map production in the Low Countries, 1500-1672*. In: John Brian Harley, David Woodward. *The History of Cartography*, V. III. Parte II. Chicago: University of Chicago Press, 1987- 2007. p. 1298ss

1609, que traziam uma extensa descrição da região de Tucumã realizada pelo padre Juan Romero⁸⁸.

Dela também foram extraídas as informações do mapa *Paraguay o provincia de la plata com las regiones adyacentes, Tucuman y Santa Cruz de la Sierra*, reproduzido posteriormente na Europa por renomados cartógrafos do século XVII, como Johannes Janssonius (1588-1664), Gulielmus Blaeu (1571-1638) e Johannes de Laet (1581-1649)⁸⁹.

Na carta de Johaness Janssonius, *America Pars Meridionalis* (1653), alguns grupos indígenas sobressaem, haja vista a distribuição de etnônimos grafados em destaque: Xarayes, Moxos, Chicas e Guaranis, do mesmo modo que o topônimo “Tucuman”. O letramento estabelece uma associação entre território e povos, como os Guaranis e os Xarayes, que ganham características de topônimos.

A representação holandesa não define limites territoriais, algo que a cartografia só faria posteriormente, mas indica a incidência dos povos em certas regiões delimitadas por rios, segundo relatos e crônicas do trabalho missionário.

Outro mapa, de autoria atribuída ao padre Luis Ernot, de 1632, é editado por Joan Blaeu, em Amsterdã, em 1662, e posteriormente republicado por John Ogilby, na Inglaterra, em 1671, mostrando a inserção e o alcance dos relatos missionários na produção de cartas geográficas no século XVII⁹⁰.

A dedicatória do mapa ao Geral da Companhia, Padre Vicente Carrafa (1585-1649), certamente não partiu de Blaeu ou Ogilby. É inspirado no mapa produzido pela Companhia de Jesus.

⁸⁸Guillermo Furlong. op. cit.. 25. FURLONG, Guillermo. *Cartografía Jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires. Jacobo Peuser. 1936 p. 20-21

⁸⁹Guillermo Furlong. *Cartografía Jesuítica...* op. Cit. p. 22

⁹⁰Guillermo Furlong. *Cartografía Jesuítica...* op. Cit. p. 24

Figura 3 – John Ogilby. *Paraquaria*. In: Montanus, Arnoldus. *America: being the latest and most accurate description of the New World*. London. 1671 (Facsimile). In: Artur H. F. Barcelos. *O compasso e a cruz*. Porto Alegre, CD, 2006

Figura 7 – Joannes Blaeu. *Paraquariae Vulgo Paraguay*. In: Atlas Maior. Amsterdam, (1608) 1662. Facsimile. In: Furlong, Guillermo. *Cartografía Jesuítica del Rio de la Plata*. Buenos Aires. Talleres S. A., Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936. F. III

A região onde foi erigida a Província Jesuítica do Paraguai inicialmente não era de interesse estratégico para as Coroas Ibéricas, mas estava vocacionada para o abastecimento de mão de obra e defesa dos interesses espanhóis pela sua perigosa proximidade com os domínios portugueses, e também pela prática do contrabando que marcou essa região⁹¹.

⁹¹ Alice Canabrava. *O Comércio Português no rio da Prata*. (1580-1640). Belo Horizonte/São Paulo. Livraria Itatatia/Edusp.. 1984. passim

Esses primeiros mapas, já no século XVII, marcam alguns pontos que se tornaram essenciais para a descrição dos limites da região: Tucumã ao sul, o lago dos Xarayes, e a centralidade da hidrografia⁹².

Os mapas da Companhia de Jesus apresentam as mesmas povoações principais, do século XVII ao XVIII: Ciudad Real de Guairá (à margem do rio Paraná), Vila Rica do Espírito Santo (junto ao Rio Ivaí) e a cidade de Assunção (no Rio Paraguai), capital episcopal, com maior população⁹³. Esses são os centros irradiadores da ocupação europeia na região, apoiada na exploração da erva-mate e do gado. Além desses centros urbanos, vale citar a presença constante de Santiago de Jerez, destruída pelos paulistas em 1632, que será representada posteriormente pela cartografia jesuítica em muitos mapas do século

O trabalho de catequização feito pelos jesuítas na região que viria a ser a Província Jesuítica do Paraguai começou em 1588, com as incursões dos padres Thomas Fields, João Saloni e Manuel Ortega e, da Província Jesuítica do Brasil. Chegam a Assunção a pedido do bispo da diocese de Córdoba, o português Dom Francisco de Vitória, que ocupou entre 1578 e 1592, e foi conhecido por seu envolvimento com o comércio da América Portuguesa. As ligações do bispo com Portugal certamente facilitaram a instalação da Companhia de Jesus, que aquela altura já tinha um trabalho significativo nos domínios lusitanos, iniciado em 1549.

Em 1607, a região se torna autônoma da Província de Peru, tendo o padre Diego Torres Bollo como primeiro provincial. Em 1609, os missionários iniciam as incursões sistemáticas em quatro direções: entre os rios Paraná e Paraguai, Itatim, Guairá e Tape⁹⁴. O avanço da evangelização pressupunha “sedentarização” das populações indígenas e do reconhecimento das terras. O controle da região correspondente à área de setenta mil quilômetros quadrados da Província

⁹² Joannes Blaeu, *Paraguay, Ó prov. de Rio de la Plata cum regionibus adjacentibus Tucuman et Sta. Cruz de la Sierra*, 1631. In: Blaeu, W. J. Appendix Theatri A. Orтели et Atlantis G. Mercatoris, continens tabulas geographicas diversarum Orbis regionum, nunc primus editas cum descriptionibus. Amsterdã, Blaeu, 1662. America. In: Hondius, Jodocus. Atlas sive Cosmographicae Meditationes de Fabrica mundi et fabricati figvra. Amsterdam. Jodocus Hondius. 1606. Janssonius, Johanes. Paraguay ó Provincia de Rio de la Plata cum regionibus adjacentibus Tucuman et Sta. Cruz de la Sierra. 1630 in: Atlantis Maioris Appendix Sive Pars Altera. Amsterdam, 1630. Ogilby, John. Paraquaria vulgo Paraguay. by in: Montanus, Arnoldus. America: being the latest and most accurate description of the New World. London 1671

⁹³ Alice Canabrava. *O comércio português*. op. cit. p. 27

⁹⁴ Ernesto Maeder. *De las misiones Del Paraguai a los estados nacionales. Configuración y disolución de una región histórica*. In: Regina Gadelha. *Missões guaranis: impacto na sociedade contemporânea*. São Paulo, Educ. 1999, p.115 ss.

evidentemente não foi atingido, a despeito da impressão de grandiosidade retratada no mapa de Nicolas Sanson⁹⁵.

Figura 5 Nicolas Sanson. *L'Amerique meridionale divisee en ses principales parties ou sont distingués les vns des autres les estats suivant qu'ils appartiennent présentement aux François, Castillans, Portugais, Hollandois, &c.* Paris. H. Jaillot. 1691. BPL G5200.1691.S35. Disponível em: (<http://maps.bpl.org/id/m8632>). Como se pode observar nesse exemplar, a representação do Paraguai na cor verde remete ao Paraguai dilatado presentes nas narrativas jesuíticas

⁹⁵ Essa grandiosidade foi reproduzida pela historiografia. Vide: Moacyr Flores. *Colonialismo e missões jesuíticas*. Porto Alegre. EST. 1996. p 20ss. Nessa obra, o autor toma o mapa como uma representação exata das dimensões da Província jesuítica do Paraguai, não levando em conta as limitações da atuação jesuítica na região.

Figura 6 Detalhe do *grande paraguay* no mapa. Sanson, Nicolas. L'Amerique meridionale divisée en ses principales parties ou sont distingués les vns des autres les estats suivant qu'ils appartiennent présentement aux François, Castillans, Portugais, Hollandois, &c. Paris. H. Jaillot. 1691. BPL G5200.1691.S35 disponível em (<http://maps.bpl.org/id/m8632>).

A submissão dos povos das regiões distantes das cidades principais, nos textos e mapas, ou nos textos dos mapas, é a garantia do controle espanhol, seja pela ação primeira da tentativa de conversão, seja em uma posterior guerra para submissão. O controle daquelas terras passa pela evangelização e civilização daqueles povos

O processo de conquista e incorporação dos grupos indígenas é um tema fascinante e complexo, e este trabalho não pretende esgotá-lo, mas vale citar como a cartografia da época expressou ou silenciou as dinâmicas de ocupação e controle do território. A história de ocupação dessa região apresentou variações ao longo de duzentos anos, e em cada período, diferentes atores, estratégias e interesses configuraram distintas dinâmicas demográficas e territoriais⁹⁶.

⁹⁶Ernesto Maeder. *De las misiones del paraguay a los estados nacionales*. Op cit... p. 113.

Os registros cartográficos silenciam as transformações demográficas mais agudas, preferindo fixar a identificação dos povos entre limites fluviais, desprezando maiores deslocamentos, exceto, é claro, as mudanças das missões ocorridas devido ao avanço dos paulistas ou dos ataques de nativos.

Na segunda década do século XVIII, é produzido o mapa que a historiografia mencionou como o mais completo da produção jesuítica na época⁹⁷. O *Paraquariae Provinciae [...]*⁹⁸. O mapa foi elaborado por um irmão coadjutor, de nome Juan Francisco de Ávila ou Juan Francisco Dávila (1662-1733), com dedicatória de 1722, data em que provavelmente terminou seu trabalho, tendo sido impresso em 1726.

O Irmão Dávila integrou o Colégio de Corrientes, local onde provavelmente elaborou o mapa. Há registro que esteve em 1729 em Assunção, trabalhando no Colégio e na Procuradoria das missões⁹⁹.

Sua condição de Irmão coadjutor certamente foi um impeditivo para a produção de mais registros sobre seu trabalho na Companhia de Jesus, mas chama atenção o fato de ele ser o único cartógrafo encontrado em nossa pesquisa que não recebeu o sacramento da Ordem e não professou os quatro votos.

Sobre a demanda do mapa, o próprio Irmão Dávila explica-as em carta ao padre Antonio Garriga: *“También hubiera [yo] remitido en esta ocasión a V.R. el mapa que hice de toda esta Provincia, que también me lo mando hacer el P. Provincial Aguirre; porque decía se había quejado nuestro P. General de que no le habían enviado Mapa para poder allá enterarse de las distancias en orden a saber a donde se hallan los sujetos para com más comodidad disponer de los empleos, y creo Dio motivo lo que pasó com el P. Hervás, que estando en los Chiquitos le envio el rectorado de Buenos Aires [...]. Llevó pues, este mapa el P. Gerónimo Hérran y me escribió al partirse de Buenos Aires, que lo haría imprimir; y aunque yo tenía doscientos pesos para ello no pudieron ir tan a tiempo, y el P. me dijo que no importaba, que se haría sin Duda la estampa. Quatro meses há que el P. llegó a Buenos Ayres, y hasta ahora no sabemos cosa, así del Mapa, ni de outras*

⁹⁷ Guillermo Furlong. *Cartografía Jesuítica del Río de la Plata*. Op. cit. p. 44

⁹⁸ Juan Dávila. *Paraquariae Provinciae Soc. Jesu cum adjacentib. Novíssima descriptio. Post iterata peregrinationes, & plures observationes Patrum Missionarum eiusdem Soc. Tum huius Provinciae, cum & Peruanæ accuratissime delineata*. 1722

⁹⁹ Guillermo Furlong,. *Cartografía Jesuítica ...* Op. cit. P. 48-49

*domésticas... Allí, em mi mapa, estan las Doctrinas de los Moxos de la misma suerte, que están impresas, porque no tuve más noticias”.*¹⁰⁰

O trabalho de 1722/1726 reforça a imagem do Paraguai dos jesuítas, com aqueles limites que remontam as primeiras descrições do século XVII. Essa descrição ecoa em outras produções posteriores, em contextos múltiplos, que como será abordado no próximo capítulo, nem sempre favoreceram a Companhia de Jesus.

A importância desse mapa pode ser percebida em toda a produção cartográfica dos membros da Ordem religiosa nesse período. Trechos do mapa são reproduzidos em outros livros, como foi o caso da região dos moxos, na edição das *Lettres Edifiantes* de 1741¹⁰¹. Como se tratará posteriormente, há uma grande reprodução do *Paraquaria Provinciae*, décadas depois.

Anos depois da edição do *Paraquariae Provinciae*, o gravador Matheus Seutter elabora uma versão, citada pelo Barão do Rio Branco, como produzida em Augsburg, posteriormente ao trabalho de Dávila, hipótese reforçada no clássico estudo de Furlong sobre a cartografia¹⁰².

¹⁰⁰Guillermo Furlong,. *Cartografia Jesuítica...* op. cit p. 47.

¹⁰¹Jean Baptiste Du Halde,. *Lettres edifiantes et curieuses des missions étrangères par quel qués missionnaires de la Compagnie de Jesus* vol. XII, Paris. Chez Le Clerc. 1741. p XXVIII

¹⁰²José Maria da Silva Paranhos júnior (Barão do Rio Branco). Exposição que os Estados Unidos do Brasil apresentam ao Presidente dos Estados Unidos da América como arbitro , apresentada pelo Barão do Rio Branco (ítem 2 do v. 6) apud. Guillermo Furlong. *Cartografia Jesuítica...* op. cit. p. 46

Figura 7- Juan Davila. *Paraquariae Provinciae Soc. Iesu cum Adjacenti novissima descriptio/ Post iterata peregrinationes, & plures observationes Patrum Missionarum eiusdem Soc. Tum huius Provinciae, cum & Peruanæ accuratissime delineata*. 1722. (facsimile). In: Guillermo Furlong. *Cartografía Jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires. Talleres S. A., Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936. n.º 18, p. 44 do texto. Original em BNF Collection d'Anville. 09446b. Disponível em: (<http://catalogue.bnf.fr/ark:/12148/cb40618228k>)

Figura 8 - Matheus Seutter. *Paraquariae Provinciae. Paraquarie Provinviae Soc. Jesu cum adjaventib.s novissima descriptio Post itera.s peregrinationes, & plures observationes Patrum Missionarum eiusdem Soc. tum huius Provinciae, cum Peruanae accuratissime delineata*. 1726 Facsímile. In: Guillermo Furlong. 1936, op.cit. Lâmina VIII, n. 18 do Catálogo, p. 44 do texto. BNF Collection d'Anville: 09445. Disponível em: <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b5906080j>

Em 1732, Giovanni Petroschi imprime a carta intitulada *Descripción de las Provincias del Chaco [...]*¹⁰³, que segundo Guillermo Furlong, pode ser atribuída ao Padre Antonio Machoni (1671-1753). A carta ilustra a obra *Descripcion Chorographica del Gran Chaco Gualamba*, de autoria do Padre Pedro Lozano (1697-1752).

O Chaco constitui o maior desafio dos missionários no século XVIII, sendo abundantemente mencionado em mapas, crônicas e descrições sobre a região e legitima a ação da Companhia de Jesus¹⁰⁴.

Na obra de síntese do reconhecimento e história da Companhia de Jesus na região, o Chaco é região de índios rebelados, desde Santa Fé de Vera Cruz até as Serranias de Santa Cruz de La Sierra, por mais de 300 léguas. É defendida a integração da região e sua efetiva ocupação, ligando as regiões de Chiquitos e Assunção. Sustenta a viabilidade do Chaco, sobretudo por sua qualidade de “botica natural”, que os padres tão bem conheciam. A riqueza natural, mesmo acompanhada do perigo das feras, é o que agrega valor à região que não tem o atrativo dos minérios valiosos de outras áreas¹⁰⁵. A carta de Machoni mostra o interesse de expansão da Companhia de Jesus na região.

¹⁰³Antonio Machoni. *Descripción de las Provincias del Chaco y confinantes segun las relaciones modernas y noticias adquiridas por diversar entradas de los Misioneros de la Compañia de Iesus que san hecho em este siglo de 1700*. Assunção. In: *Descripción Corografica del Gran Chaco Gualamba* (1733). *Prólogo e índice por Radamés A. Altieri*. Tucumán, Universidade Nacional de Tucumán. 1941

¹⁰⁴Guillermo Furlong,. *Cartografia Jesuítica...* Op. cit. p. 54-55

¹⁰⁵Pedro Lozano. *Descripción Corografica del Gran Chaco Gualamba* (1733). *Prólogo e índice por Radamés A. Altieri*. Tucumán, Universidade Nacional de Tucumán, 1941. p.41

Figura 9 – Antonio Machoni,. *Descripción de las Provincias del Chaco y confinantes segun las relaciones modernas y noticias adquiridas por diversas entradas de los Misioneros de la Compañia de Jesus que se han hecho en este siglo de 1700*. Assunção. 1733 In: Pedro Lozano, *Descripción Corografica del Gran Chaco Gualamba*. 1941 (1733). BNL MC0033203. Disponível em: (http://www.memoriachilena.cl/temas/documento_detalle.asp?id=MC0033203)

Como se observa no mapa, a região propícia para pesca e caça entre os rios Pilcomayo e Yabebiri viveram os Guaicurús, índios cavaleiros, que por causa dos ataques a Assunção em 1677, são tidos como incorrigíveis e potenciais inimigos, que podem sofrer guerra justa e se tornar escravos, estão representados entre os tuguírios bárbaros, representados em legenda. No século XVII, alguns mapas já apontam o “rio de los Payaguas”, também nomeado “Verde”, próximo à latitude 23°S, do lado oposto à foz do rio Ypané¹⁰⁶.

A preocupação não era vã. Sem o devido trato, a inviabilidade das terras ao norte é certa. A falta de *policia* dos índios que não se submetem nem a Deus nem aos homens impede a plena realização do projeto jesuítico e, conseqüentemente, do Império Espanhol, em todo o Chaco e na região de Chiquitos.

Essa missão exigiu uma viagem de reconhecimento que alimentou o trabalho cartográfico da Companhia de Jesus nesse momento, bem como colheu para a Coroa Espanhola dados de uma região de acesso arriscado. A expansão do trabalho propiciou a fundação da redução de Concepcion, como se vê na latitude 30° 20' S e longitude 322° 20', relatado posteriormente pelo padre Sanchez Labrador (1717-1798), que também se dedicou a descrição da região, já após a supressão da Companhia de Jesus¹⁰⁷.

A Província Jesuítica do Paraguai é representada com limites fluidos e nomeada sob o título *Paraquariae Provinciae*. Como apontou Christian Jacob, os títulos dos mapas definem a percepção e compreensão do documento e validam imagens que serão socializadas¹⁰⁸. A opção por limites não demarcados, que compreendem regiões que estavam fora da Província e reforçam a impressão de amplitude do trabalho jesuítico na área¹⁰⁹.

¹⁰⁶Silvia M. Schmuziger Carvalho. *Chaco: Encruzilhada de povos e “melting pot” – Suas relações com a bacia do Paraná e o sul Mato-Grossense*. p. 457-474. In: Manuela Carneiro da Cunha. (org). *História dos Índios do Brasil*. São Paulo. Cia. Das Letras. 2008.. p.464

¹⁰⁷Jose Sanchez Labrador. *Índios pampas, puelches, patagones*. Buenos Aires : Viau Y Zona Ed. 1936. p.226

¹⁰⁸Christian Jacob. *The sovereign map theoretical approaches in cartography throughout history*. Chicago. University of Chicago Press. 2006. p. 195ss

¹⁰⁹ Um mapa com bordas mais próximas, pelo contrário, passa a impressão de completude das áreas indicadas. Não é o caso do Grande Paraguai e da proposta jesuítica. Sobre a divisão e delimitação dos mapas, vide: Christian Jacob. *Sovereign...* op. cit. p. 108ss.

A imagem é de um Paraguai dilatado e por definir. Esta é uma característica da representação jesuítica da região repetida nesses mapas, no que Maria de Fátima Costa chamou de “modelo próprio das cartas das missões paraguaias”.

O Lago Xarayes, a mesopotâmia platina, o Oceano Pacífico e o Rio Madeira são as referências dos limites geográficos nas cartas. As coordenadas não sofrem mudanças, e de modo geral não há referências às localidades míticas. Expressou-se a ideia de que houve conhecimento *in loco* das regiões, com uma abordagem citada em relatos de exploração.

Esse padrão sobreviveu mesmo após a supressão da Ordem¹¹⁰, e estabeleceu-se como a grande imagem do Paraguai.

¹¹⁰ Maria de Fátima Costa. *História de um país inexistente. O Pantanal entre os séculos XVII e XVIII*. São Paulo. Estação Liberdade. 1999. p. 152.

2.2 A retórica nos mapas da Província Jesuítica do Paraguai

Uma das bases do projeto de evangelização da Companhia foi a imposição de uma disciplina à vida dos nativos. O registro do território não escapou a essa determinação, já que o regramento espacial foi uma das principais bases do projeto de evangelização da Companhia de Jesus, tanto no plano urbano das missões, quanto em maior escala, em todo o território paraguaio.

As orientações do jesuíta português padre Manoel da Nóbrega (1517-1570), no *Plano civilizador*, de 1558, apontam para a necessidade de fixação geográfica das populações. As ideias do sacerdote português repercutiram na montagem das missões guaraníticas nos domínios espanhóis e lançam a base das ações jesuíticas na América do Sul. Além disso, esse ideal de missão é estampado no discurso gráfico dos mapas da Companhia de Jesus.

Civilizar é tornar o índio sedentário e controlar a circulação dos povos. Era essencial também proteger as populações dos colonos, que queriam a mão-de-obra escrava indígena. A estratégia de Nóbrega previu a formação de aldeamentos sob a tutela dos missionários. O sacerdote identificava as dificuldades de conversão dos gentios americanos em seus usos e costumes, e assim defendia o uso de uma sujeição moderada em conjunto com a autoridade secular, em uma prática de constante vigilância e punição¹¹¹.

No plano Civilizador, de 1558, uma ideia merece destaque:

*Primeiramente o gentio se deve sujeitar e fazê-lo viver como criaturas que são racionais, fazendo-lhe guardar a lei natural,(...)*¹¹²

A lei natural, inscrita por Deus na criação, deve ser respeitada pelo uso da razão, a qual, no caso dos índios, não seria acessada em função dos maus costumes, que deveriam ser combatidos.

¹¹¹Carlos Zeron. Interpretações das relações entre *cura animarum* e *potestas indirecta* no mundo luso americano. In: *Clio – Revista de pesquisa histórica*. nº 27. p. 140-177. 2009. Ed.

¹¹²Manoel da Nobrega. *Plano civilizador. Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Miguel Torres*, Lisboa. (1558) In: *Cartas do Brasil e mais escritos* (opera omnia). Introdução e notas de Serafim Leite. Coimbra. Universidade de Coimbra. 1955. p. 277-293

Entre as sugestões de Nóbrega para sua realidade de trabalho, que depois serviu de inspiração para outras na América, a estabilização dos índios aparece como uma das condições essenciais para a evangelização exitosa.

Os índios sem *policia*, citados nos escritos da Companhia, são índios considerados nômades, de vida desorganizada, e por isso mesmo de conversão impossível. O padre Joseph Acosta (1539-1600), em *De Procuranda Indorum Salute*, também atribuiu importância à sedentarização e urbanização dos índios como instrumento fundamental para a salvação das almas. A classificação dos povos indígenas passa por esses termos. Embora Acosta não o cite, há clara influência do pensamento de Manoel da Nóbrega, já que a descrição e as sugestões contidas em *De procuranda indorum salute* retoma exatamente os termos de Nóbrega, e confirma o modelo de descrição jesuíta dos índios¹¹³.

A intolerância à mobilidade aparece mais explicitamente no Prêmio do tratado do padre José de Acosta do que na obra inspiradora de Manuel da Nóbrega.

Ao descrever a chamada terceira classe de bárbaros, juntamente com outras características como a ausência de organização política, Acosta destaca a falta de estabilidade relacionada à condição bestial em que os índios se encontravam:

[..]) Chegando agora à terceira e última classe de bárbaros, é impossível dizer o número de cidades e regiões que formam no Novo Mundo. Nela estão os homens selvagens, como bestas, que têm poucos sentimentos humanos. Sem lei, sem rei, sem pactos, sem juízes ou governança fixa, mudando de domicílio de tempo em tempo e mesmo quando se fixam, suas casas mais se parecem com cavernas de feras ou estábulos dos animais. A este grupo pertencem, em primeiro lugar, aqueles todos que os nossos chamam caribes, não exercem outra profissão que derramar sangue, são cruéis com todos os hóspedes, se alimentam de carne humana e andam nus apenas cobrindo suas vergonhas¹¹⁴.

¹¹³ Jean-Claude Laborie. A dispersão do saber missionário sobre as Américas 1549-1610: O exemplo jesuíta. In: *Revista de História da USP*, nº 152, 2005. p. 24

¹¹⁴ (...) *Iam vero tertia atque extrema classis barbarorum, quot hominum nationes, quot huius novi orbis regiones teneat, dici non potest. In hac sunt homines sylvestres, feris símiles, vix qui c iquam*

As narrativas jesuíticas da América Espanhola nos mostram essencialmente o empenho da instituição no ordenamento do espaço e, conseqüentemente, de sua população, levando a uma valorização extrema desse atributo, indispensável ao cristianismo.

Manuel da Nóbrega, apesar de considerar os indígenas “selvagens bestiais”, entende que há neles as características básicas da humanidade: entendimento, memória e vontade. Para que eles sejam utilizados em plenitude, devem ser submetidos à educação.

No “espaço” projetado no papel, a instituição ilustra uma América produzida pelos discursos de seus cronistas¹¹⁵. A cartografia é um subproduto dessas narrativas e da atividade missionária. Ela só se justifica se for compreendida como uma ferramenta da Conquista Espiritual: é a ciência de descrição geográfica a serviço da maior glória de Deus e por isso mesmo, para organização e sedentarização dos povos se não efetivamente, ao menos na representação nos mapas.

O modo que os missionários retratam a América em suas crônicas pouco mudou, seja nos primeiros relatos, nas cartas ânuas, seja em obras de maior alcance. Esse padrão gerou uma série de “lugares comuns”, que foram transpostos para a cartografia e tornaram-se fundamentais para a caracterização de seu padrão visual: os martírios, a classificação dos povos e representações de acidentes geográficos (lagos e rios).

Os martírios estão presentes desde a Reforma Católica como um meio de sacralização dos territórios, e não foi diferente na Conquista Espiritual na América. A Companhia de Jesus providenciou o transporte ao Novo Mundo de numerosas relíquias vindas do Velho Mundo, cuja recepção foi frequentemente motivo de grandes festas. O traslado de relíquias, tidas como um tesouro espiritual, sacralizava

humani sensus habentes, sine lege, sine rege, sine foedere, sine certu Magistratu et Republica, sedes identidem commutantes, aut ita fixas habentes, ut magis ferarum specus, aut pecudum caulas imitentur. Huc in primis pertinent quicumque a nostris carybes dicuntur, nihil aliud quam sanguinolentiam exercentes, in hospites omnes saevi, qui humana carne vescuntur, nulla veste, vix ipsa virilia tegentes (...). Acosta, José. *De procuranda Indorum Salute*. Proemio. Consejo Superior de investigaciones científicas. Madrid. 1984 Pág. 66

¹¹⁵Barcelos, Artur H. F. *O Mergulho no Seculum...* op. cit... p. 19ss

as terras que as acolhiam, tornando magnífico o papel da Companhia de Jesus nas quatro partes do mundo¹¹⁶.

Na América, o trabalho missionário coloca o martírio sob nova perspectiva. A construção dos Impérios ibéricos que, como em outros continentes, significava tanto a necessidade quanto a oportunidade de celebrar os novos territórios com martírios¹¹⁷.

Nas palavras de Manuela Carneiro da Cunha: “Com o advento do novo, há um trabalho de dupla tradução: trata-se de inserir esse mundo novo na memória, e, portanto na topografia e nos eventos já conhecidos, e perceber o novo nos quadros intelectuais antigos.”¹¹⁸. A inserção da América na “geografia espiritual” passava pelo traslado de relíquias e também de outro elemento essencial na retórica cartográfica jesuítica: o sangue do martírio.

Os jesuítas ansiavam imensamente a morte em nome de Jesus Cristo em todas as partes do mundo, tratando seus próprios martírios como instrumento de conversão das almas e de fundação da Igreja nas novas terras, em uma estratégia global que era documentada, sistematizada e ilustrada. Divulgaram largamente os registros dos martírios de seus irmãos por todo o mundo, em uma verdadeira cartografia espiritual, complementar à cartografia técnica¹¹⁹. No caso dos mapas do Paraguai não foi diferente. Os mártires da Conquista Espiritual consagram o território onde os padres trabalharam.

Nos mapas da Província do Paraguai, assim como nas crônicas, alguns mártires são destacados. Eles marcam o sacrifício do trabalho missionário que descortina novos horizontes, bem como a expansão do domínio da Coroa Espanhola, além de dar respaldo a uma nova perspectiva de guerra justa.

O padre Diego de Alfaro, martirizado nos embates com os paulistas, foi sepultado em La Concepción, de acordo com a narrativa do padre Nicolas Del Techo (1611-1680). Esse episódio marca a tensão entre os habitantes de São Paulo e os

¹¹⁶ Serge Gruzinski. *Las cuatro partes del mundo*. Mexico DF. Fondo de Cultura Economica. 2010. P. 63

¹¹⁷ Renato Cymbalista. Os mártires e a cristianização do território na América portuguesa, séculos XVI e XVII. *Anais do Museu Paulista*. v.18. n.1. p. 59 Jan-Jun. 2010

¹¹⁸ Manuela Carneiro da Cunha. Da Guerra das Relíquias ao Vº Império. Importação e exportação da História no Brasil. In. *Novos Estudos*. Nº44. p. 73-99. 1996

¹¹⁹ Renato Cymbalista. Os mártires e a cristianização... op. cit. p.60

jesuítas espanhóis¹²⁰. A representação desse martírio está presente em diversos mapas da Companhia de Jesus, sempre próximo da coordenada 317º/17ºS.

Além dos problemas com os bandeirantes, há os conflitos com os índios não submetidos ao cristianismo. O padre Francisco Lucas Caballero (1661-1711) sofre martírio pelos *puizocas* (grafados como *pequicas* ou *picocas* nos mapas), ao norte de Concepcion¹²¹, redução que abrigou os convertidos da região. O evento foi muito reproduzido por relatos e é tido como o primeiro de muitos outros que derramaram o sangue do sacrifício por Cristo.

O martírio do padre Caballero marca uma região de *Tuguria Barbarorum*, ou seja, de povos não submetidos às reduções. Recupera-se na cartografia as classificações de Acosta, quase dois séculos depois do proêmio de *De procuranda indorum salute*.

As mortes pela fé representam também o alcance máximo da atuação inaciana entre as parcialidades mais distantes, que precisavam receber o anúncio do Evangelho. A cruz indicadora do sacrifício do Padre Caballero aparece no limite da representação, servindo como um sinal de pertença das terras onde o sangue foi derramado – por Cristo e pelo império espanhol.

¹²⁰ Nicolas Del Techo. *Historia de La Provincia del Paraguay de La Compañia de Jesus*. Tomo V, Livro XII, capítulos XXXI e XXXII. (disponível em http://www.bvp.org.py/biblio_hm/techo1/indice.htm . link curto: <http://migre.me/8YpXg>)

¹²¹ Mapas representam esse martírio na coordenada 320º 16ºS.

Figura 10: Legenda: Martírio do Padre Lucas Caballero. Johannes Petroschi. *Paraquariae Provinciae Soc. Jesu cum adjacentib. novissima descriptio. Post iteratas peregrinationes, & plures observationes Patrum Missionariorum erusdem Soc. tum huius Provinciae, cum & Peruvanae accuratissime delineata, & emendata ann. 1732 (1760)*. In: Jean Pierre Viou. *Novelle interessanti in propósito degli affari del Portogallo e dell attentato commesso a ter settembre*. Berna (Veneza). Tomo I. 1758-1760. IEB/USP 001805953. Disponível em: <http://www.cartografiahistorica.usp.br>

Em 1711, o Irmão Alberto Romero é martirizado. Sua morte, na descrição corográfica de autoria do padre Lozano, é tida como uma obra de inspiração demoníaca, que tem como finalidade cessar a obra inaciana entre esses índios. Nos mapas, aparece entre as hordas bárbaras ao norte:

“Todo esto parece que há barruntado el demônio, y por esto ha hecho cruda guerra a la fundacion del pueblo de San Ignacio, a la fundación del pueblo de San Ignacio em la nacion de los Zamucos

desde los principios que se entró a convertir esta gente. Porque después que la descubrió el celo infatigable del apostólico Padre Juan Bautista de Cea, y prosiguió la empresa el Padre Miguel de Yegros, incitó a estos bárbaros a que diesen la muerte al Hermano Alberto Romero, donado de nuestra Compañía, con que desbarato por entonces la mision de los Zamucos¹²².”

Os padres Antonio Ripario e Gaspar Osorio são os mártires assinalados às margens do Rio Ocloyas, entre *tobas* e *mocovies*. Padre Nicolas del Techo diz que intentaram em vão penetrar na região dos ocloyas no Chaco. Posteriormente ao fracasso, empreendem uma nova viagem, que acabará no martírio. A citação dos locais onde ocorreram as mortes é reforçada na obra de Pedro Lozano e nos mapas¹²³.

¹²²Pedro Lozano. *Descripción Chorographica...* op cit. p. 430.

¹²³Pedro Lozano. *Descripción Chorographica...* op. cit, p. 174.

Mortos por índios labradillos (ou pintadillos), a dupla é colocada como aquela que abriu as portas do Llanos de Manso, sempre dentro da perspectiva de expansão do domínio espanhol¹²⁴.

Juan Antonio Solinas fez parte de outra expedição ao Chaco, a partir de 1682, sendo martirizado entre *tobas* e *mocovies*. O martírio foi fruto da conjuração dos índios infiéis. O ato constitui uma tentativa de Conquista Espiritual, que falhou, dando respaldo a uma entrada com armas no Chaco:

*Enterados los superiores de este reino cuán inútiles habían salido todos los médios suaves que se tomaron hasta aqui, para reduzir estas naciones del Chaco, así a la paz com Español, como a la ley evangélica, antes bien tantas veces habiam muerto sacrílegamente a los sacerdotes del altíssimo, resolvieron sujetarlos por armas y en venganza de sus enormes delitos llevarlos a fuego e sangre*¹²⁵.

O martírio, como apresentado nas crônicas e mapas, é característico das missões, que Charles Boxer qualificou como instituição de fronteira nos impérios ibéricos¹²⁶.

Outra tópica cartográfica que marca a concepção jesuítica de divisão de espaço é a separação clara entre os índios reduzidos e os selvagens. Esse recurso tenta afirmar uma separação que a Companhia lutou para que fosse realidade e foi exaustivamente reforçada na produção dos sacerdotes sobre a região, mas estudos apontam que estavam longe de ser efetiva¹²⁷. Os jesuítas criaram para os olhos europeus uma imagem do espaço missional ordenada, apaziguadora de conflitos e em expansão entre os selvagens.

As missões, apontadas como “povoados cristãos”, são a razão de ser do trabalho jesuítico. São representadas segundo a mesma organização dos textos jesuíticos, e dão a ideia, acima de tudo, de sedentarização dos povos indígenas.

¹²⁴Pedro Lozano. *Descripción Chorographica...* Op. cit. Pp. 166-181.

¹²⁵Pedro Lozano. *Descripción Chorographica...* Op. cit. p. 253

¹²⁶Charles Boxer. *A igreja militante e a expansão ibérica (1440-1770)*. São Paulo. Companhia das Letras.. 2009 p. 92s

¹²⁷Guillermo Wilde. *Religion y poder em las misiones de guaranies*. Ed SB. Buenos Aires. 2010 p. 123.

Há também as hordas bárbaras, as quais representam a razão da presença jesuítica na América do Sul, e ao mesmo tempo são alvos de guerras-justas dentro das narrativas jesuíticas, como no caso dos conflitos no Chaco.

Para os missionários, o nomadismo era um inimigo, um empecilho à evangelização, equiparado à falta de noção de Deus e às bebedeiras, uma constante em todas as descrições dos povos da América do Sul.

Figura 12 detalhe da legenda do mapa: Johannes Petroschi. *Paraquariae Provinciae Soc. Jesu cum adjacentib. novissima descriptio. Post iteratas peregrinationes, & plures observationes Patrum Missionariorum erusdem Soc. tum huius Provinciae, cum & Peruanæ accuratissime delineata, & emendata ann. 1760 (1732)*. In: Jean Pierre Viou. *Novelle interessanti in propósito degli affari del Portogallo e dell attentato commesso a ter settembre*. Berna (Veneza). Tomo I. 1758-1760. IEB/USP 001805953. (Disponível em: www.cartografiahistorica.usp.br)

No caso dos índios guarani, a obra de Guillermo Wilde mostra como a divisão entre índios cristãos e pagãos estava bem longe da rigidez da classificação cartográfica, com contatos e relações que faziam parte do cotidiano dos povoados.

No caso dos Guaranis, o autor apontou como o regime missional foi um resultado de um processo de etnogênese de longa duração¹²⁸. Essas questões não aparecem no mapa, onde as missões jesuíticas estão todas sob o topônimo

¹²⁸ Guillermo Wilde. *Religion y poder...* op cit. p. 89

agregador *Doctrinae*, como também em outras regiões, onde o modelo missional se propagou.

Essa medida está de acordo com as ideias apresentadas pelo historiador Guillermo Wilde: os jesuítas marcaram, no relato oficial, um estatuto sociocultural específico de fronteiras definidas com respeito a outras condições sociais e étnicas da época, sendo um índio missioneiro, submetido ao modelo missional ou como um “índio infiel”.¹²⁹

Esse é um caso típico do que John Brian Harley definiu como o poder normatizador da cartografia¹³⁰. No caso dos povos, o mundo mostrado pelo mapa é mais homogêneo e propaga o Paraguai segundo os objetivos jesuítas, demonstrando seus sucessos, numa região publicizada amplamente pelos sacerdotes como um sucesso de evangelização e organização¹³¹.

Finalmente, as representações gráficas repetidas na primeira metade do século, ainda inseridas na tradição das primeiras cartas do Paraguai, são determinantes para o padrão das descrições da região.

Apesar de todo o conhecimento acumulado pela Companhia de Jesus e difundido pelo sistema de comunicação epistolar da Ordem, os jesuítas nunca tentaram realizar um mapa da América do Sul em sua totalidade. Foram mantidos os limites provinciais, o que era esperado, apesar de terras além da jurisdição do Paraguai ocuparem as bordas da carta, numa quebra de limites utilizada apenas para reforçar a amplitude da luta pelas almas no Paraguai.

Nos mapas do século XVIII, os povos do Chaco são organizados dentro de “subgrupos”, segundo as classificações da Companhia de Jesus, como no caso mais evidente, o dos chiquitos e zamucos.

No caso dos zamucos, habitantes ao norte do chaco, percebemos uma generalização de parcialidades que nunca foram uma unidade sociocultural. Essa classificação foi construída a partir da visão dos Chiquitos e dos Jesuítas. Idealizou-

¹²⁹Guillermo Wilde. *Religion y poder...* op. cit. p. 123.

¹³⁰John Brian Harley. *La Nueva Naturaleza de los mapas*. México DF. Fondo de Cultura Económica. 2005. p.203

¹³¹Guillermo Wilde. *Religion y poder...* Op cit. p. 206

se um povo homogêneo, que deveria ser catequizado e reduzido, seguindo os projetos da Coroa Espanhola e da Ordem Jesuíta.¹³²

A etnografia na cartografia aparece na organização das informações do mapa. Os nomes dos grupos indígenas maiores abarcam as parcialidades, em uma representação que é sinal do plano jesuítico de colocar diversos povos sobre poucas classificações, desprezando as diferenças entre eles. Ao contrário do que acontece nas narrativas e nas correspondências, os mapas não citam a existência de lideranças indígenas. O único poder representado é o da Companhia de Jesus e seu avanço missionário, benéfico ao poder da Coroa Espanhola.

É interessante notar que os etnônimos, tal como no século XVII, identificam espaços e se tornam topônimos.

¹³² “A denominação “Zamucos” foi dada a estes povos pelos jesuítas, conforme o modo pelo qual os Chiquitos os conheciam, e em função de serem os primeiros indígenas do interior chaquenho a se converterem ao cristianismo, pelas missões volantes e, posteriormente, em reduções”. Fulvio Arnt. *San Ignacio de los Zamucos: Índios e Jesuítas no coração do deserto Sul-americano, século XVIII*. dissertação de mestrado. São Leopoldo. UNISINOS. 2005. p. 83

Figura 14- detalhe dos zamucos e parcialidades nos mapas. Johannes Petroschi. *Paraquariae Provinciae Soc. Jesu cum adjacentib. novissima descriptio. Post iteratas peregrinationes, & plures observationes Patrum Missionariorum erusdem Soc. tum huius Provinciae, cum & Peruanæ accuratissime delineata, & emendata ann. 1760 (1732)*. In: Jean Pierre Viou. *Novelle interessanti in propósito degli affari del Portogallo e dell attentato commesso a ter settembre*. Berna (Veneza). Tomo I. 1758-1760. IEB/USP 001805953. (Disponível em: www.cartografiahistorica.usp.br)

Os morotocos, guitecapes, cucutades, sisicas, carapaenos, ferenaties, taruticas, aycoticas, taricas, coromatotes, diguiyoconos, caypoturades, ygaronos (ugaraños), cosomenaties, ydaicas e morotocos são colocados sob o topônimo agregador “zamuco” e grafados sob os símbolos de “hordas bárbaras”.

O tempo de avanço ao norte, para o acesso aos chamados “zamuco”, está inserido na época que foi considerada por Ernesto Maeder como terceira fase da expansão missionária, a qual abarca o período entre 1685 a 1740, e é de expansão após o período anterior de ataques paulistas, que serão posteriormente brecados pelos tratados de limites e a posterior supressão da Companhia. Foi época de ganho para os jesuítas também ao ocidente, com a recuperação das regiões do Uruguai oriental e do Tape pelos missionários¹³³.

Apesar do crescimento das missões, o trabalho entre os guaranis estava estagnado no século XVIII. Assim, o Chaco ganha destaque na produção jesuítica, a última região de avanço missionário no século XVIII, exatamente na mesma época das polêmicas que tinham como alvo a Companhia. A região é objeto de descrições corográficas, histórias naturais e cartografia.

A cidade de Assunção, centro irradiador das tentativas de atingir o alto Peru, foi também o ponto de partida das missões jesuíticas para os *chiquitos*. Em 1692, os moradores de Santa Cruz de La Sierra, em carta, manifestam sua desconfiança com o aumento de missionários na região e seu contato com os indígenas¹³⁴.

Ao sul, o padre José de Arce (1651-1715) propôs a fundação de um porto à margem esquerda do Rio Paraguai, região de Corumbá¹³⁵. Tal projeto, contudo contava com o obstáculo dos “inimigos” guaicurús e payaguas.

Algumas décadas depois, esse caminho fluvial aberto pelos missionários foi fechado por ordem da Audiência de La Plata, em 1717. A região de Chiquitos e Paraguai, pertencentes à mesma bacia hidrográfica, tinha sua comunicação obstaculizada¹³⁶.

Na cartografia, essa relação entre Chaco e Paraguai é realçada pelas representações que sempre unem as duas regiões, historicamente ligadas pelos planos jesuíticos de missionação, da mesma forma que na narrativa do padre Lozano.

¹³³ Ernesto Maeder. *De las misiones del Paraguay a los estados nacionales. Configuración y disolución de una región histórica*. In: Regina Gadelha. *Missões Guarani: Impacto na sociedade contemporânea*. São Paulo. EDUC. 1999 p. 113-130.

¹³⁴ Apud Eulália Lobo. *Caminho de Chiquitos às missões guaranis de 1690-1718*. Coleção Revista de História. São Paulo. p. 28. 1960.

¹³⁵ Eulália Lobo, op. cit p. 30-33

¹³⁶ Eulália Lobo, op. cit. p. 45-50

Dessa forma, é comum encontrar como, por exemplo, na obra de Pedro Lozano sobre o Gran Chaco, não apenas uma descrição das terras, fauna e flora local, mas a recuperação da história da missionação da região, ligada aos padres do Paraguai e adjacências. Nessas crônicas, os guaicurús são a grande meta e a resistência à missionação os qualifica como hordas bárbaras a serem civilizadas.

Ainda sobre o Chaco, entre 1777 e 1782 – alguns anos após a supressão da Companhia de Jesus o Padre Martin Dobrizhoffer (1718-1791) escreveu “*História de los abipones*”, com um mapa do Paraguai.

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 15 –Martin Dobrizhoffer. *Mappa Paraquariae In Multis a me Correta*. 1784. Viena. In: Martin Dobrizhoffer. *Historia de abiponibus. equestri, bellicosaque Paraquariae natione*. Viena. Typ de Joseph de Kurzbeke. 1784 2v. . BNF GED-2332. Disponível em: (<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8441187r>)

No âmbito das polêmicas da época, a obra de Dobrizhoffer tinha como objetivo principal a defesa do conhecimento jesuítico como fonte legítima para as discussões sobre a América, já que eles tinham o conhecimento da região. Oportunamente, o livro contém um mapa e imagens, na tentativa de uma descrição tida como fiel ao Paraguai.

As descrições geográficas, da fauna e flora, são feitas com minúcia e apesar do livro focar os *abipones*, Dobrizhoffer propõe a necessidade de uma descrição total de toda a Província e de seus habitantes¹³⁷. Latitudinalmente, a descrição ia do Brasil até o Peru e Chile, abarcando aproximadamente 700 léguas espanholas. Na longitude, desde a desembocadura austral do Rio de La Plata até o “país amazônico” ao norte, 1100 léguas¹³⁸.

A Província Jesuítica do Paraguai ecoa mais uma vez na cartografia. Dessa vez, os povos abipones têm o etnônimo destacado, por motivos óbvios.

O Xarayes, antes retratado como “lago” pela cartografia jesuítica, agora aparece como uma região que sofre inundações, o que mostra a incorporação do avanço do reconhecimento jesuítico na região.

Figura 13- detalhe da região do lago do Xarayes, com a indicação da sazonalidade das inundações. In: Martin Dobrizhoffer. *Mappa Paraquariae In Multis a me Correta*. 1784. 2v. In: Martin Dobrizhoffer. *Historia de Abiponibus, equestri, bellicosaque Paraquariae natione*. Viena. Typ. Josephi de Kurzbeke. 1784. 2v. BNF GED-2332. Disponível em: (<http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b8441187r>)

¹³⁷ Martin Dobrizhoffer. *Historia de los abipones...* Op. cit. Livro I. pág. 52

¹³⁸ Martin Dobrizhoffer. *Historia de los abipones...* Op. cit. Livro I. pág. 52

A trajetória de produção dos mapas do Paraguai, construída com o sacrifício missionário, está expressa nas palavras do jesuíta exilado.

*Todos saben que los mapas de Paracuaria se hicieron según las observaciones de nuestros hombres [los jesuitas] que a fin de ganar bárbaros para Dios y el Rey católico, atravesaron a pie allá las selvas más profundas, las cimas de las sierras y las riberas de los ríos más remotos y cruzaron todo el país, jamás sin peligro de su vida y muchas veces con su perdida*¹³⁹

O sacerdote exilado discute a inexatidão de alguns dados do mapa *Amerique Meridionale* (1748), de Jean Baptiste Bourguignon d'Anville, ao mesmo tempo em que reconhece a dignidade do geógrafo pela citação da atividade jesuítica na América:

*Estimo especialmente el mapa del geógrafo real del señor D'Anville ya a causa de que él ha anotado diligentemente también las destruidas colonias españolas e indias e igualmente ha anotado la mayor parte de los restantes asuntos. Sin embargo, ella no es del todo correcta (...)*¹⁴⁰

Nessa obra, a narrativa segue o modelo predominante da Companhia de Jesus. Aqui também está presente a declaração de submissão do trabalho da Ordem à Coroa Espanhola, ou seja, ao *Patronazgo*. Um exemplo contundente é a discussão sobre o topônimo “Terram Missionum” sobre as regiões das missões

¹³⁹ Martin Dobrizhoffer. *Historia de los abipones...* Op. cit. p.32

¹⁴⁰ Martin Dobrizhoffer. *Historia de los abipones...* Op. cit p.33

guaranis, e deixa claro que as terras estavam sob a jurisdição do governador de Buenos Aires:

[..]) Al gobernador de Buenos Aires se hallan sometidas igualmente las treinta localidades de los Guaraníes que están en las costas de los ríos Paraná, Uruguay y Paraguay. Los geógrafos suelen reunir las bajo el nombre general de Doctrinas o Terram Missionum. Solo malévolos o ignorantes tienen la impudicia de darles en sus escritos la odiosa denominación de: reino de los Jesuitas. [...]

EL Estado rebelde contra el Rey de España y pintarlo con los colores más negros que les ofrece la envidia o el afán de calumniar. Cuan fácil no sería refutar estas calumnias si no fuera contrario a mi propósito el intercalar sátiras o apologías [..])¹⁴¹

Ainda lamenta a divisão das terras feitas com Portugal e a consequente perda dos povos:

Tal vez alguien alegue la sedición que los Guaraníes del río Uruguay han promovido en 1753 a causa de un decreto real. Por este decreto ellos debían abandonar siete de las mejores reducciones a los Portugueses, pero los habitantes trasladarse a alguna región solitaria o a otras reducciones del Paraná. Los indios se opusieron con todas sus fuerzas pero de ningún modo por odio contra el monarca que quiso exilarlos sino por amor a su patria de la cual debían ser desterrados.¹⁴²

O padre Jose Cardiel (1704-1782) trabalhou com cartas geográficas mesmo após o exílio na Europa. Compôs mapas da costa magelânica e das missões do Paraguai, dentro dos padrões aqui já citados da Companhia de Jesus. Sua produção se presta basicamente a defender a validade da ação da Ordem Religiosa nos

¹⁴¹ Martin Dobrizhoffer. *Historia de los abipones...* Op. cit p. 14

¹⁴² Martin Dobrizhoffer. *Historia de los abipones...* Op. cit p. 22

domínios espanhóis, como também o fez o padre José Quiroga (1707-1784), seu contemporâneo.

A experiência acumulada anteriormente à entrada na Companhia, também encontrada em seus estudos de matemática, levou Quiroga ao trabalho com mapas. Em 1753, o sacerdote elabora a *Descripción del Rio Paraguay desde la Boca del Xauru hasta la confluência del Parana*. O relato da viagem salienta os equipamentos e apresenta minuciosas técnicas do empreendimento, evidenciando o caráter da viagem, mais voltada aos objetivos científicos do que missionais.

Os padres José Cardiel e José Quiroga engrossaram as denúncias dos inconvenientes do Tratado de Madrid¹⁴³. O mapa atribuído a Cardiel, de 1752 define bem qual era a posição do padre nas questões territoriais da região.

¹⁴³ Artur H. F. Barcelos. *Mergulho no Seculum*. op cit. p. 59

Figura 17 – Jose Cardiel. *Mapa de la Governacion del Paraguay, y de la de Buenos Ayres, com la Linea divisoria de las tierras/ de España y Portugal, ajustada entre la dos Coronas*. 1752. In.: Guillermo Furlong. *Cartografia jesuítica del Rio de la Plata*. Buenos Aires. Talleres S.A, Casa Jacobo Peuser. 1936. f. 23.

O debate passava pela descrição cartográfica e pela confirmação do projeto espanhol de evangelização do gentio.

O *Mapa de la Governacion del Paraguay* é um exemplo das representações dos jesuítas nas questões políticas. O mapa ataca as questões demarcatórias, mostrando a linha de Tordesilhas sobre a vila de São Paulo de Piratininga. Apesar

de não ser um mapa total do Paraguai, ele aborda uma temática cara aos jesuítas cartógrafos: a luta pela manutenção do domínio espanhol na região. O mapa também demarca povoações assoladas pelos paulistas, um item constante dos mapas da Companhia de Jesus.

A classificação dos povos está presente no mapa, demonstrando a força do modelo inaciano para a região.

Figura 18 – Detalhe de: Jose Cardiel. Mapa de la Governacion del Paraguay, y de la de Buenos Ayres, com la Linea divisória de las tierras/ de España y Portugal, ajustada entre la dos Coronas. 1752. In: Guillermo Furlong. Cartografia jesuítica del Rio de la Plata. Buenos Aires. Talleres S.A, Casa Jacobo Peuser. 1936. f. 23.

Outra produção atribuída por Guillermo Furlong a Cardiel que mostra o Paraguai por completo, mas de teor mais político, é o *Mapa de las Doctrinas del Paraná y Uruguay y de la Línea divisória del año 1750 [...]*¹⁴⁴. O mapa, segundo

¹⁴⁴ Jose Cardiel. (atribuído). *Mapa de las Doctrinas del Paraná y Uruguay y de la Línea divisória del año 1750 em cuanto a estas doctrinas toca. La línea divisória es la encarnada, que comenzando en os Castillos sobre la costa en la altura de 34 grados, y pasando por cerca de Maldonado va por las Cabeceras del Rio Negro, y Estancia de San Miguel hata la cabecera del Ybicui y rio abajo hasta el Uruguay, y rio arriba hasta el Rio Pipiti, y este al Yguazu y Paraná. La señalo el Rey el año de 1750.*

Guillermo Furlong, seria integrante da *Breve relación de las misiones del Paraguay*¹⁴⁵.

Estudos mais recentes observam que a autoria de Cardiel pode ser questionada, já que com a expulsão dos padres dos domínios espanhóis, os papéis e mapas foram reencontrados e recompilados sem muito critério¹⁴⁶.

O mapa apresenta a linha de divisão de possessões, marcando sua posição política. É um mapa produzido pelos jesuítas na Itália.

1750. In: Guillermo Furlong. Cartografia jesuítica del Río de la Plata. Buenos Aires. Talleres S.A, Casa Jacobo Peuser. 1936. op. cit., f. 23 Archivo de Loyola, Aspeitia, 2-2-85, ao final de um volume chamado *Papeles varios del P. Luengo*

¹⁴⁵ José Cardiel. *Breve Relación de las misiones del Paraguay* (circa 1771). Buenos Aires. Secretaria de cultura de la Nación. 1994.

¹⁴⁶ Artur H. F. Barcelos. *O mergulho no seculum*, op . Cit. p. 299

Figura 19- José Cardiel (atribuido). *Mapa de las Doctrinas del Paraná y Uruguay y de la Línea divisoria del año 1750 en cuanto a estas doctrinas toca. 1750.* In: Guillermo Furlong. *Cartografía jesuítica del Rio de la Plata*. Buenos Aires. Talleres S.A, Casa Jacobo Peuser. 1936. op. cit., f. 23

Como se pode ver, essas produções do período são voltadas à validade do conhecimento da região e dialogam com as delimitações das coroas Ibéricas na América do Sul. A divulgação do conhecimento dessas terras ganha vigor numa época em que se estabelece a tradição de descrição do Paraguai dos jesuítas.

Assim é possível compreender o mapa *Parte de la America Meridional em que trababaja el zelo de los Relgiosos de la Compañia de Jhs de la Prov. Dicha del Paraguai*, atribuído por Guillermo Furlong ao padre Cardiel. É um mapa em que a precisão não foi estabelecida como prioridade. O que importa é mostrar as localidades nas quais os jesuítas trabalharam em prol do Império Espanhol.

Figura 22- Jose Sanchez Labrador. *Provincia del Itatin convertida a la Fé por los Jesuitas y destruida por los Mamelucos*. Artur H. F. Barcelos. O compasso e a cruz. Porto Alegre, CD, 2006. Guillermo Furlong. *Cartografia Jesuítica*. op. cit. f. 45. p. 118.

Figura 23: José Sanchez Labrador. Ms. *Misiones del Tape en la forma que tenían antes de su transmigración el año de 1630.* In: Artur H. F. Barcelos. O compasso e a cruz. Porto Alegre, CD, 2006. Guillermo Furlong. Cartografía jesuítica... f. 44. p 118

preocupando-se, sobretudo em fazer uma recuperação histórica pela cartografia, sem o primor técnico de outros sacerdotes que desempenharam essa atividade¹⁴⁷.

Outros sacerdote exilados inseriram-se nas polêmicas travadas entre filósofos naturalistas acerca do Novo Mundo, em alta na segunda metade do século XVIII, em obras que tentavam defender a natureza americana nos debates europeus, como o caso do padre José Jolis (1728-1790)¹⁴⁸.

Jolis escreve sua obra sobre o Gran Chaco em 1789 e enfrenta com muita força as discussões sobre a América e sua natureza, respondendo abertamente às polêmicas lançadas após o lançamento de obras como a *Histoire naturelle* (...) de George Louis Leclerc (1707-1788), o conde de Buffon¹⁴⁹. O mapa que acompanha a edição respalda o testemunho ocular de muitas informações contidas no livro, seja pelo próprio autor, seja por seus irmãos de Ordem Religiosa.

O Padre Joaquin Camaño Bazan (1737-1820), jesuíta nascido em Tucumã, que exerceu trabalho missionário entre os Chiquitos e, a partir da experiência, elaborou um mapa e influenciou a obra de Jose Jolis, que fez uso da carta em sua obra. A obra de Camaño foi destacada no período de exílio e serviu como uma espécie de roteiro do livro de Jolis sobre o Chaco.

¹⁴⁷ Artur H. F. Barcelos. *Mergulho no Seculum*. op. Cit. p. 339

¹⁴⁸ Antonello Gerbi. *O Novo Mundo. história de uma polêmica*. (1750-1900). . São Paulo. Cia. das Letras. 1996. p. 173-177

¹⁴⁹ George Louis Le Clerc. *Histoire naturelle générale et particulière*. Impirmerie Royale. Paris. 1749 – 1789. 44v

Figura 2515 – Joaquín Camaño Bazán. *Carta del Gran Chaco y Paesi Confinati. Delin. dal Sig. Ab. Giachino Camagno D.re Filof. Della Neo Cordse Università*. Faenza. Lodovico Genestri. 1789. In: JOLIS, José. *Ensayo sobre la Historia natural del Gran Chaco*. Traducción de María Luisa Acuña. Estudio preliminar de Ernesto J. A. Maeder. Resistencia. Ed. Colmegna / Universidad Nacional del Nordeste. 1972 (1789). Facsimile. In: Guillermo Furlong. *Cartografía Jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires. Talleres S. A., Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936. p. 125 do texto, f. 100 do catálogo.

O mapa é uma produção importante do período após a supressão e foca apenas o Gran Chaco, não representando o Paraguai em sua totalidade. Apesar disso, vale citá-lo, pela inserção da região nas polêmicas do final do século XVIII e na tentativa de respaldar a atuação da Companhia de Jesus com a Coroa Espanhola.

A Província do Paraguai também teve destaque entre o público leitor Anglo-Saxão no período após a expulsão, por meio de outro exilado, o padre Thomas Falkner (1707-1784).

O sacerdote inglês teve contato com a Companhia de Jesus quando se recuperava de uma enfermidade contraída no navio no qual trabalhava como cirurgião, em Buenos Aires, no ano de 1731. Converteu-se ao catolicismo e em 1732, ingressou na Companhia de Jesus na condição de membro da Província do Paraguai¹⁵⁰.

Entre 1740 e 1744, Falkner trabalhou entre o Chaco, Santiago del Estero e Tucumã, sendo que ao sul penetrou o pampa basicamente pelos rios Segundo e Tercero e, certamente passou por Córdoba e Yacanto.

É interessante ressaltar que a presença do missionário estava vetada nas missões do Paraguai, indo para regiões mais remotas, pois a cédula de 28 de dezembro de 1743 prescrevia cuidado com a presença de missionários de nações que tinham forças por mar :[...] *por último recomienda cuidado en la vida de los jesuitas de origen extranjero, para no tener problemas con potencias sobre todo de mar [...]*

Junto com os padres Matias Strobel e Manuel Querini, Falkner funda a Redução de Nossa Senhora do Pilar. Depois de outras missões, regressa a Córdoba em 1761 e lá permanece até 1767, quando os jesuítas foram expulsos dos domínios espanhóis.

Por ser inglês, o padre Falkner vai residir em sua terra natal no exílio e é lá que produz a obra *Description of Patagonia (...)*, de 1774¹⁵¹.

¹⁵⁰Guillermo Furlong. *La personalidad y la obra de Tomás Falkner*. n.48, Buenos Aires, J.Peuser,. Publicaciones del Instituto de Investigaciones Históricas, Universidad Nacional de Buenos Aires. 1929. p. 25ss

¹⁵¹Thomas Falkner. *Description of Patagonia and the adjoining parts of South America containing an Account of de Soil, Produce, Animals, Vales, Montains, rivers, lakes, &c. of those Countries; Religion,*

A carta foi produzida a partir de dados relatados pelo missionário ao geógrafo real da Inglaterra, Thomas Kitchin, em 1772. Apesar de partir das informações de Falkner, a carta não trouxe informações já conhecidas por outras cartas produzidas por inacianos, como a laguna de Cristal, e parte da base do já citado mapa “Amerique Meridionale”, do francês Jean-Baptiste Bourguignon d'Anville (1697-1782).

Na obra, o missionário define claramente a perda que a supressão da Companhia teria causado nas terras americanas:

[..] antes de La expulsión de los jesuítas de las misiones del Paraguay, podían Haber sido auxiliados eficazmente por los indios Guaraníes, armados y bien disciplinados como estaban, y que habían ayudado a vencer a los insurgentes rebelados del Paraguay y a expulsar a los portugueses de la Colonia del Sacramento, y así constituían la defensa más poderosa con que este tan importante país [..].

Mesmo destoando dos mapas produzidos aqui apresentados, pelos equívocos geográficos, diferenças iconográficas ou estilo de desenho, a carta que retrata a região ao sul do Paraguai vale ser mencionada para mostrar Thomas Falkner, mesmo no exílio em sua terra natal, ainda lamentando o descompasso do trabalho inaciano e a Coroa Espanhola.

Entre as ideias reforçadas pelos padres nesses mapas, há uma que surge, de maneira forte e acompanha toda a História da Companhia no Paraguai até a expulsão: os embates com os paulistas, inimigos dos padres, que repercutem na cartografia do Paraguai mesmo após o fim do trabalho na região.

Figura 26 – Prancha 1 de: Thomas Kitchin. *New Map of the Southern parts of America taken Survey of the Eastern Coast made by Order of the King of Spain*. London. 1772. In: Thomas Falkner. *Description of Patagonia and the adjoining parts of South America*. London, Hereford. 1774. In: Furlong, Guillermo. *Cartografía Jesuítica del Río de la Plata*. Buenos Aires. Talleres S. A., Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936. f. 38, p. 125 (facsimile)

Figura 16 – Prancha 2 de: Thomas Kitchin. *New Map of the Southern parts of America taken Survey of the Eastern Coast made by Order of the King of Spain*. London. 1772. In: Thomas Falkner . *Description of Patagonia and the adjoining parts of South America*. London, Hereford. 1774. In: Guillermo Furlong. *Cartografía Jesuítica del Rio de la Plata*. Buenos Aires. Talleres S. A., Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936. f. 38, p. 125 (facsimile)

2.3 Os Mapas e a Lenda Negra dos Paulistas

Os paulistas foram marcados como destruidores e obstáculos da ação evangelizadora. Essa marca no discurso cartográfico jesuítico merece uma análise mais detalhada.

Em sua obra clássica sobre o bandeirante Raposo Tavares, Jaime Cortesão descreve os habitantes de São Paulo de Piratininga, os paulistas, como a antítese do projeto inaciano por sua capacidade de hibridismo, ou seja, aberto à miscigenação em contraponto com o aldeamento jesuítico, severo e segregador, e por sua expansão positiva para o Império Português¹⁵².

O historiador português constrói o mito da formação territorial do Brasil, relativizando as acusações de violência dos jesuítas contra os mamelucos paulistas.

Estudos mais recentes voltados à inserção de São Paulo no Império Português ressaltam o afastamento de outros pontos do Império e as especificidades jurídicas da condição paulista, que inclusive arrogava a si a condição de “reino”. Em outras palavras:

A vila de São Paulo tinha certa autonomia devido às características de sua povoação, de maneira que o poder real português tinha as suas dificuldades, dentro do sistema jurídico da época, para ser estabelecido. A vila de São Paulo pôde ser comparada às “repúblicas” italianas ou feudos nos quais não chegava poder real¹⁵³.

No período posterior ao ataque de Raposo Tavares ao Guairá, documentos espanhóis citam o perigo das incursões paulistas alcançarem o Peru, causando instabilidade no Império¹⁵⁴. Naquele mesmo período, Montoya chega a Madrid no ano de 1637, com um libelo, apontando o ataque contra índios convertidos nas

¹⁵² Jaime Cortesão. *Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil*. Lisboa. Portugalia Editora. 1966. p. 178

¹⁵³ Rafael Ruiz. *São Paulo Na Monarquia Hispânica*. São Paulo. IBFC Raimundo Lúlio. 2004. p. 157

¹⁵⁴ Rafael Ruiz. *São Paulo na Monarquia Hispânica*. Op. cit. p. 164

aldeias do Paraguai, além de criticar o uso de um caminho proibido por cédulas reais de São Paulo aos Campos do Paraná¹⁵⁵.

A questão territorial é preocupação indissociável no que se refere ao trabalho de evangelização. O final do texto ainda apontava a existência de um mapa em anexo, o qual não resistiu ao tempo, mostrando os abusos paulistas no avanço territorial¹⁵⁶.

Essa batalha se desenrolou no campo jurídico, e apesar das conquistas, como o Breve de Urbano VIII conseguido pelo provincial do Paraguai, os jesuítas acabariam sendo expulsos da Vila de São Paulo, acusados de usurpar o poder temporal¹⁵⁷.

O discurso cartográfico inaciano repercute a ameaça bandeirante ainda no século XVIII, na qual os tratados de limites e a contínua expansão da ocupação do extremo oeste colocam em risco o trabalho da Companhia na área. O eixo da discussão inclui o Itatim e o já perdido Guairá. A expansão ao norte é motivo para a continuação dos embates, dessa vez entre outros grupos indígenas

A Companhia, dentro da jurisdição da Coroa Espanhola, solidifica na região um conceito que seria largamente utilizado na imagem construída, por meio de textos e cartas geográficas: a Conquista Espiritual. Essa ideia dá nome à emblemática obra do padre Antônio Ruiz de Montoya¹⁵⁸.

A obra começa com uma descrição da Província do Paraguai seguindo os limites seculares, sem citar a circunscrição da Província Jesuítica do Paraguai. Salienta a importância da hidrografia e, ao mesmo tempo, destaca a fertilidade do solo e a ausência de minérios de valor, o que não atraiu a cupidez dos homens nem os episódios das invasões dos paulistas atrás da mão-de-obra indígena, grande obstáculo à empreita inaciana.

Montoya destaca apenas Assunção e mais três localidades que ele não especifica (provavelmente Santiago de Jerez, Ciudad Real e Villa Rica), que foram assoladas por paulistas. Sua pretensão é informar a Coroa Espanhola sobre os perigos e problemas no avanço bandeirante nas terras espanholas.

¹⁵⁵ Rafael Ruiz. *São Paulo Na Monarquia Hispânica* Op. cit. p. 168

¹⁵⁶ Rafael Ruiz. *São Paulo Na Monarquia Hispânica* Op. cit. p. 171. O mapa foi citado por Guillermo Furlong, que acredita que sua elaboração tenha ocorrido por volta de 1636-1637. Guillermo Furlong. *Cartografia Jesuítica*. op cit. p. 25.

¹⁵⁷ Rafael Ruiz. *São Paulo Na Monarquia Hispânica* Op. cit. p. 182

¹⁵⁸ Antônio Ruiz de Montoya. *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañia de Jesus en las Provincias del Paraguai, Uruguai e Tape*. Madrid. Imprenta del Reyno. 1639

As representações gráficas e narrativas feitas posteriormente têm ligação com a narrativa da saga de Montoya, reforçando as ideias centrais dessa obra, ou seja, a dos índios submetidos ao Cristo e à Coroa Espanhola, e a luta dos missionários contra a cobiça dos colonos espanhóis, além da luta contra os mamelucos paulistas. Oriundos da Vila De São Paulo, que, segundo o próprio Montoya, era o lugar mais avançado terra adentro de toda aquela costa, ou seja, a localidade mais ao interior e ao sul da América Portuguesa¹⁵⁹.

A história da Província do Paraguai preparada pelo Padre Nicolas Del Techo (1611-1680), nome “latinizado” do sacerdote francês Nicolás du Toiet, também foi essencial para configuração geográfica presente nos mapas até praticamente o final do século XVIII. Mesmo após a extinção da Companhia de Jesus, tal representação continuou a ser uma referência.

Publicada em 1673 na cidade de Liège, a obra teve edição em inglês, no ano de 1704, com ampla circulação. No primeiro tomo, ele descreve o limite da região explorada pelos espanhóis com mais sucesso do que os portugueses¹⁶⁰. Em seguida, discorre sobre a ocupação da região pela Coroa Espanhola, com a fundação de Assuncion e os choques com os indígenas.

Na descrição, tal como nos mapas, a bacia hidrográfica é o ponto de referência. Por exemplo, a descrição que aparece no capítulo XVI:

Esta provincia, que recibe su nombre del río que la baña, antes que fuera separado El Tucumán, que formaba parte de ella, comprendía la inmensa región que se extiende entre el Brasil y el Perú hasta el Río de la Plata y el mar Atlántico. De su extensión puede juzgarse, teniendo e cuenta que el Paraguay y el Paraná, antes de juntarse, corren por Ella majestuosamente más de trescientas leguas; unidos más adelante forman el Plata, que, después de ochenta leguas de curso, se arroja en el mar; á cincuenta leguas de su desembocadura se halla la ciudad de Buenos Aires, fundada, según hemos visto, por Pedro de Mendoza. En la misma orilla, y á ochenta léguas del mar, se levanta Santa Fe, cuya situación es ventajosa para la navegación.

¹⁵⁹Antonio Ruiz de Montoya. *Conquista Espiritual...* op cit. p. 141

¹⁶⁰Nicolas Del Techo. *Historia Provinciae Paraguaie Societates Iesu*. Officina Mathiae Hovii. Liege. 1673. Livro I, cap. II

*A igual distancia La de Corrientes, en el punto donde se unen el Paraná y el Paraguay; tiene menos importancia que las anteriores. El Paraná, después de correr más de cien leguas, se despeña éste en una majestuosa catarata, pasada la cual se extiende la tierra de los guaraníes frente al Brasil, en la cual hay dos pequeñas poblaciones de españoles, Villarica y Guairá, en otro tiempo muy conocidas. Al Norte del Paraguay están Jerez y otra Villarica, plazas fuertes construídas para unir esta parte del Paraguay con las comarcas interiores. Por último, á las márgenes del rojo Paraná se halla la ciudad de la Asunción, que fué en extremo útil para dominar las tribus levantiscas de las inmediaciones (...)*¹⁶¹.

Os rios Paraná e Paraguai são a espinha dorsal da região descrita por Del Techo, tal como nos mapas da Companhia. Trezentas léguas espanholas definem a distância entre Buenos Aires e o Guaíra¹⁶². O eixo da representação é a bacia hidrográfica do Rio Prata.

Também são destaques: Buenos Aires, na saída para o mar, e Santa Fé ao sul, em situação vantajosa para a navegação. A terra dos Guaranis do Brasil é o ponto final do Paraná, próximo a de Villa Rica e Guairá.

A defesa dos espanhóis contra os nativos e portugueses também aparece nas povoações de Santiago de Jerez e Villa Rica, ambas ao norte, que serviriam para unir a região às comarcas do interior. Assuncion é citada como localidade útil para o domínio de tribos das imediações.

O Paraguai, para Del Techo, é como para Montoya, uma região de limite, sem a riqueza dos minérios, já apontada por José de Acosta como um atrativo para a evangelização no Novo Mundo¹⁶³. Ainda segundo o sacerdote, nenhuma região do Novo Mundo enganou tanto os colonizadores como o Paraguai¹⁶⁴.

O “reino” do Chile e o “país” de Tucumã aparecem nos capítulos subsequentes, que narram suas fundações e acontecimentos do século XVI como

¹⁶¹ Nicolas Del Techo. *Historia Provinciae Paraguaie Societates Iesu*. Op. cit. Livro I, cap XVI.

¹⁶² Medida em léguas espanholas.

¹⁶³ Jose Acosta. *De Procuranda Indorum Salute*. Madrid. CSIC. 1984-1987. Cap. XVIII. p. 533.

¹⁶⁴ Nicolas Del Techo. *Historia...* op. cit. Livro I, cap. XVI

regiões ligadas ao Paraguai, um padrão seguido por muito tempo nas obras da Companhia.

Nicolas Del Techo insere no tomo IV de sua obra a questão do Guairá, aproveitando para descrever aqueles que a essa altura já figuram como grande ameaça ao trabalho jesuítico na região do Paraguai: os chamados mamelucos de São Paulo. Estes entraram no território fazendo que o trabalho de evangelização se perdesse na região, devido à desestabilização causada pelo perigo que vinha das possessões portuguesas:

*Propagábase la fe en el Guairá, y era de esperar que muy pronto toda aquella región fuera cristiana, cuando Satanás, irritado al ver los progresos de sus enemigos, reunió sus fuerzas, y ya por sí, ya por medio de los mamelucos, aliados suyos para el mal, proyectó destruir las nacientes reducciones, y en parte lo consiguió.*¹⁶⁵

A ligação com as já citadas questões levantadas pelos padres José de Acosta e Manuel da Nobrega permanecem e a defesa da primazia dos religiosos para o trabalho com os indígenas permeia toda a argumentação dos sacerdotes.

Os dois trabalhos aqui citados têm em comum o fato de mostrar a situação frágil do Paraguai, por sua proximidade com as terras pertencentes a Portugal e por ser alvo fácil dos ataques dos mamelucos paulistas. A Companhia de Jesus e suas missões seriam úteis ao poder espanhol contra os habitantes de São Paulo, uma força nem sempre submetida aos poderes espanhol ou português.

A cupidez dos paulistas e o desenvolvimento das incursões sobre o Guairá e o Itatim são descritas pelos jesuítas do século XVII e retomadas pelo croqui de Dobrizhoffer anos depois, integrando sua obra *El Paraguay Católico*.

A obra de Sanchez Labrador é retrospectiva, escrita no exílio, e reforça a História da Companhia de Jesus exaltando o pioneirismo e o acúmulo de conhecimento obtido pela Ordem Religiosa.

A produção cartográfica de Sanchez Labrador é mais voltada a croquis, sem rigor técnico, mas resume o esforço de exaltar a amplitude dos trabalhos jesuíticos

¹⁶⁵ Nicolas Del Techo. *Historia ...op. cit.* Tomo IV, cap. XII.

ante às dificuldades da região¹⁶⁶. Os dois mapas contidos em seu livro: *Provincia de Guayra convertida por los Jesuitas y destruída por los Mamelucos Portugueses*, *Provincia del Itatin convertida a la Fé por los Jesuitas y destruída por los Mamelucos* e *Misiones del Tape en la que tenian antes de su transmigración el año de 1630* rememoram os fatos narrados por Montoya na *Conquista Espiritual*.

Os mapas de Sanchez Labrador já citados neste trabalho são exemplos do trabalho jesuítico a serviço da lenda negra dos paulistas reforçando a acusação destes pelos fracassos da missão. Contra os paulistas, frisou-se mais o lado bárbaro e herético dos bandeirantes do que aquele mais ligado ao “temporal”, ou seja, de homens livres e avessos às normas, em voga no século XVIII¹⁶⁷.

Essa imagem reforça alguns aspectos daquela primeira descrição do padre Montoya, que assim os definia:

*Os moradores daquela vila como castelhanos, portugueses e italianos, e gente de outras nações, aos quais ali agregou a vontade de viverem com liberdade e desaforo, sem qualquer aprêmio da justiça. É seu instituto destruir o gênero humano, matando a seres humanos, se estes, para fugirem da miserável escravidão em que os põem, lhes escapam*¹⁶⁸.

No século XVIII, essa imagem é reforçada pelo aspecto religioso. A destruição de cidades e missões do antagonismo com os paulistas, desloca o eixo da discussão para questões morais. Tudo o que os jesuítas precisavam, para tirar qualquer ideia de ambição da Ordem pelo poder temporal.

¹⁶⁶ Artur H. F. Barcelos. *O mergulho no seculum...* op. cit. p. 339

¹⁶⁷ José Carlos Vilardaga. *São Paulo na órbita do império dos Felipes: conexões castelhanas de uma Vila da América Portuguesa durante a União Ibérica*. tese (doutorado) USP. São Paulo. 2010. p. 289

¹⁶⁸ Antônio Ruiz de Montoya. *Conquista Espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*. (1639). Porto Alegre. Martins livreiro. 1997. p. 141

Capítulo 3: Os mapas na nova ordem Antijesuítica

3.1 Os mapas e as polêmicas da crise

Como foi tratado nos capítulos anteriores, os jesuítas contribuiriam nas discussões sobre geografia e história natural no século XVIII com uma grande produção cartográfica. No Século das Luzes, a Ordem Religiosa foi alvo de duros ataques, sendo a crítica da Companhia de Jesus um dos assuntos com grande repercussão.

Essa situação exigiu que a Companhia voltasse seus esforços para debates estratégicos, envolvendo sua atuação, do oriente ao ocidente. No caso do Paraguai não foi diferente. As questões da região figuraram na campanha antijesuítica com outras tantas, como a questão dos ritos chineses ou a atuação jesuítica na Europa. Desta maneira, não apenas a argumentação, como também os formatos de suas publicações, foram um canal para a defesa das polêmicas do Século das Luzes, época de mudanças e de recrudescimento das já antigas ideias antijesuíticas.

A estratégia de adaptação aos assuntos segundo os ataques do opositor não era uma novidade entre os inicianos da época aqui analisada. Essa operação remete às orientações dadas pelo próprio Inácio de Loyola ao falar que os membros da instituição deveriam "entrar com a [argumentação] deles, para se sair com a nossa"¹⁶⁹.

Especificamente acerca dos debates no campo da geografia, lançando mão do vasto repertório e profundidade de seus conhecimentos no século XVIII, acumulados desde o início do trabalho missionário, os jesuítas continuaram divulgando seus saberes sobre a natureza da América, reafirmando a validade e relevância de sua produção que, segundo eles, era superior ao que vinha sendo produzido nos gabinetes sediados na Europa.

A presença das crônicas missionárias sobre as terras distantes e a observação etnográfica inspiradora da imagem do "selvagem" americano na cultura europeia foram amplamente apontadas pela historiografia, estando presentes nas páginas da *Cartas Edificantes* e das *Mémoires de Trevoux*. Essas publicações

¹⁶⁹Adone Agnolin. *Jesuítas e Selvagens. A negociação da Fé no encontro catequético ritual Americano-tupi*. São Paulo. Editora Humanitas. 2007. p. 254

produzidas pelos jesuítas são exemplos do trabalho inaciano. A teologia cedeu espaços aos assuntos ligados aos grandes temas científicos da época

O *Journal de Trévoux* ou *Mémoires de Trévoux*, cujo título completo é *Mémoire pour l'histoire des sciences et des beaux arts*, inspirou-se no *Journal des Sçavans*, importante publicação francesa, criada em 1665, que circulou amplamente até 1792. O *journal de Trévoux* começou a ser publicado em 1701 e permaneceu até 1778, mesmo após a proscrição da Companhia de Jesus na França ocorrida em 1764. Foi um instrumento de comunicação da Ordem em língua francesa, sendo que as *Mémoires* foram produzidas primeiramente na cidade de Trévoux, em Dombes, e posteriormente no Colégio *Louis Le Grand*. A gazeta ainda ganhou reedições em italiano e inglês.

Em estudo de 1939, Robert Palmer fez uma apreciação estatística e mostrou que apesar das diversas mudanças que as *Memóires* sofreram em seu formato e na variabilidade do tempo de suas edições, podemos encarar essas mudanças como uma forma de adaptação do periódico às audiências voltadas à ciência.

Chama a atenção o aumento de temas relacionados às práticas e técnicas, como a cronometria e navegação, a cartografia, a arquitetura e engenharia, e as “ciências” como a história natural, a matemática e a física¹⁷⁰.

Entre 1740 e 1760, em números gerais, as práticas e técnicas tiveram uma mudança de 8,1% para 16,1%, em 1760. As Ciências tiveram oscilação, mas conquistaram também um pico na década de 1740, com 18,2% no total de publicações.

	1702	1710	1720	1730	1740	1750	1760
I. Religion.....	37.5	40.7	32.6	30.0	27.2	18.1	20.1
II. History.....	20.6	17.6	19.4	20.7	16.5	15.0	14.7
III. Philosophy.....	4.8	1.0	3.4	3.3	3.3	3.6	2.9
IV. Science.....	8.7	10.2	11.1	15.8	18.2	14.0	10.8
V. Social studies....	5.5	5.2	7.6	4.4	5.0	7.7	9.9
VI. Art and letters...	7.9	11.3	9.7	10.6	11.1	20.9	19.8
VII. Prac. and tech...	6.9	9.2	10.9	9.5	14.0	14.6	16.1
VIII. Miscellaneous....	8.1	4.8	5.3	5.7	4.7	6.1	5.7
	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0	100.0

¹⁷⁰Robert Palmer. *The French Jesuits in the Age of Enlightenment*. The American Historical Review. Vol. 45, nº 1. 1939. Pp. 44-58

Robert Palmer. The French Jesuits in the Age of Enlightenment. The American Historical Review. Vol. 45, nº 1. 1939. Pp. 44-58

A religião gradualmente ocupou um lugar cada vez menor nas páginas do *Journal*. A cartografia ganha espaço junto com a arquitetura, história natural ou a cronometria nas páginas das *Mémoires de Trevoux*¹⁷¹.

A geografia figura nas páginas da gazeta trazendo artigos de autores como Nicolas Bellin (1703-1772), membro da *Académie de Marine* (França) e da *Royal Society* (Inglaterra), e de Charles La Condamine (1701-1774), da *Académie des Sciences*.

Os artigos são prioritariamente de ordem mais genérica, em que questões como a medida do globo terrestre são estudadas¹⁷². A ciência aqui é o grande tema a ser destacado, muito mais do que simples curiosidades, como em outras publicações dos jesuítas.

Nos textos de geografia, a produção cartográfica francesa aparece comentada em artigos que tratam das obras de Jean Baptiste Nollin (1657-1725), Guillaume de L'isle (1675-1726), Jean Baptiste Bourguignon d'Anville (1697-1782), Jacques-Nicolas Bellin (1703-1772) e La Condamine (1697-1782) sobre possessões francesas. As cartas são descritas e analisadas nos artigos¹⁷³.

Como Palmer citou em seu artigo, a condição dos jesuítas era muito delicada. Essas obras estavam imersas em uma circunstância de ataques à Companhia de Jesus, não só na França, mas como em toda a Europa. A ênfase da ciência em detrimento da teologia coincide com recrudescimento do antijesuitismo.

A atividade dos inimigos dos inicianos apesar de não ser uma novidade no século XVIII, ganha outros contornos. Conforme mostrado por José Eduardo Franco, essa semente já tinha sido plantada praticamente na época da fundação da Ordem. Dito de outro modo, o antijesuitismo nasceu junto com os primeiros movimentos do grupo dirigido por Inácio de Loyola¹⁷⁴.

As questões do século são outras, ligadas ao regalismo e às Luzes. Os principais elementos destacados são: o poder jesuítico frente ao poder real, a

¹⁷¹ Idem.

¹⁷² Carlos Sommervogel. *Table Methodique Des Memoires De Trevoux*. (1701-1775) parte I Paris. Auguste Duran. 1865. p. 114 – 118

¹⁷³ Carlos Sommervogel. *Table Méthodique des mémoires...* op cit. p. 114 – 118

¹⁷⁴ José Eduardo Franco. *O mito dos jesuítas, em Portugal, no Brasil e no Oriente*. Lisboa. Gradiva. 2006. Vol. I. p. 20

construção de um “estado dentro do estado” e o obscurantismo dos estudos promovidos pela Companhia, que detinha grande poder nos círculos de produção do conhecimento, além dos antagonismos com outras Ordens Religiosas e com os jansenistas. Todos esses elementos são devidamente combatidos. Nesse cenário que o uso da cartografia se mostra essencial, tornando-se uma ferramenta na defesa do trabalho missionário.

O uso da cartografia pelos sacerdotes no século XVIII foi pertinente aos ataques e discussões principais da época. O discurso totalizante da cartografia ao descrever um território e a possibilidade de conjugação dos elementos não-geográficos ao mapa davam-no uma instrumentalidade poderosa, que encerrava em si uma série de dados essenciais para a defesa da Ordem Religiosa.

Ainda na França, outras obras eram usadas para o contra-ataque em outro flanco, das *Lettres édifiantes et curieuses*, editadas para a defesa do trabalho inaciano nas missões e suas pretensões evangelizadoras. O formato das edições, com narrativas mais palatáveis ao público europeu, respondiam aos interesses dessa audiência, dando grande destaque ao oriente. Essas obras tiveram grande repercussão, ganhando edições em inglês, espanhol e alemão, e foram republicadas numerosas vezes e em diversos idiomas até o século XIX, cumprindo seu objetivo de popularização da narrativa jesuítica.

As *Lettres édifiantes* se valeram do conhecimento acumulado da atuação de dois séculos e meio como missionários e apresentaram ao público assuntos dos mais variados: governantes do oriente contatados pelos padres, sacerdotes missionários com destacado valor na ação de evangelização e até mesmo nativos de vida cristã exemplar.

A representação dos nativos americanos não foge à tradição de descrição dos jesuítas, que por sua vez está em consonância com as hagiografias católicas. Eles não se furtaram a retratar um ideal de pagão a ser convertido, conforme as características de classificação dos povos estudada no segundo capítulo deste trabalho. Esse é o caso, por exemplo, da nativa Catherine Tekakwitha, o “lírio dos moicanos”, representada dentro dos padrões jesuíticos de imagem, como também

em sua biografia, de virgem, falecida em odor de santidade, um exemplo do avanço missionário na América do Norte, retratada ao modo das virgens da igreja cristã¹⁷⁵.

Figura 28 - *Catherine Tekakwita*. In: Jean Baptiste Du Halde. *Lettres edifiantes et curieuses*. Vol XIII. Paris. Chez Marc Bordelet. 1741. p. 118.

A santificação dos territórios de missão está presente nas *Lettres*, conforme o modo jesuítico de narrativa já tratado neste trabalho. O que não falta também, e é indissociável do trabalho inaciano, principalmente na região da Província Jesuítica do Paraguai, é o espaço dedicado às questões políticas, no relacionamento com a Coroa Espanhola. A argumentação dos padres se baseou na justificativa do ardor evangelizador como o objetivo de todas as suas atuações e atividades, enfim a tão

¹⁷⁵Catherine Tekakwita. In: Jean Baptiste Du Halde. *Lettres edifiantes et curieuses*. Vol XII. Paris. Chez Marc Bordelet. 1741. p. 118.

citada máxima inaciana da “maior glória de Deus”. Nas *Lettres Edifiantes* há espaço para um conteúdo político, mas submetido aos objetivos da evangelização,.

O Paraguai e a região platina estão presentes de maneira discreta nessas edições. A prioridade é a Ásia, grande tema desta compilação, que foi dirigida por dois jesuítas conhecidos por seus trabalhos de sinólogos, os padres Charles Le Gobien (1653-1708) e Juan Baptiste Du Halde (1674–1743).

Em 1708, o Paraguai tem sua primeira aparição nas edições francesas. É elencado um relato do padre Juan Nyel ao reitor do colégio de Estrasburgo, de 1705. Estabelecido no Colégio de Lima, o sacerdote narra a evolução do trabalho jesuítico naquela região desde o início até a situação de sua época¹⁷⁶.

A cartografia da *Paraquariae Provinciae* será inserida pela primeira vez na edição das *Lettres* de 1734, com o mapa *Le Paraguay ou les RR. PP. De la Compagnie de Jesus ont répandu leurs Missions*, de 1733, de autoria de Jean Baptiste Bourguignon D’Anville (1697-1782)¹⁷⁷.

¹⁷⁶ Jean Baptiste Du Halde. *Lettres Edifiantes, et curieuses, écrites des missions etrangeres, par quelques missionnaires de la Compagnie de Jesus*. Vol. VIII, Paris. Chez Nicolas Le Clerc. 1708.p. 1-27

¹⁷⁷ Jean Baptiste Du Halde. *Lettres Edifiantes, et curieuses, écrites des missions etrangeres, par quelques missionnaires de la Compagnie de Jesus*. Tomo XXI. Paris. Chez Le Mercier. 1734. P. 279

Source gallica.bnf.fr / Bibliothèque nationale de France

Figura 29 – Jean Baptiste Danville. *Le Paraguay ou les RR. PP. De la Compagnie de Jesus ont répandu leurs Missions*, de 1733, In *Lettres Edifiantes, et curieuses, écrites des missions etrangeres, par quelques missionnaires de la Compagnie de Jesus*. Tomo XXI. Paris. Chez Le Mercier. 1734. P. 279. (disponível em <http://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b84>)

O mapa acompanhou o capítulo *Etat présent de la province du Paraguay dont on a eu connaissance par del lettres venues de Buenos-Aires, datée du 20 février 1733, traduite de l'espagnol*. Está inserida nessa edição o mapa, na página anterior ao relato.

Nessa mesma edição de 1734, os assuntos do Paraguai são tratados em duas cartas entre o padre Jeronimo Herran (1672-1743), que foi provincial do Paraguai entre 1729 e 1733, ao Vice-Rei do Peru, Marques de Castelfuerte, seguida de uma carta do Bispo de Buenos Aires, Dom Pedro de Fajardo (1664-1729), e de Don Bruno Mauricio de Zabala (1682-1736), sobre a construção do forte na região que daria origem a Montevideu.

Tratam das questões dos *comuneros* do Paraguai e transmitem a ideia de submissão da Ordem ao poder espanhol, ao retratar a postura de Herran frente ao levante de 1731, apoiando a manutenção da ordem imposta pela Coroa.

O volume ainda traz a cédula de Felipe V, de 1716, que dá poder aos jesuítas para a incursão ao Chaco, mostrando a importância da Companhia naquele avanço tardio a essas regiões, que apesar das tentativas dos inicianos, não tinha sido tão frutífera quanto aquelas mais antigas missões do Paraguai.

Finalizando as questões sobre o Paraguai, a edição ainda traz as *Observations Géographiques sur la Carte du Paraguay par l'auteur de cette Carte*, um interessante roteiro de elaboração da carta geográfica contida na obra, de autoria do próprio D'Anville. O geógrafo menciona no roteiro a carta de Juan D'Ávila, a qual erroneamente cita a data de 1727 (o correto seria 1726), dedicada ao padre Michelangelo Tamburini (1648-1730).

Sobre os aspectos técnicos, a carta de D'Anville confirma o padrão jesuítico da descrição do Paraguai, já citado no capítulo II deste trabalho, mencionando os avanços de medições de latitude e longitude desde a primeira carta mais conhecida, dedicada ao padre Caraffa, de 1647.

Em 1741, um fragmento do mapa do Irmão Juan D'Ávila do Paraguai é apresentado em outra edição das *Lettres*, em que são narrados os avanços entre os Chiquitos, segundo o padre Francisco Burges.

Esses povos figuram como um sucesso tardio do avanço jesuítico, já que esses foram os mais receptivos ao trabalho iniciano ao norte da Província Jesuítica do Paraguai, sendo eventualmente comparados aos Guaranis. Em linhas gerais, há uma descrição geográfica e relatos do trabalho missionário e o perigo da proximidade dos temíveis “*mamelucos portugueses*”, como o autor do relato nomeia

os paulistas¹⁷⁸, uma das tantas formas de nomear os moradores do planalto de Piratininga.

Esses são exemplos da difusão das cartas geográficas relacionadas ao Paraguai nas *Lettres*. As descrições contidas nessas cartas ecoam as mesmas linhas indicadas na série de cartas do capítulo II, e das narrativas jesuíticas sobre a região da época, alimentando a curiosidade e contribuindo para a edificação da Fé.

Em recente obra, Adrien Paschoud sublinhou a tentativa jesuítica de mostrar o Paraguai como um teocracia ordenada e uma região propícia para o trabalho jesuítico, omitindo nessa construção os mal-entendidos culturais, negociações e compromissos para oferecerem uma visão mitificada de todos os pontos das formações das “reduções” jesuíticas¹⁷⁹.

Tal como nos mapas, a missão na Província Jesuítica do Paraguai é descrita como uma forma de evangelização/civilização, de perfeição geométrica e impermeável ao contexto da mobilidade típica da realidade da colonização¹⁸⁰.

Esse Paraguai de papel apresentado nos mapas do século XVIII ainda está atrelado aos escritos dos padres Acosta e Manoel da Nóbrega, que alia o *compelle eos intrare* evangélico e o objetivo civilizador.

A beleza da ordenação é invocada em todo o momento, conforme aparece no volume XIII, de 1742, na introdução do editor das *Lettres*, Jean-Baptiste Du Halde, que é uma espécie de chave de interpretação do Paraguai das *Lettres*, que teve a cartografia como uma espécie de reforço no discurso:

On ne peut s'empêcher d'être de l'ordre admirable qui s'observe dans les missions du Paraguay, depuis plus de cent ans qu'elles ont été établies par les jésuites espagnols. On y trouve cette égalité des biens temporels que Saint Paul exigeait des fidèles, en voulant que l'abondance du riche supplêât à l'indigence du pauvre; ou plutôt on n'y voit ni riches, ni pauvres, tous étant également pourvus des choses nécessaires à la vie. C'est peut-être l'unique endroit du monde, où le propre intérêt n'ait pu encore s'introduire; et par là, la porte n'est-elle pas fermée à presque tous les vices, dont cette malheureuse cupidité est la source? C'est ce qui a maintenu

¹⁷⁸ Jean Baptiste Du Halde. *Lettres édifiantes...* vol. XII, p.118

¹⁷⁹ Adrien Paschoud. *Le monde amérindien au miroir des Lettres édifiantes et curieuses*. Oxford. Voltaire Foundation. 2008. p. 120.

¹⁸⁰ Adrien Paschoud. *Le monde amérindien ...* op cit.. p. 128.

*jusqu'ici les fidèles du Paraguay dans ce détachement, et dans cette innocence des mœurs, qu'il est si rare de trouver maintenant et qui est pourtant propre au christianisme*¹⁸¹.

A ordem da civilização e o espaço inteligível de “bela natureza”, construída sobre um modelo matemático, subordinado aos regramentos da espiritualidade inaciana são tópicos das *Lettres*¹⁸².

Entre a cartografia e essas narrativas utópicas de grande alcance entre o público, podemos perceber a característica comum de uma dimensão “transhistórica”¹⁸³. No caso dos mapas, essa característica é marcante e pela natureza desse suporte, em que diversas temporalidades são apresentadas simultaneamente na mesma imagem.

A utopia do Paraguai ecoou em outras partes da Europa, nas páginas escritas por jesuítas. No *Il Cristianesimo Felice nelle missioni de padri della Compagnia di Gesu nel Paraguai (...)*, do Padre Muratori ou nas narrativas de Charlevoix, essa obra publicada em Veneza propaga o Paraguai dos jesuítas, seguindo as mesmas ideias apresentadas nas páginas das *Lettres*¹⁸⁴.

Essa dimensão é exhaustivamente reforçada no retrato do “cristianismo feliz” de Muratori. O autor não se vale abertamente da cartografia, mas podemos inferir o uso dela nas descrições em seu trabalho, que se valem dos relatos daqueles que teriam regado a terra paraguaia com suor e sangue.

Ativo participante da República das Letras, o sacerdote não se furtou a descrever a fauna e flora da grande empreita do Paraguai e tendo como fonte principal os escritos do padre Caetano Cattaneo, além, é claro, de beber em toda a produção de sua Ordem sobre a experiência na América do Sul.

A obra foi editada em 1743, ou seja, antes do eclodir dos grandes conflitos acerca de limites territoriais da década de 1750 e da forte campanha antijesuítica do Marques de Pombal. No entanto, o próprio autor adverte que o tema não é novo entre os letrados europeus, citando a obra do padre Sepp. As preocupações

¹⁸¹ Jean Baptiste Du Halde. *Lettres édifiantes et curieuses, écrites des missions étrangères, par quelques missionnaires de la Compagnie de Jesus*, vol. XIII. Paris. Chez Marc Bordetel. 1742. p. IX ss

¹⁸² Adrien Paschoud. *Le monde amérindien...* op. cit. p. 128ss

¹⁸³ Adrien Paschoud. *Le monde amérindien...* op. cit. p. 140

¹⁸⁴ Adrien Paschoud. *Le monde amérindien...* op. cit. p. 140

expressas pela cartografia sobre os paulistas e o questionamento da validade da ação missionária já aparecem com força em seu relato¹⁸⁵.

O público leitor das obras produzidas em Veneza estava colocando em questão alguns aspectos que aparecem na obra e Muratori realça essas dimensões em sua obra, mostrando o avanço do cristianismo nas terras remotas da América.

Uma breve descrição das terras do Paraguai é apresentada no terceiro capítulo de seu livro, totalmente tributária da tradição jesuítica e do uso dos escritores da Ordem. Os rios da América são destacados, como se fez em todos os escritos sobre a região e também na sua cartografia.

Os recursos naturais e variedade da fauna são também colocados em destaque, deixando clara a primazia do poder espanhol na região. Muratori procura salientar a organização exemplar dos povos e o empenho missionário do que qualquer outra querela política da região.

As acusações de ambição desmedida dos jesuítas no Paraguai acabam usando na grande extensão do trabalho na região possuído pela Companhia contra os próprios sacerdotes. O trabalho extenso acabou fornecendo argumentos para a crítica dos inimigos, que acusavam os padres de formarem um Estado dentro do Estado no interior da América do Sul.

¹⁸⁵Regina Célia de Melo Moraes. *Muratori e o Cristianismo Feliz na Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Paraguai*. (dissertação de mestrado) Niterói. UFF. 2006. p. 67.

3.2 Os mapas e o “Estado dentro do Estado”

Em toda a Europa, o rastilho de pólvora, inflamado, entre outros, pelo Conde de Oeiras, encerrava a Companhia de Jesus na grande campanha difamatória de repercussão intensa. Não bastou para o ministro plenipotenciário português o combate dentro dos domínios lusitanos. Sua atuação na construção do pensamento antijesuítico foi central e sua repercussão foi sentida até mesmo no século XX e ainda hoje¹⁸⁶.

A propaganda contra os jesuítas contou com os mais diversos meios: Tratados, histórias, relatórios, traduções e retroversões, peças de teatro, chantagens, leis, pressões diplomáticas, subornos, gravuras, literatura de ficção, contrafacções e deturpações de breves e bulas papais. O objetivo: a extinção completa da Companhia de Jesus¹⁸⁷.

Em conjunto com essa veiculação da campanha antijesuítica, há também a tentativa de dar aos europeus a imagem de que Portugal estava ultrapassando a condição de país atrasado e marginalizado. Essa é a tônica das obras que percorreram toda a Europa, amplamente traduzidas e impressas¹⁸⁸.

Entre os títulos elencados pelo autor, observa-se uma quantidade de impressão de documentos relativos aos problemas dados a Portugal pelos jesuítas em sua atuação em Portugal, remontando ao século XVI¹⁸⁹.

A obra de José Eduardo Franco faz um balanço de toda a perseguição jesuítica em toda a Idade Moderna e Contemporânea, mostrando como a campanha pombalina intentou atingir uma amplitude universal, inclusive com uma versão chinesa da célebre obra “Dedução Chronologica” em chinês¹⁹⁰. A ação orquestrada pelo Marquês de Pombal durou até depois da expulsão do reino português, já que o objetivo pleno foi apenas atingido após a supressão da Ordem. O teor dos argumentos contidos nessa obra ainda seriam utilizados no século XX e ecoam ainda hoje nas vozes detratoras do trabalho da Companhia de Jesus.

¹⁸⁶ José Eduardo Franco. *O Mito dos Jesuítas...* op cit. At passim

¹⁸⁷ José Eduardo Franco. *O Mito dos Jesuítas...* op cit. p. 589

¹⁸⁸ José Eduardo Franco. *O Mito dos Jesuítas...* op. cit. p. 590

¹⁸⁹ José Eduardo Franco. *O Mito dos Jesuítas...* op cit. p. 590.

¹⁹⁰ José Eduardo Franco. *O Mito dos Jesuítas...* op cit. 591-592

Pombal não era o único interessado na derrocada da Companhia de Jesus. Sua propaganda encontrou ambiente fértil em toda a Europa. É conhecida sua relação com outras Ordens religiosas e com os jansenistas.

Na Península Itálica, o impacto das “coisas de Portugal”, como bem nomeou Franco Venturi, foi muito divulgada e reeditada. A conexão de Pombal com o livreiro Niccoló Pagliarini, apontada por Zília Osório de Castro, mostra a relação do ministro com os jansenistas, pela oposição dos dois ao jesuitismo¹⁹¹. As ideias oriundas de Port Royal se posicionavam antagonicamente à espiritualidade inaciana, e a sua concepção da natureza humana, uma oposição usada contra a Companhia de Jesus, e seu dito catolicismo mais laxista.

As críticas dirigidas aos jesuítas não eram novidade, mas foram retomadas, tornando-se mais ameaçadoras, com mais detalhes e se valeu dessas alianças. Dentro desse cenário, uma profusão de imagens foi utilizada na campanha. A iconografia antijesuítica sintetizava o discurso pombalino. Os sacerdotes invariavelmente eram retratados como regicidas, servos da mentira do diabo, e detentores de um poder que habilmente escondiam possuir.

Nesse contexto, a cartografia aparece de maneira decisiva, manipulando a obra jesuítica de propaganda da Companhia segundo os argumentos da propaganda contrária.

Uma versão do mapa de Johannes Petroschi, de 1732 é inserida na compilação *Novelle interessanti in propósito degli affari del Portogallo e dell'atentato commesso á ter settembre 1758 sulla sagra e real person di S.M. Fedelissima Giouseppe I*, uma versão italiana do livro de Jean Pierre Viou.

O autor era um ex-membro da Ordem dos Pregadores que estava envolvido na campanha antijesuítica devido à sua simpatia pelo jansenismo. Também foi autor das *Nouvelles ecclesiastiques*, obra de ataque aos jesuítas entre 1759 e 1761¹⁹².

A *Novelle Interessanti* produzida em Veneza, circulou como sendo impressa na Stamperia della Suprema Reggenza Elvetica, em Berna, com indicação falsa de

¹⁹¹ Zília Osório Castro. Jansenismo versus jesuitismo Nicolló Pagliarini e o projecto político pombalino. In: *Revista Portuguesa de Filosofia*. t. 52. p. 223-232. Braga. Fac de Fil. de Braga. 1996

¹⁹² José Eduardo Franco, Christine Vogel. Um acontecimento mediático na Europa das Luzes: A propaganda antijesuítica pombalina em Portugal e na Europa. p. 381. In: *Brotéria*, vol. 169. p.349-506. Lisboa. 2009

tipografia, para evitar represálias políticas, como outras tantas obras da época¹⁹³. Um caminho bastante usual para as obras produzidas pela propaganda antijesuítica pombalina. É nessa obra que está contida a edição de 1760 do mapa *Paraquariae Provinciae*, de Giovanni Petroschi (1715-1788), de 1732.

A falsificação da origem das obras foi o método eficaz para ludibriar a vigilância dos inquisidores e eximir as casas publicadoras venezianas da responsabilidade de obras que atacavam frontalmente algumas instituições, como foi o caso da propaganda antijesuítica do ministro plenipotenciário português.

Petroschi era conhecido gravador, participou da elaboração de muitos livros que circularam na Península Itálica, sendo ativo participante desse mercado editorial¹⁹⁴. A edição de 1760 é cópia de seu trabalho e não há registro de sua participação na reedição ou mais detalhes da aquisição da chapa por Grisellini. O que se sabe é que o padre Antonio Machoni teria encomendado esses exemplares para o gravador.

No livro I, a questão do Paraguai tem destaque. No Parte I do tomo temos uma breve história da entrada da Companhia de Jesus na América, com especial enfoque no caso paraguaio, no qual os jesuítas teriam obtido grande poder. Na segunda parte, o autor descreve o Paraguai, tendo como referência o mapa de 1732. Aborda o Paraguai de maneira parecida com o padrão jesuítico, que já foi citado neste trabalho. Divide a região do “Paraguai” em seis partes: Chaco, Guayra, o Paraguai propriamente dito, Uruguai, Plata e Capitania del Rey¹⁹⁵.

Após uma breve descrição da região, o autor se volta às questões políticas, do estabelecimento do poder jesuítico nas reduções. Ao falar da área assinalada como *Doctrinae*, o autor comenta o cartucho dos mapas:

Vi scorgerete fra i flumi Paranà ed Uruguai um vastíssimo tratto di paese contrassegnato com questa iscrizione Doctrinae, e copioso di Riduzion, quello

¹⁹³Orfea Granzotto & Patrizia Bravetti. *False date: repertorio delle licenze di stampa veneziane con falso luogo di edizione (1740-1797)*. Florença. Firenze University Press, 2009. p. 153

¹⁹⁴Entre as obras de Petroschi, destacam-se na além do *Paraquariae Provinciae*, as gravuras da obra *Relazione di quello, Che si è praticato in occasione di avere la Santità di nostro signore pp. Benedetto XIV, mandato lo Stocco Ed Il Pileo benedetti a Sua Altezza Eminetissima Il Gran Maestro fra. D. Emmanuele Pinto, felicemente regnante*. Roma. Stamperia Antonio di Rossi. 1747. Para a Companhia de Jesus, o gravador atuou na elaboração do *Catalogus Provinciarum, Domorum, Collegiorum, Residentiarum, Seminariorum, et missionum Societatis Jesu*. Roma. Typographia Komarek. 1749.

¹⁹⁵Jean Pierre Viou. *Novelle interessanti in proposito degli affari del Portogallo e dell attentato commesso a tre settembre*. Berna (Veneza). Suprema reggenza Elvetica(?). 1760. p. 5

*appunto, ov'è stabilita la loro Repubblica. Vi troverete in fine bem distinti con particolari leggende i luoghi bagnati al sangue de'loto Martiri in allusione al titolo della dedicazione al suddeto P. Generale; siccom'anche alquanti versi latini entro una cartella, i quali vi saranno conoscere ad evidenza, sin a quanto possa giungere la baldanza de Gesuiti. Non posso sar a meno di recarveli innanzi ache in questa lettera*¹⁹⁶.

E, por fim, cita o cartucho presente em todos os mapas da série *Paraquariae Provinciae*, que mostraria a intenção de impor à região um poder independente dos domínios espanhóis.

¹⁹⁶ Encontrarão entre os rios Paraná e Uruguai um vastíssimo trecho do país marcado com aquela inscrição *Doctrinae* e copioso de Reduções, somente aquele, onde foi estabelecida a sua República. Terão contato com lendas peculiares de lugares banhados pelo sangue de seus Mártires, em alusão à dedicação ao dito padre Geral; assim como também alguns versos latinos dentro de uma caixa, os quais os farão reconhecer como evidência, uma vez que se possa alcançar a ousadia dos jesuítas. Eu não posso ao menos os precaver antecipadamente esta carta.

Figura 30 – Johannes Petroschi. *Paraquariae Provinciae Soc. Jesu cum adjacentib. novissima descriptio. Post iteratas peregrinationes, & plures observationes Patrum Missionariorum eiusdem Soc. tum huius Provinciae, cum & Peruanæ accuratissime delineata, & emendata ann. 1732 (1760).* In: Jean Pierre Viou. *Novelle interessanti in proposito degli affari del Portogallo e dell attentato commesso a ter settembre.* Berna (Venezia). Tomo I. 1758-1760. IEB/USP 001805953. Disponível em: <http://www.cartografiahistorica.usp.br>

Hoc quodcumq vides qua se latissima tellus/Explicat, et vasta flumina mole ruunt/Est latus Americae, tellus ubi vergit ad Austrum/Quam fera gens toto corpora nuda colit/Oppida pauca tenent Hispano sanguine nati,/Et qui barbariem dediciere suam/Heroum sacro terra haec calefacta cruore/Sentit aratori numen inesse suo./Induit humanos sensim gens esera mores/Subdidit, et Christi Barbara colla

*jugo./Sed Quanto steterit cultura cruore novalis/Asidua exemplis pieta tabella docet*¹⁹⁷.

Um caso de tomada dos argumentos jesuíticos de grandiosidade, que no contexto, volta-se contra a Companhia de Jesus, reforçando o argumento, já combatido por Muratori décadas antes, em sua obra sobre o Paraguai.

Linhas depois, o autor dá importantes informações sobre a interpretação do mapa *Paraquariae Provinciae*:

*La carta del Paraguai da essi dirizata, e dediata al loro General Retz, succedendo la conchusione di quel Tratato, andava a divenire seorretta. Sopra quel vasto tratto di Paese, Che si estende fra i flumi Parana ed Uruguai, doveavi essere lebatta l'iscrizione Doctrinae, Che assissa vi aveano, per dinotare in linguaggio Gesuítico la situazione, e l'estensione delle terre, che aveano usuropare in linguaggio Gesuitico la situazione, e l'estensione delle terre, Che aveano usurpare, ed ove piú che altrove, ed ove più che altrove comandavano com um disposismo senza exemplo, e senza limiti; terre felici e cara, giachè loto fruttavano quel più, che de uma mundana cupidigia poteasi desiderare*¹⁹⁸.

Esse assunto é ligado no texto à Guerra Guaranítica e à questão do mau trato aos índios, condenada inclusive pelos Santo Padre na Bula *Immensa Pastorum* (1741), de Benedito XIV, transcrita na obra, que condena os maus tratos e más condições de trabalho dos nativos da América.

O uso do texto contido no mapa se propagou nessas publicações que atacavam a obra jesuítica. O autor diz que a promulgação da bula *Immensa Pastorum* (1741), direcionada aos bispos do Novo Mundo, e que teria sido uma

¹⁹⁷ Tudo o que você vê, esta vasta terra onde rios gigantes correm, é uma região da América, que segue ao sul, habitada por uma raça selvagem e nua. Algumas cidades são habitadas por herdeiros do sangue espanhol e outras outros por barbáros. Esta terra foi regada com o sangue de heróis santos, agricultores inspirados por Deus. Gradualmente tomou a raça selvagem a moral dos homens, e inclinou sua cabeça feroz sob o jugo de Cristo. Esse campos não cultivados custaram muito trabalho aos pregadores. Esse mapa nos mostra esse exemplo de piedade

¹⁹⁸ O mapa do Paraguai de lá endereçado e dedicado ao seu General Retz, acontecendo a conclusão daquele Tratado, viria a se tornar a correta. Ao longo desta vasta porção do país, que se estende entre os rios Paraná e Uruguai, seria levantada a inscrição *Doctrinae*, que haviam publicado, para denotar em linguagem Jesuítica à situação, e a extensão das terras, que haviam usurpado, e onde mais que em outro lugar, comandavam com um despotismo sem igual, e sem limites, terras felizes e caras, da qual eles desfrutavam, com uma ganância mundana.

vergonha aos jesuítas, já que essa bula condenava o abuso da mão de obra indígena. A bula teria sido um freio à cruel avareza dos missionários.

Em 1769, a *Continuacion del apêndice a las reflexiones del português sobre el memorial del Padre General* do los Jesuítas(...) é um exemplar da repercussão desses argumentos¹⁹⁹. O autor faz um balanço da história da Companhia em cada papado. No item dedicado a Bento XIV, é apresentado um texto muito parecido com o da *Novelli Interessanti*, em que se mostra a incompatibilidade dos ideais evangélicos e o poder jesuítico, ao mesmo tempo em que se exalta o conteúdo da *Immensa Pastorum*, como contrário as ambições dos missionários jesuítas²⁰⁰.

O autor cita o mapa de 1732 e menciona os textos ali contidos. O mapa, dedicado ao Geral Padre Francisco Retz, é mostrado como uma prova cabal do poderio jesuíta, na mesma linha da *Novelli Interessanti*:

Quando este mapa apareció em públio, luego oliò a mysterio à la gente de buen olfato. Los expertos, que yà por otras vias la cosa por uma clara vanidad de los Jesuitas, queriendo com esta idèa mostrar à su nuevo General qual era su Monarquia em aquellas remotar tierras. La misma Carta Geografica subministraba los indícios. Es preciso suponer, que esta no comprehende terreno sujeto à outra Nacion Europea, sino à la Española; por que alguna Colonia que Allá tienen los Portugueses, viene dibujada mas ábaco al fin del Mapa. Esto presupuesto, no solo se dice “oppida pauca tenent Hispano sanguine nati”, pero en la realidad son pocas las tierras señaladas con la señal que denota domínio Español. Por ló contrario, son infinitas las que señalan con la que denota domínio Christiano²⁰¹.

O caminho do mapa de 1760 torna-o um instrumento para a compreensão da produção de mapas na idade Moderna, ao mesmo tempo que é um exemplo da argumentação antijesuítica da época. A grandeza da obra dos jesuítas é usada contra os próprios padres como um sinal de soberba e abuso de poder.

Ainda se fala que a Companhia tentou destruir exemplares do mapa, ao saber que poderiam ser usados como prova contra ela. O autor estava ciente saber da

¹⁹⁹ *Continuacion del Apendice del português sobre el memorial del padre general de los jesuítas presentado à la Santidad de Clemente XIII. Segunda parte. Madrid. Pantaleon Aznar. 1769.*

²⁰⁰ *Continuacion del Apendice del português... op. cit. p. 43*

²⁰¹ *Continuacion del Apendice del português... op cit. 1769 p. 45*

existência de um exemplar em posse do embaixador de Veneza, (sem citar o nome de Francisco Grimaldi) e que ainda pediu para que fossem impressos cinquenta exemplares a partir da lâmina dos jesuítas, sem ter consciência do que faria.

O trajeto de produção do mapa segue um caminho típico da produção antijesuítica pombalina veneziana.

A atuação desse artesão estendeu-se às áreas do noticiário, história, artes, dramaturgia e agronomia. Era membro ativo da prolífica vida literária de Veneza.

Uma obra sua teve bastante expressividade e até constou no *Index Librorum Proibitorum*. Tratava sobre a vida do religioso servita Frei Paolo Sarpi (1552-1623), r defensor dos interesses da República de Veneza frente à Santa Sé no século XVI²⁰².

Foi ainda o responsável pelo restauro dos mapas do cartógrafo quinhentista Gastaldi, presentes na *sala dello scudo*, no *Palazzo Ducale*, em Veneza, no ano de 1762²⁰³.

O exemplar de 1760 do *Paraquariae Provinciae* foi gravado por Francesco Grisellini. No rodapé do mapa de 1760, lê-se a marca de sua autoria:

E latebris Venetiis ad amusim autographi recudit Gri.

Catalogações distintas do mapa desdobram a abreviatura “Gri” de maneiras diferentes. A Biblioteca Nacional de Portugal atribui o mapa a Francesco Grisellini (1717-1787), ilustrado italiano, editor de diversos mapas sobre regiões da Europa e membro da *Accademia dell’istituto delle Scienze di Bologna*, sendo uma figura destacada nos meios ilustrados da Península Itálica.

O *Catalogo Colectivo de la Red de Bibliotecas de los Archivos estatales da Espanha* desdobram a abreviatura “Gri” como “Grimaldi”, sem mais explicações. Apesar disso, a ficha do mapa nos informa alguns dados sobre a história de sua

²⁰²Francesco Grisellini. *Memorie anedote spettanti alla vita ed agli studi del sommo filosofo e giureconsulto f. Paolo Servita*. Losana. Bousquet e comp. 1760.

²⁰³Francesca Fiorani. *Cycles of painted maps in the renaissance*. p. 815. In: David Woodward. *History of Cartography*. Vol. 3, parte I. Chicago. University of Chicago Press. 1987-2007. Florio Banfi. The cosmographic Loggia of the Vatican Palace. In: *Imago Mundi*, vol. 9. Pp.23-34. 1952 p. 34

circulação. O *site* afirma que o exemplar presente em seus artigos foi remetido pelo Marquês de Esquilache à Pablo Jerónimo Grimaldi y Pallavicini (1701-1789), o Marquês de Grimaldi, quando ainda era Secretário de Estado da Espanha, em carta de Veneza em 1776²⁰⁴.

A afirmação é cabível, dado o grande interesse do Marquês por cartografia na época, como bem demonstrou estudo recente de André Ferrand sobre a troca de informações na elaboração do *mapa geográfico de América Meridional* de Juan de la Cruz Cano y Olmedilla²⁰⁵.

Os estudos do Marquês também foram oportunos para o seu trabalho de refutação aos tratados de limites na América do Sul, a “*Respuesta del Marques de Grimaldi, Ministro de Espanha...*”, em que resume todas as suas demandas em favor do Império Espanhol²⁰⁶.

Certamente, o “Grimaldi” desdobrado na abreviatura não se trata do Marquês, que não teria contato com uma atividade como a manipulação das chapas de cobre usadas para a impressão do mapa. Sua única relação com o mapa foi a posse de um exemplar, 16 anos depois da elaboração da carta, cedido pelo Marquês de Esquilache, que hoje está no Archivo General de Simancas, na Espanha²⁰⁷.

No levantamento bibliográfico entre os gravadores da Península Itálica, não há nenhum que possa se enquadrar na abreviatura “Gri”, o que nos fez concluir que a atribuição do catálogo da Biblioteca Nacional de Portugal seja mais acertada.

O mapa é apontado nos levantamentos bibliográficos pela profusão dos exemplares em toda a Europa, o que mostra o sucesso da propaganda que o gerou e que a imagem do *Paraquariae Provinciae* foi a do litígio entre os jesuítas e os Impérios Ibéricos, que circulou nos membros da propaganda jesuítica do iluminismo, a partir da problemática do uso do território na atuação missionária da América Meridional.

204

www.mcu.es/ccbae/es/consulta/resultados_busqueda_restringida.cmd?posicion=1&forma=figha&id=41 (link curto: <http://migre.me/6dD5P>)

²⁰⁵ André Ferrand Almeida. O mapa Geográfico de América Meridional, de Juan de la Cruz Cano y Olmedilla. . *Anais do museu paulista* v. 17. Pp 79-89. p. 82

²⁰⁶ Respuesta del marques de Grimaldi, Ministro de España, a la Memoria que em enero de 1776 le presentó el de Portugal, D. Francisco Ignacio de Souza Coutinho, sobre limites em la banda oriental del Rio de la Plata. 1776. In: Calvo, Carlos. *Coleccion completa de los tratados, convenciones, capitulaciones, armistícios y otros actos diplomáticos de todos los estados de la América Latina comprendidos entre el golfo de México y el Cabo de Hornos, desde el año de 1493 hasta nuestros días*. Paris. 1862. Denné-schmitz. Libreria Durand.

²⁰⁷ <http://www.mcu.es/ccbae/es/consulta/registro.cmd?id=180466> (link curto: <http://migre.me/7PW5v>)

Uma versão do *Paraquariae Provinciae* é inserida ainda numa coletânea de diversas publicações italianas vertidas para o alemão da propaganda antijesuítica elaborada pelo professor protestante de Leipzig, Anton Ernst Klausning (1739-1803). A obra se tornou referência para o trabalho posterior do iluminista e membro dos Illuminati da Baviera, Adolph Von Knigge (1752-1796), sobre os jesuítas²⁰⁸.

A atuação jesuítica na cartografia, o conhecimento científico acumulado sobre História Natural e Geografia da América do Sul, usados para a promoção do trabalho missionário, plasmados no *Paraquariae Provinciae* acaba virando uma arma contra a própria Companhia de Jesus. Aquilo que seria a defesa da obra acaba sendo a principal via e argumentação dos opositores da Instituição religiosa.

O mapa é usado na obra, acompanhado das correspondências que denunciam o poder inaciano, seu antagonismo frente aos poderes reais e seu poder de manipulação para a manutenção de seus interesses.

A Província Jesuítica do Paraguai retratada na carta deixa de ser aquela região regada a sangue e suor e passa a ser o símbolo das pretensões grandiosas dos jesuítas, uma região onde os poderes reais não são efetivos. É a região do “Estado dentro do Estado” e do poderio jesuítico em sua maior escala.

O poder sobre essa região é citado pela propaganda pombalina na obra *Relação Abreviada*, que foi incluída na *Deducção Chronologica* (1767). É um resumo das principais argumentações contrárias ao poderio jesuítico do Paraguai. Entender a *Relação Abreviada* é a chave de interpretação sobre o uso do trabalho jesuítico pela campanha pombalina.

O Paraguai é citado como um caso dessa pretensão jesuítica de poder, como não poderia deixar de ser. A suposta autonomia da região é reforçada em outros escritos, como se verá adiante, que serão devidamente utilizadas sobre a autonomia da região, uma expressão máxima das ambições jesuíticas.

A propaganda antijesuítica contou com outra célebre peça, a *Histoire de Nicolas I, Roy du Paraguai et Empereur des mamelus*, e como foi normal na propaganda antijesuítica, foi reeditada muitas vezes, e vertida para o espanhol²⁰⁹. A

²⁰⁸ Idem.

²⁰⁹ Anônimo. *História de Nicolás I: rey del Paraguay y imperador de los mamelucos*. In: *Curiosa Americana*, n. 3, Santiago do Chile: Centro de Investigaciones de Historia Americana, 1964, com prólogo de Sérgio Buarque de Holanda. “Saint-Paul” [local falso] 1756. [original na Universidade de Ghent].

repercussão da obra pôde ser sentida até mesmo na preocupação da Companhia de Jesus em rebater suas acusações e invalidar seus posicionamentos.

A história do Rei Nicolau reforça em extremo a imagem do Paraguai jesuítico como zona autônoma. Valendo-se de elementos dos relatos da região, em grande parte vindos da própria Companhia, a obra reforça a ideia do abandono da região de fronteira do Cone Sul pelas coroas, combinada com os elementos realçados pela propaganda pombalina.

A presença de um Estado ordenado do Paraguai está presente nas Lettres, coroando o que está presente na cartografia. Essa ordem e governo acabam se voltando contra os jesuítas. Libelo de grande divulgação, inverte e reforça de maneira quase caricatural os argumentos da Companhia de Jesus.

O palco da História de Nicolas I, ou “Nicolas Roubiouni”, é toda a extensão do Paraguai Jesuítico, o espaço missioneiro, e adjacências. A obra faz uso interessante dos paulistas. Os violentos inimigos dos filhos de Inácio são retratados como súditos do Imperador oriundo das fileiras jesuíticas.

O território distante dos limites ibéricos assiste a formação de um poderio independente, comandado por Nicolás I e os mamelucos paulistas. Aqueles que desde as primeiras obras jesuíticas são apresentados como inimigos, aqui são colocados como aliados da desordem provocada pelo modelo jesuítico entre os guaranis.

A região retratada pelos mapas “*Paraquariae Provinciae*” mais uma vez serve aos interesses dos detratores, numa estratégia retórica típica destas obras, que usa os elementos de defesa da Companhia contra a própria.

Essas questões estão na base da pretensa fundação de um “Estado dentro do Estado” inserido no Império Espanhol. O assunto atravessou todo o século XVIII, e aparece nas argumentações dos exilados, o que mostra que a propaganda pombalina logrou êxito.

A chamada “teocracia jesuítica” foi um grande ponto da luta antijesuítica, que via o modelo como um uso opressivo da religião. O mundo ordenado pelos jesuítas ganha certo reconhecimento pela ordem estabelecida, ao mesmo tempo em que o filósofo identifica a ambição da ordem pelo poder.

Ao se voltar para as instituições dos gregos, deu sua opinião sobre o poderio jesuítico no Paraguai:

“Le Paraguay peut nous fournir un autre exemple. On a voulu en faire un crime à la société, qui regarde le plaisir de commander comme le seul bien de la vie; mais Il sera toujours beau de gouverner les hommes en les rendant plus heureux (...)

Um sentiment exquis qu’a cette société pour tout ce qu’elle appelle honneur, son zele pour une religion qui humilie bien plus ceux qui l’écoutent que ceux qui la prêchent, lui ont fait entreprendre de grandes choses, et elle y a réussi. Elle a retire des bois des peuples disperses, elle leur a donné une subsistance assurée, elle les a vêtus: et, quand elle n’auroit fait par-là qu’augmenter l’industrie parmi les hommes, elle auroit beacoup fait”²¹⁰.

Ainda sobre o poder dos jesuítas na América do Sul, podemos citar a obra que Jean D’Alembert produziu em 1765, depois da proscrição dos jesuítas na França. Decide se debruçar sobre o caso, explicando as causas do fim do trabalho dos filhos de Loyola nos domínios franceses.

O autor, que se autointitula “desinteressado”, enxerga a derrocada da Companhia de Jesus como um declínio natural, comum aos grandes poderes. Analisa o caso da França, mas faz algumas citações que ilustram a imagem que o Paraguai cartografado pelos jesuítas tinha entre os leitores do século XVIII.

A Companhia usa a religião para o domínio dos povos, e o fez onde os poderes constituídos não o fizeram, agindo nas lacunas que se abrem ao seu trabalho.

²¹⁰ O Paraguai pode oferecer-nos outro exemplo. Quiseram imputar à Companhia, como um crime, o fato de ela ter considerado o prazer de comandar como o único bem da vida; porém será sempre belo governar os homens tornando-os mais felizes (...)

Um sentimento raro que esse Sociedade tem por tudo o que se denomina honra, seu zelo por uma religião que humilha muito mais os que escutam do que os que a pregam, fizeram-na empreender grandes coisas; e ela obteve êxito. Retirou das florestas povos dispersos; garantiu-lhes uma subsistência; vestiu-os. E mesmo que com isso nada mais tivesse feito do que aumentar a indústria entre os homens, teria feito muito. Montesquieu, Charles de Secondat (barão de). *De l’esprit de lois*. Amsterdam, Chez Chatelain. 1749 (1748). p.122.

*La manière dont cette société s'est établie dans lieux où elle a trouvé le moins de résistance, décèle bien le projet que nous lui avons attribué, de gouverner les hommes, & de faire servir la religion à ce dessein*²¹¹.

Na obra, entre as contendas com os jansenistas e as intromissões dos sacerdotes em âmbitos do poder temporal, ou na crítica ao modo jesuítico de lidar com Ciência, o autor cita o Paraguai apontado como um exemplo dos planos jesuíticos para um governo universal e colocando a religião a serviço deste projeto.

A grandiosidade jesuítica não é mais um ponto a ser exaltado, mas uma característica de um Império grandioso, que tal como os grandes poderes da Antiguidade, levou a Companhia de Jesus à ruína, conforme escreveu D'Alembert²¹².

Outra célebre citação dos inacianos aparece na produção de Voltaire. O Paraguai visitado pelos personagens é um Império, em que sequer os problemas europeus são refletidos. O território missioneiro é visto como independente e de governo despótico, conforme é descrito com a típica ironia voltairiana:

*“... o território já tem mais de trezentas léguas de diâmetro e está dividido em trinta províncias. Tudo aí é propriedade dos padres. Ao povo, nada. É uma obra-prima da razão e justiça.”*²¹³

Como se pode ver, a argumentação sobre o território grandioso dos padres foi direcionada como chave de interpretação do *Paraquariae Provinciae*, como era em outras obras. O mapa contido na *Novelle interressanti* não pode ser avaliado de outra forma na obra e na sua circulação.

Os argumentos contidos na edição italiana da obra de Jean-Pierre Viou permearam a larga campanha jesuítica. Imerso na obra e nos circuitos em que o livro se situou, não havia outro meio de encarar o mapa.

²¹¹ *A maneira como esta Sociedade foi estabelecida, em lugares onde encontrou menor resistência, identifica bem o projeto que nós a atribuímos, para governar os homens, e se servir da religião para este fim.*

²¹² Jean le Rond D'Alembert. *Sur la Destruction des Jesuites em France*. Geneve. Chez Cramer. 1765 p. 20ss

²¹³ François Marie Arouet, Voltaire. *Candido ou o otimismo* (1759). L&PM. Porto Alegre, 1998. P. 50-51

As guerras guaranílicas são um elemento importante da discussão territorial jesuítica. Descrita em verso e prosa, essas questões fortaleceram ideias do poderio jesuítico em oposição aos Impérios Ibéricos.

Para a Companhia, a fragilidade que foi prenúncio da queda representou a perda dos territórios e alimentou as questões que culminaram na expulsão da Ordem dos domínios espanhóis.

3.3 Exílio. Cartografia de um passado.

O mundo que os inicianos conheceram após a supressão da Companhia de Jesus os coloca numa situação defensiva. A Companhia já não existia, exceto na Rússia da czarina Catarina e na Prússia. Os exilados conheceram distintos caminhos, conforme a região em que trabalharam e suas origens.

Como já foi citado, coube aos que missionaram na Província do Paraguai se estabelecerem em Faenza, ao menos em sua maioria. De lá continuaram, dentro das possibilidades da difícil circunstância do exílio, a participar das discussões científicas, sobretudo sobre as terras de missão.

Os jesuítas tinham algumas diferenças de sua postura anterior a 1773. Os tempos dos embates travados nas páginas do *Journal de Trévoux* tinham passado, e a situação dos sacerdotes, derrotados, era de tentar se adequar a essa nova ordem.

Era hora de afirmar posturas mais ecléticas, o que os desterrados inicianos bem fizeram, sejam aqueles que foram expulsos do Reino, ou os oriundos da América²¹⁴.

Os jesuítas da América Espanhola focaram sua produção sobre as terras natais e o que se observa é uma análise típica do enciclopedismo circunscrito às suas províncias ultramarinas. Foi assim do México ao Chile, passando por Quito e com os de Nova Granada. Não foi diferente com os jesuítas mais relacionados aos mapas que aqui tratamos, de Buenos Aires e Paraguai²¹⁵.

Os jesuítas exilados do Paraguai tomaram Faenza como seu reduto. De lá, eles produziram obras que continuavam a propagar o Paraguai ideal e a defesa da Ordem, que teria sido injustificada na expulsão dos domínios espanhóis e a posterior supressão total.

A lista de autores exilados que empreenderam essa verdadeira batalha intelectual é composta por homens oriundos de diversos cantos do império hispânico como o Francisco Javier Clavigero (1731-1787), da Nova Espanha, Juan Molina (1740-1829), do Chile, Filippo Salvatore Gilij (1721-1789), sacerdote nascido na

²¹⁴ Miquel Battlari. *La Cultura Hispano-Italiana...* op. cit. p. 84.

²¹⁵ Miquel Battlari. *La Cultura Hispano-Italiana...* op .cit. 577.

Úmbria que trabalhou na nova Granada, e Juan de Velasco (1727-1819), na Real Audiência de Quito²¹⁶.

A obra dos jesuítas americanistas foi uma reação às questões levantadas por autores como Cornelius de Pauw, Guillaume Raynal e Willian Robertson, que alimentaram a polêmica do Novo Mundo descritas por Antonello Gerbi²¹⁷. Esses autores desvalorizam a empresa colonizadora da Espanha e o trabalho jesuítico, e até mesmo a natureza do novo continente e as qualidades humanas e as razões indígenas²¹⁸. E são exatamente esses aspectos que os homens oriundos da Companhia de Jesus mais trabalharão em suas obras produzidas na Itália.

Em linhas gerais, Battlori aponta quatro grupos de obras sobre a América: as apologias da colonização hispânica, a defesa da Companhia de Jesus, os estudos de paisagem e natureza do Novo Mundo, as obras históricas, etnográficas e linguísticas sobre América em geral e sobre o homem primitivo, em particular²¹⁹.

Destaca uma peculiaridade das obras da Nova Espanha e Vice-Reino do Peru que, segundo ele, foram fundamentais para uma consciência nacional nessas regiões²²⁰. Não é objetivo deste trabalho analisar este dito ensaio de construção de identidade nacional. O fato é que nas obras dos jesuítas da região platina, a experiência entre os guaranis marcou todas as obra pós-expulsão, muito mais do que outras questões, o que certamente fez Battlori excluí-las do grupo das obras precursoras das consciências nacionais americanas.

Os exilados envolvidos com elaboração de mapas foram atores centrais nessa produção. Esses padres, que não eram só paraguaios, usaram os mapas dentro dos padrões de época, como o caso da obra de Francisco Clavigero, famoso jesuíta da Nova Espanha, e do pouco mencionado Manuel Beça (1733-1797), autor do *Grande mapa de todo o Brasil da América Portuguesa*, o último registro

²¹⁶ As obras mais relevantes desses exilados foram: Francisco Clavigero. *História Antigua de México* (1780). Londres. Ackerman. 1826. Juan Molina. *Compendio della storia geográfica, naturale, e civili del regno del Cile* (1776). Filipo Salvatore Gilij. *Saggio di storia americana; o sia, storia naturale, civile e sacra de regni, e delle provincie spagnuole di Terra-Ferma nell' America Meridionale descritto dall' abate F. S. Gilij* (Vols. 1-4). Juan Velasco. *Historia del reino de Quito en la América meridional*. (1789). Quito. Imprenta del Gobierno. 1841

²¹⁷ Antonello Gerbi. *O novo mundo. História de uma polêmica*. São Paulo. Cia. das Letras. 1996. 1750-1900.

²¹⁸ Miquel Battlori. *La cultura Hispano-italiana...* op cit.p. 44

²¹⁹ Miquel Battlori. *La cultura Hispano-italiana...* op cit. 45.

²²⁰ Miquel Battlori. *La cultura Hispano-italiana...* op cit. 576

cartográfico feito por jesuítas da região que se tem notícia, em 1778, na cidade de Roma²²¹.

As duas cartas produzidas pelo padre Ramón Tarros na obra de Clavigero são ligadas a épocas mais remotas da organização dos povos, servindo ao interesse de sua obra: a história dos povos nativos²²².

A natureza e o homem da América são tratados com mais acuidade. A organização social dos índios e seus modos e costumes são bastante evidenciados.

Em 1789, em Faenza, o padre José Jolis elabora sua obra sobre o Gran Chaco²²³. Os interlocutores desses livros são os escritores do fim do XVIII e os geógrafos como La Condamine, cuja obra, mesmo depois de seu falecimento, continuava a repercutir nos meios letrados.

Elabora a obra com o auxílio dos padres da comunidade exilada o já citado Joaquin Camaño, autor do mapa incluído na obra. Ao que parece, os dois auxiliaram Jolis na sistematização das informações, o que faz possível inferir que havia ali algum tipo de material trazido da América para a consulta, já que pelo volume e consistência da obra, desacreditando a hipótese de Furlong, de que a obra teria sido produzida apenas com os detalhes gravados na memória das experiências dos missionários²²⁴.

No caso da cartografia, certamente foi a parte mais fácil da composição da obra, já que os dados coletados pela Companhia antes da expulsão circulavam livremente pela Europa. A carta de Jolis não muda o discurso cartográfico contido nos mapas do *Paraquariae Provinciae*. Sua grande diferença é uma maior quantidade de topônimos e indicações de povos, no idioma italiano.

O Chaco ali mostrado é o norte do “Paraguai dos jesuitas” de Faenza. A natureza é descrita de maneira mais branda do que em outros escritos da época

²²¹Miquel Battlari. *La cultura Hispano-italiana...* op citp. 577 ss. Leite, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo IV. Livro V. p. 287

²²²Ramon Tarros. Anahuac, o sai l'Impero Messicano, i Regni d'Acolhuacan e di Michuacan, siccom' erano nell'anno 1521; per servire Allá Storia ântica del Messicano delineati dallo stesso Autore della suddetta Storia nel 1780. In: Francisco Clavigero. *Storia Antica del Messico of Clavigero*. Gregorio Biasini. Cesena. 1780

²²³José Jolis. *Ensayo sobre la Historia natural del Gran Chaco*. Tradución de María Luisa Acuña. Estudio preliminar de Ernesto J. A. Maeder. Resistencia. Ed. Colmegna / Universidad Nacional del Nordeste. 1972 (1789).

²²⁴Guillermo Furlong. Joaquin Camaño y su “Noticia del Gran Chaco”. Buenos Aires. Libreria del Plata/SRL. 1955. p. 23ss

anterior à supressão. Se antes a região era demonizada, nesse livro ela é apresentada de maneira mais científica.

Jolis polemiza com a obra mais antiga de outro célebre irmão de Ordem, O padre Pedro Lozano, mais precisamente em sua *Historia de La Compañia de Jesús em la Provincia del Paraguay* (1754).

Na descrição do Chaco de Jolis não tinha mais o mesmo espaço para as ações demoníacas. Compromissado com os debates de sua época, o índio descrito em sua obra é o homem natural tal qual foi sugerido por Anthony Pagden, mais ligado a “razão natural”. Sendo assim, ele desqualifica a narração de Lozano sobre o demônio que teria se transformado em um furacão e aterrorizado os habitantes do Chaco no século XVI²²⁵.

Jolis era um típico jesuíta do grupo oriundo dos domínios espanhóis exilados na Itália, que formaram aquilo que já foi apontado pela historiografia como a cultura hispano-italiana dos jesuítas expulsos²²⁶.

O ensaio sobre o Chaco estava dentro de um panorama maior de obras, culturalmente afetado pela entrada maciça de jesuítas exilados na Península Itálica. A circulação da obra de Jolis foi modesta, com apenas algumas edições, mas de qualquer forma serve para afirmar algumas ideias que corroboram o discurso contido no *Paraquariae Provinciae* e em toda a cartografia inaciana da região.

Das obras desse período, nenhuma tem mais vulto do que a do padre José Sanchez Labrador (1716-1798). Expôs o seu Paraguai de maneira minuciosa, relatando a natureza, os povos e a história. Produzida, provavelmente, com material trazido do Paraguai, seja oculto, no momento da expulsão, ou que constava em algum arquivo da Ordem, enviado em período anterior aos acontecimentos de 1767.

Fora das comunidades dos exilados em Faenza, em outra obra do exílio, a questão da racionalidade e cientificidade iluminista que aparece com menos força é a de Florian Paucke (1719-1780). O Chaco é escrito como uma terra a ser conquistada pela evangelização, muito mais alinhado ao estilo de Lozano nos anos 40 do século XVIII²²⁷.

²²⁵ José Jolis. *Ensayo sobre...* Op cit. . p. 250

²²⁶ Miquel Battlari. *La Cultura hispano-italiana*. op. cit.

²²⁷ Florián Paucke. *Hacia allá y para cá. Una estada entre los indios mocobíes, 1749-1767*. Traducido al español por Edmundo Wernicke. Córdoba , Nuevo Siglo, 1999-2000

Apesar disso, há aqui a preocupação de retratar o trabalho de organização social realizado pelos padres. A distinção de Paucke se dá por não recorrer à cartografia, mas aos seus célebres desenhos, que têm função semelhante à das cartas: a demonstração de um testemunho ocular, de uma vivência entre os indígenas. As cenas de Paucke evocam o trabalho, as festas e os costumes indígenas, no caminho da civilização.

Temas como a apicultura, a cidade e a formação militar estão presentes. É uma obra desalinhada, ao menos nesses aspectos, se a pensarmos num quadro mais amplo, ao compararmos com o grupo estabelecido na Itália, já que continua com alguns elementos menos ligados aos temas iluministas.

Sempre com extensas descrições de território, acompanhadas com mapas, essas obras defendiam a validade da presença jesuítica na América Espanhola, e a injustiça das acusações proferidas contra a companhia por pessoas sem o devido conhecimento sobre a realidade do Novo Mundo.

As terras mostradas nas cartas são confirmadas na obra derradeira do recorte cronológico, que é um coroamento desse Paraguai longínquo na geografia e no tempo.

Padre Jose Manuel Peramás (1732-1793), nascido na Catalunha, chegou à Província do Paraguai em 1755, desenvolvendo atividades em Córdoba. Em 1767, sofre as agruras da expulsão, indo se refugiar em Faenza, onde tomou lugar na cultura da região.

A utopia das missões é reforçada na obra do padre José Peramás (1732-1793) em *A República de Platão e os guaranis* (1793), uma edição póstuma, no ano da morte do autor. Com a Companhia de Jesus suprimida, essa obra faz parte da tentativa de defesa do trabalho inaciano. É um livro que rememora um passado glorioso e distante e evoca paisagens da memória de um mundo ideal.

Sua produção se deu toda em Faenza, polo dos jesuítas expulsos do Paraguai. Lá, ele redige sua obra que compara o Paraguai à República de Platão, valendo-se dos doze anos de experiência na região (1755-1767). Essa obra não teve muita difusão em sua época e não sabe muito acerca da inserção de Peramás nos círculos literários italianos²²⁸. No entanto, é amostra da inserção dos debates acerca do Paraguai na Itália do final do século XVIII, dentro da chamada Cultura Hispano-

²²⁸Miquel Battlari. *La Cultura Hispano-italiana...* Op. cit. Pág. 353.

Italiana dos jesuítas expulsos, que posteriormente serviu como inspiração por seus temas àqueles que depois procuraram construir um elogio nacionalista às novas nações americanas²²⁹.

Fala dos jesuítas a partir dos referenciais do humanismo, a partir da autor citado no título da obra, Platão, também citando Campanella e Tomás Morus, e ainda remetendo aos escritos de seu século e recuando ao passado, citando Nobrega, Anchieta e Juan Pedro Maffei, mais uma vez falando da célebre falta de Fé, Lei e Rei na cultura indígena.

O método de análise é simples: cotejar a realidade do Paraguai das missões jesuítas e Platão. O diálogo com outros escritores que trataram de utopias como Campanella ou Tomás Morus

A edição latina agrega um mapa da missão de *Candelária*, o que está dentro das ambições da obra, que foca o cotidiano interno das missões, muito mais do que a Província como um todo.

Peramás descreve o modo de vida entre os guaranis na formação de sua cidade a partir das orientações de Platão, e coloca a planta de sua *Candelária* como ideal. A planta traz ainda uma tabela com o número de habitantes das missões, que totalizariam mais de noventa e três mil almas. Trata-se de um desenho clássico de missão, que ajudou a solidificar nessa última década do século XIX uma imagem do Paraguai missioneiro.

Conforme já foi dito no trabalho, foi determinante na cartografia a luta para a homogeneização dos grupos indígenas que habitavam a região. Peramás confirma isso em capítulo dedicado à unidade de “raça” dos integrantes das missões:

“En los treinta antiguos pueblos guaranies (em nuetro tiempo) se fundaron dos más) existía una sola raza y um solo idioma. Éste se habló (y se habla todavia) en la mayor parte de la America merdional, desde el Océano Brasileño hasta el Río Marañón, y aún mas Allá, pués también se habla en Cayena. Esta extensión es mucho mayor de la que alcanzaron el griego o el latín, a los quales nada tien que envidiar el guarani em artifício y elegância”²³⁰.

²²⁹Miquel Battlori. *La Cultura Hispano-Italina...* Op. cit. At passim

²³⁰José Peramas. *La República de Platón y los guaraníes*. Buenos Aires. Emece. 1946. p.29

De maneira geral, a obra coroa a descrição com algumas discordâncias e um reforço de certos traços da descrição jesuítica, como a calúnia do fechamento da entrada nas missões, ou a existência de uma distinção de poderes entre as missões e os demais espaços²³¹.

A divisão do espaço aparece aqui bastante rígida, a obra, como é comum nessa época, não contempla relativizações ou a fragilidade do então extinto modelo de trabalho da Companhia de Jesus.

Essa obra rebate Raynal e sua visão de um dito estado teocrático e as célebres polêmicas, reafirmando a lealdade dos jesuítas ao rei da Espanha, numa difícil tarefa de propagar a grandiosidade jesuítica e defender sua submissão ao poder espanhol, o que os mapas no século XVIII acabaram por não lograr. A grandiosidade, dentro das obras que circulavam com amplitude naqueles tempos, acabara sendo incorporada pelos detratores como soberba.

²³¹ Idem. p. 136ss

Conclusão:

A *Paraquariae*, descrita em mapas antigos, conforme procurou-se demonstrar nesse estudo, começa a ser esboçada no século XVII. Tributária da representação do Rio Paraguai, que, serpenteando ao sul do lago que viria a ser o misterioso Xarayes, foi definindo uma zona intermediária entre o Potosi e o porto de Buenos Aires, regiões de maior atratividade.

Não à toa, os jesuítas tiveram o protagonismo na representação cartográfica do Paraguai. A área foi central no trabalho missional da Ordem, mas também foi objeto de exploração geográfica. Como pudemos demonstrar neste trabalho, a representação do Paraguai foi alvo de polêmicas e motivação para os detratores da Ordem, mas também constituiu um campo de experimentação científica. Dito de outro modo, o Paraguai serviu para a detração e a promoção da Ordem.

Sua riqueza humana e natural não se diferenciaram muito daquelas primeiras exortações do padre Manuel da Nóbrega que percorreram as vias internas da Ordem religiosa e deixaram traços nas obras jesuíticas sobre a América e até mesmo na concepção europeia de selvagem, conforme nos mostrou José Einseberg. Algo parecido ocorreu com as terras pouco conhecidas no interior da América do Sul. Nas páginas de muitos livros, estiveram sutilmente os levantamentos e inferências dos homens da Companhia de Jesus.

A historiografia não esteve livre das influências das ideias repetidas de maneira contínua e muito firmes pelos sacerdotes dos quatro votos. Os historiadores do século XIX e outros muitos da primeira metade do século XX reproduziram muitas ideias contidas nessas obras.

Em 1913, o padre Pablo Hernandez escreve o livro *Organizacion Social de las doutrinas guaranies*, obra clássica, dotada de importantes informações documentais sobre o tema²³². Nessa peça de historiografia institucional, salta aos olhos um certo tipo de crítica de fontes comum em qualquer tipo de obra desta natureza: a da reafirmação dos valores do grupo em questão, valorizando as obras realizadas no decorrer da história, ao mesmo tempo em que reafirma certos valores.

²³²Pablo Hernandez. *Organizacion Social de las doutrinas guaranies*. Barcelona, G. Gili, 1913

O padre Pablo Hernandez foi o primeiro grande nome de uma certa interpretação da organização das missões guarani, que tencionava encontrar uma gênese das célebres missões do Paraguai em território espanhol²³³. Sua obra tem o mérito de introduzir a cartografia no assunto, algo muito útil dada a importância desse recurso nos documentos jesuíticos na Província Jesuítica do Paraguai.

Na obra, são inseridos mapas históricos da atuação da Companhia de Jesus no Paraguai. O discurso desses mapas não difere em nada daqueles produzidos antes, por Sanchez Labrador.

Os mapas inseridos na obra foram elaborados pelo padre Izmael Guzmán, seu contemporâneo, irmão de Ordem, produzidos em 1912. Não há diferença entre o discurso desses mapas e a tônica da narrativa dos religiosos do século XVIII.

A ordenação dos povos nativos, a toponímia e a marca da presença dos padres permanece lá. Como em todo o restante do livro, o discurso sobre o Paraguai dos inicianos sobre o duro período da supressão continua lá. Os padres ordenaram os nativos, auxiliaram na organização econômica e na exploração do território, conforme dito nos relatos dos pioneiros. A influência dos antigos sacerdotes se deve pela fidelidade à instituição, mas também porque eles, afinal de contas, foram as primeiras grandes testemunhas dos fatos ocorridos nessa época.

A monumental obra de Guillermo Furlong não é diferente. Ao estudar a ciência na América Espanhola, dá grande destaque aos jesuítas nas mais diversas áreas, como os pioneiros em praticamente toda a ciência da região.

Sua numerosa obra exalta o início da história da ciência e educação jesuítica, localizando a gênese das mais diversas áreas do conhecimento na região platina, impulsionada pelos jesuítas.

Seu trabalho, certamente o mais importante no estudo detalhado da cartografia da região, observa a geografia por esse prisma e só pode ser compreendido se inserido dentro da produção do sacerdote e historiador.

Somado a isso, temos ainda a posição nacionalista do autor, que identifica nos jesuítas os grandes defensores das possessões territoriais daquelas regiões que viriam a ser os países da América Espanhola. Segundo Furlong, foi a posição firme dos jesuítas a grande defesa das terras, que só não foi maior devido a falta de apoio

²³³Artur H. F. Barcelos, *Espaço e arqueologia nas missões jesuíticas. O caso de São João Batista*. Porto Alegre. EDIPUCRS. 2000. p. 138-141

das autoridades espanholas. De uma forma peculiar, continua a propagar as ideias contidas nas páginas dos padres Lozano, Cardiel, Dobrizhoffer, Paucke e tantos outros.

Sobre a questão puramente técnica, percebemos que o Paraguai dos Jesuítas foi a base dos estudos posteriores sobre a região e se enquadra perfeitamente no trabalho cartográfico do século XVIII. É na retórica que está a diferença.

Em todo o procedimento cartográfico jesuítico, percebemos que ele era encarado como uma atividade auxiliar, agregando ao trabalho da Companhia um valor técnico, importante para o governo espanhol e para o estabelecimento da Companhia como um agente importante no processo de colonização. Conforme foi visto, a própria formação de alguns sacerdotes sequer foi realizada dentro dos caminhos da Companhia.

Vale citar também a importância desse tipo de trabalho na consolidação da Companhia como um elemento importante no poder colonial, algo que já era feito a partir dos colégios, importantes na região, especialmente no Colégio Máximo de Córdoba, centro de formação de matemáticos.

O silêncio jesuítico sobre as tensões internas ao trabalho missional e o problema da fluidez entre os reduzidos e não reduzidos, explorados pelos trabalhos de Guillermo Wilde, de fato pouco são revelados nos mapas, que não mostram as relações de poder nas sociedades nativas.

Nas narrativas da cartografia, prevaleceu um Paraguai de fronteiras alargadas, fluidas, de sucesso na cristianização. A força desse discurso cartográfico foi marcante na época de sua elaboração, pela novidade do conteúdo e perfeita inclusão nos meios de publicação e circulação, seja no início, no século XVII, seja depois, no século XVIII, auge de sua produção e nas polêmicas e campanhas anti ou pró jesuíticas.

Posteriormente, a força dessa cartografia é sentida na historiografia sobre o tema, como pode-se notar até mesmo em trabalhos do século XX, seja pela grande quantidade de sua produção, seja pela pertinência de seu uso em diversas áreas de estudo.

Esse trabalho, que teve seus primeiros esboços num exercício de melhor aproveitamento das fontes cartográficas, pode pensar a grande relevância das

fontes cartográficas e a repercussão desse discurso no século XVIII ante as polêmicas que culminariam na supressão da Companhia de Jesus.

No decorrer do estudo, pudemos perceber a peculiaridade dessas fontes e, mais do que isso, seu uso nos estudos do passado, que encaravam majoritariamente uma abordagem técnica da cartografia, a gênese dos dados apresentados nas cartas, e muitas vezes reafirmavam as mesmas ideias contidas nos mapas sem uma crítica mais mordaz.

A ciência jesuítica pode ser melhor analisada se pensarmos a amplitude dos estudos jesuíticos. O processo de elaboração desses mapas mostra que não há maneira de pensar em um processo jesuítico que não leve em conta as demandas locais, historicamente localizadas, repensando certas interpretações mais voltadas a uma certa uniformidade da Companhia de Jesus. Também se pode entender a Ordem dos jesuítas como algo mais do que aquela interpretação de Steven Harris, que interpreta o papel da Instituição como uma “central de cálculo” acessada pelos estudiosos do século XVIII.

O Paraguai foi representado na cartografia inaciana atendendo a diversas demandas: no século XVII e início do século XVIII, a representação correspondeu ao interesse crescente pelos mapas na Europa. Na metade do século XVIII, essa demanda por novidades geográficas foi aliada ao interesse de uma cartografia que servisse ao discurso jesuítico de sucesso na Conquista Espiritual e na atração dos indígenas à Coroa Espanhola, no Paraguai e nas regiões adjacentes, como o Chaco.

No período posterior à supressão, a cartografia aliava os interesses científicos e espirituais ao reforço na defesa da Ordem Religiosa, a validade de sua ação no Paraguai e a injustiça de sua expulsão dos domínios hispânicos.

A relevância desse trabalho jesuítico na América ainda iria mais longe e não se limitou ao Paraguai, conforme podemos observar na Obra de Alexander Von Humboldt (1769-1859), que serviu-se dos trabalhos inacianos em toda a América. A atividade jesuítica foi muitas vezes negligenciada pela historiografia da Ciência no século XX, agora pode ser melhor vista a partir de novas interpretações dessas atividades ocorridas no âmbito da Companhia de Jesus.

O Paraguai alargado da luta espiritual dos jesuítas, conforme já nos alertou Sérgio Buarque de Holanda na frase que é epígrafe dessa dissertação, teve vida

longa nas representações cartográficas. Essa observação do historiador pode ser aplicada não apenas à representação cartográfica na Idade Moderna, mas também na força que ganhou em grande parte da historiografia ainda no século XX e em sua interpretação do senso comum.

Com os trabalhos recentes sobre História da Cartografia, o uso dessas fontes tendem a repensar esse papel. Finalmente, tencionou-se contribuir para um melhor enquadramento histórico dos contextos de produção, circulação e consumo dos mapas. Procuramos evidenciar, apenas, a riqueza e a complexidade destas fontes de pesquisas, cujos caminhos de análise são, naturalmente, numerosos.

Fontes & Bibliografia

Fontes cartográficas impressas

ABBEVILLE, Nicolas Sanson d'. Amerique Meridionale. In: *Introduction a l'Histoire de l'Asie, de l'Afrique, et de l'Amerique, pour servir de suite à l'Introduction a l'Histoire du Baron de Pufendorff par Mr. Bruzen La Martiniere, Géographe de S.M. Catholique. - Second edition revue & corrigée.* Amsterdam. Chez Zacharie Chatelain, 1739. - Tomo II, [p. 98-99]

BELLIN, Jacques Nicolas. *Carte du Paraguay.* In: *Le Petit Atlas Maritime: recueil des quatre parties du monde.* Paris. S. Bellin. 1756.

BLAEU, Willem Janszoon. Paraguay, Ó prov. de Rio de la Plata cum regionibus adiacentibus Tucuman et Sta. Cruz de la Sierra, 1631 (1608). In: BLAEU, Willem Janszoon. Appendix Theatri A. Orтели et Atantis G. Mercatoris, continens tabulas geographicas diversarum Orbis regionum, nunc primus editas cum descriptionibus. Amsterdã. 1631

BLAEU, Joannes. Paraquariae Vulgo Paraguay. In: Atlas Maior. Amsterdam, 1662. Apud : FURLONG, Guillermo. Cartografia Jesuítica del Rio de la Plata. Buenos Aires. Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936.

CAMAÑO Bazan, Joaquin. Carta del Gran Chaco. In: JOLIS, Jose. Saggio sulla storia naturale della provincia del Gran Chaco. E sulle pratiche e suo costumi dei Popoli che l'abitano. Ensieme contra giornali di altrettanti viaggio fatti alle interme contrade di que Barbari. Tomo I, Firenze, per Lodovico Genestri, 1789

CARDIEL, José (atribuído). Mapa de la Gobernación del Paraguay y de la de Buenos Ayres com la Linea divisória de las tierras de España y Portugal, ajustada entre las dos Coronas año de 1750. Archivo General de Simancas, Secretaria de Estado, 7381, f.30. Apud: FURLONG, Guillermo. *Cartografia*

Jesútica del Rio de la Plata. Buenos Aires. Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936

CARDIEL, José (atribuído). Mapa de las Doctrinas del Paraná y Uruguay y de la Línea divisoria del año 1750 en cuanto a estas doctrinas toca. 1750. FURLONG, Guillermo. *Cartografia Jesútica del Rio de la Plata*. Buenos Aires. Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936

_____, ____ (atribuído). Parte de la America Meridional en que trabaja el zelo de los Religiosos de la Compañia de Jhs de la Prov. Dicha del paraguay Archivo de Loyola. s.d. FURLONG, Guillermo. *Cartografia Jesútica del Rio de la Plata*. Buenos Aires. Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936

DÁVILA, Juan. Paraquarie Provinviae Soc. Jesu cum adjaventib.s novissima descriptio Post itera.s peregrinationes, & plures observationes Patrum Missionarum eiusdem Soc. tum huius Provinciae, cum Peruanae accuratissime delineata/ post iteratas peregrinationes et plures observationes Patrum Missionariorum eiusdem Soc. tum huius Provinciae, cum et Peruanae accuratissime delineata. Cordoba (?). 1722 . FURLONG, Guillermo. *Cartografia Jesútica del Rio de la Plata*. Buenos Aires. Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936

DANVILLE, Jean Baptiste. (atribuído) Mission dès Moxes. In: DU HALDE, Jean-Baptiste. *Lettres edifiantes et curieuses... Tomo XII. (1718)* 1741

_____, _____. *Le Paraguay ou les RR. PP. De la Compagnie de Jesus ont répandu leurs Missions, de 1733, In Lettres Edifiantes, et curieuses, écrites des missions etrangeres, par quelques missionnaires de la Compagnie de Jesus. Tomo XXI. Paris. Chez Le Mercier. 1734*

DOBRIZHOFFER, Martín (atribuído). Mappa Paraquariae In multis a me Correcta. Quid si in pluribus porro peralios Corrigenda. Authore M. D. eius

provinciae Misionario. In: DOBRIZHOFFER, Martin. *Historia de los abipones. Tomo II.* Joseph Kuzbek. Viena. 1784.

KITCHIN, Thomas. A New Map of the Southern parts of America taken Survey of the Eastern Coast made by Order of the King of Spain. London Engrevad by Tho.s Kitchin, Hidrographer to His Majesty. 2 Pranchas. In: FALKNER, Thomas. *Description of Patagonia and the adjoining parts of South America containing an Account of de Soil, Produce, Animals, Vales, Montains, rivers, lakes, &c. of those Countries; Religion, Governments, policy, Custonms, Dress, Arms, and Lenguaje of de Indian Habitants and Some Particulars realiting to Falkland's Islands.* London. Hereford. 1774

MACHONI, Antonio. Descripción de las Provincias del Chaco y confinantes segun las relaciones modernas y noticias adquiridas por diversas entradas de los Misioneros de la Compañía de Iesus que se han hecho en este siglo de 1700. (1733) In: LOZANO, Pedro. *Descripción Corografica del Gran Chaco Gualamba.* Prólogo e índice por Radamés A. Altieri. Tucumán, Universidade Nacional de Tucumán, 1941

OGILBY, John. Paraquaria vulgo Paraguay. Cum Adjacentibus. In: MONTANUS, Arnoldus. *America: being the latest and most accurate description of the New World.* London. 1671

PETROSCHI. Joannes. *Paraquare Provinciae Soc. Jesu Cum Adiacentib Novissima.* 1732. In: VIOU, Jean Pierre. *Novelle interessanti in propósito degli affari del Portogallo e dell attentato commesso a ter settembre.* Berna (Veneza). Suprema reggenza Elvetica (?). Tomo I. 1760

SANCHEZ LABRADOR, José. Provincia del Guayra convertida por los jesuitas y destruída por los Mamelucos Portugueses. In: SANCHEZ LABRADOR, José. *El Paraguay Catolico. Harmonioso entable de las misiones de los indios guaranis.* 1772. FURLONG, Guillermo. *Cartografia Jesuítica del Rio de la Plata.* Buenos Aires. Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936

_____, _____. Provincia del Itatin convertida a la Fé por los Jesuitas y destruída por los Mamelucos. In: SANCHEZ LABRADOR, José. El Paraguay Catolico. Harmonioso entable de las misiones de los indios guaranis. 1772. FURLONG, Guillermo. Cartografia Jesuítica del Rio de la Plata. Buenos Aires. Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936

_____, _____. Misiones del Tape en la forma que tenian antes de su transmigración el año de 1630. In: SANCHEZ LABRADOR, José. El Paraguay Catolico. Harmonioso entable de las misiones de los indios guaranis. 1772. FURLONG, Guillermo. Cartografia Jesuítica del Rio de la Plata. Buenos Aires. Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936

_____, _____. Descripcion chorographica de los treinta pueblos delas misiones. In: SANCHEZ Labrador. SANCHEZ LABRADOR, José. El Paraguay Catolico. Harmonioso entable de las misiones de los indios guaranis. 1772. FURLONG, Guillermo. Cartografia Jesuítica del Rio de la Plata. Buenos Aires. Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936

SANSON, Nicolas. L'Amerique meridionale divisée en ses principales parties ou sont distingués les vns des autres les estats suivant qu'ils appartiennent présentement aux François, Castillans, Portugais, Hollandois, &c. Paris. H. Jaillot. 1691

SEUTTER, Mateus. Paraquariae Provinciae Soc. Iesu cum adjacentibus Novissima descriptio post iteratas peregrinationes, et plures observationes. Augsburgo(?). 1726. Facsimile. In : FURLONG, Guillermo. *Cartografia Jesuítica del Rio de la Plata*. Buenos Aires. Talleres S. A. Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936

Fontes impressas

ACOSTA, Joseph de. *Historia natural y moral de las indias*. Edición crítica de Fermín del Pino-Díaz. Madrid. Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2008

ANÔNIMO. *História de Nicolás I: rey del Paraguay y imperador de los mamelucos*. "Saint-Paul" [local falso] 1756. In: *Curiosa Americana*, n. 3, Santiago do Chile: Centro de Investigaciones de Historia Americana, 1964, com prólogo de Sérgio Buarque de Holanda.

ANÔNIMO. *Continuacion del Apendice del português sobre el memorial del padre general de los jesuítas presentado à la Santidad de Clemente XIII. Segunda parte*. Madrid. Pantaleon Aznar. 1769.

ANÔNIMO. *Relação Abreviada da Republica, que os religiosos jesuítas das Províncias de Portugal, e Hespanha estabelecerão nos Domínios Ultramarinos das duas Monarchias, e da guerra, que nelles tem movido, e sustentado contra os Exercitos Hespanhoes, e Portuguezes; Formadaa pelso registos das Secratias dos dous respectivos Principaes Commissarios e Plenipotenciarios; e por outros Documentos Authenticos*. 1757. Reeditada em: *Jornal do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*. Nº 15. Rio de Janeiro. p. 265-285. 1842

CALVO, Carlos. *Coleccion completa de los tratados, convenciones, capitulaciones, armistícios y otros actos diplomáticos de todos los estados de la América Latina comprendidos entre el golfo de México y el Cabo de Hornos, desde el año de 1493 hasta nuestros dias*. Paris. Denné-schmitz. Libreria Durand. 1862

CARDIEL, José. *Compendio de la Historia del Paraguay (1780)*. Estudio preliminar de José Mariluz Urquijo. Buenos Aires, Fundación para la Educación, la Ciencia y la Cultura, 1984.

_____, _____. *Declaracion de la verdad, contra um libelo infamatório impresso em Portugues contra los PP. Jesuítas misioneros del Paraguay y Marañon*. Ed. por Pablo Hernandez. Buenos Aires. Juan Alsina. 1900

_____, _____. *Breve Relación de las Misiones del Paraguay (1771)*. Prólogo de Ernesto J.A. Maeder, Buenos Aires, Secretaria de Cultura de la Nación, Ediciones Theoria, 1994.

_____, _____. *Las misiones del Paraguay*. (s/d). Ed. de Héctor Sáinz Ollero, Madrid.

CHARLEVOIX, Pierre-François-Xavier. *Histoire Du paraguay*. 6 vol. Paris, Chez Dasint, David, Duran, 1756

_____, _____. *Histoire de L'isle Espagnole ou de S. Domingue Par le P. Pierre Francois Xavier de Charlevoix*. Paris, 1730, Amsterdam, Chez Francois L'Honore, 1733.

CLAVIJERO, Francisco J. *Historia de la Antigua o Baja California*. Estudio preliminar de Miguel Leon-Portilla, México D.F., Ed. Porrúa, 1970.

CLAVIJERO, Francisco. *História Antigua de México (1780)*. Londres. Ackerman. 1826

D'ALEMBERT, Jean Le Rond. *Sur la destrcution des jésuites en France*. Par un auteur désintéresse. Geneve. Chez Cramer. 1765

DEL TECHO, Nicolas. *Historia de la Provincia del Paraguay de la Compañia de Jesus*. (1673). Livro I, cap. II 5 vols. Madrid: Librería y Casa Editorial A. de Uribe, 1897.

DOBRIZHOFFER, Martín. *Historia de Abiponibus equestri, bellicosaque Paraquariae natione*. 3 vol. Viena. Typis Josephi Nob. De Kurzbeke. 1784.

DOBRIZHOFFER, Martín. *Historia de los abipones*. 3 vol. (1784) Traducción de Edmundo Wernicke, Resistencia, Chaco, Universidad Nacional del Nordeste, Fac. Humanidades. 1967- 1969.

DUHALDE, JB et al. *Lettres Edifiantes e curieuses écrites des missions étrangères par quel ques missionnaires de La Compagnie de Jesus*. Tomo II. Paris. Chez Nicolas Le Clerc. 1715

DUHALDE, JB et al. *Lettres Edifiantes e curieuses écrites des missions étrangères par quel ques missionnaires de La Compagnie de Jesus*. tomo XII. Paris. Chez Nicolas Le Clerc. 1716

DUHALDE, JB et al. *Lettres Edifiantes e curieuses écrites des missions étrangères par quel ques missionnaires de La Compagnie de Jesus*. Tomo XII. Paris. Chez Nicolas Le Clerc. 1741

ECHAVARRI, Bernardo Ibañez. *Reyno jesuítico del Paraguay*. In: Cardenas, Bernardino de. *Colección General de Documentos tocantes á la tercera época de las conmociones de los Regulares de la Compañía en el Paraguay*. Contiene *El reyno jesuítico del Paraguay, por siglo y medio negado y oculto, hoy demostrado y descubierto*. Su autor D. Bernardo Ibáñez de Echavarri. Va añadido el *Diario de la Guerra de los Guaraníes, escrito por el P. Tadeo Henis*. Tomo Cuarto. Con licencia de el Consejo Extraordinario. Madrid. Imprenta Real de la Gazeta. 1770

FALKNER, Thomas. *Descripción de la Patagonia. Geografía, recursos, costumbres y lengua de sus moradores (1730-1767)*. (1774). Buenos Aires. Ediciones Continente. 2008

FALKNER, Thomas. *Description of Patagonia and the adjoining parts of South America*. London. Hereford. 1774

GRISELINI, Francesco. *Memorie anedote spettanti alla vita ed agli studi del sommo filosofo e giureconsulto f. Paolo Servita*. Losana. Bousquet e comp. 1760

JOLIS, José. *Ensayo sobre la Historia natural del Gran Chaco*. Traducción de María Luisa Acuña. Estudio preliminar de Ernesto J. A. Maeder. Resistencia. Ed. Colmegna / Universidad Nacional del Nordeste. 1972

_____, _____. *Saggio sulla storia natural della provincial del Gran Chaco. E sulle pratiche e suo costume dei Popoli che l'abitano. Ensieme contra giornali de altrettanti viaggio fatti alle interme contrade di que Barbari*. Tomo I. Firenze, Per Lodovico Genestri, 1789.

LE CLERC, George Louis. *Histoire naturelle générale et particulière*. Impirmerie Royale. Paris. 1749 – 1789. 44v.

LOCKMAN, John. *Travels of the Jesuits, into various parts of the world compiled from their letters*. vol. I e II. Londres. John Noon. 1743

LOZANO, Pedro. *Descripción Corografica del Gran Chaco Gualamba*. Prólogo e índice por Radamés A. Altieri. Tucumán, Universidade Nacional de Tucumán, 1941

_____, _____. *Diario de un viaje a la costa de la Mar Magallanica en 1745. Desde Buenos Aires hasta el estrecho de Magallanes. Formado sobre las observaciones de los PP. Cardiel y Quiroga*. Buenos Aires, Imprenta del Estado, 1836

_____, _____. *Diario de un viaje a la costa de la mar magallánica en 1745, desde Buenos Aires hasta el Estrecho de Magallanes. Formado sobre las observaciones de los PP. Cardiel y Quiroga*. In: DE ANGELIS, Pedro. Colección

de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las Provincias del Río de la Plata. Buenos Aires, Imprenta del Estado, 1936.

_____, _____. *Historia de la Compañía de Jesus de la Provincia del Paraguay / Escrita por el Padre Pedro Lozano*. Madrid, En la Imprenta de la Viuda de Manuel Fernandez y del Supremo Consejo de la Inquisicion, 1755.

_____, _____. *Historia de La Conquista del Paraguay, Rio de la Plata y Tucuman*. T.I. Buenos Aires, Casa Editora Imprenta Popular, 1873.

_____, _____. *Historia de las revoluciones de la provincia del Paraguay (1721-1735)*. 2 vol. Prólogo de Samuel Lafone y Enrique Peña. Buenos Aires, Biblioteca de la Junta de Historia y Numismática Americana, 23. 1905.

MONTOYA, Antonio Ruiz de. *Conquista espiritual hecha por los religiosos de la Compañía de Jesús en las Provincias del Paraguay, Paraná, Uruguay y Tape*. Madrid. Impr. del Reyno. 1639.

_____, _____. *Conquista espiritual feita pelos religiosos da Companhia de Jesus nas Províncias do Paraguai, Paraná, Uruguai e Tape*. Trad. de Arnaldo Bruxel. (1639). Porto Alegre. Martins Livreiro. 1997

MONTESQUIEU, Charles de Secondat (Barão de). *De l'esprit des loix*. Amsterdam. Chez Chatelain. (1748) 1749

MURATÓRI, Ludovico Antonio. *Il Cristianesimo Felice nelle missioni de padri della Compagnia di Gesu nel Paraguai*. Veneza. Giambatista Pasquali. 1763

_____, _____. *O cristianismo feliz nas missões jesuíticas*. Instituto Educacional Dom Bosco. Santa Rosa. (1745). 1993

NOBREGA, Manoel. *Plano civilizador. Carta do Padre Manoel da Nóbrega ao Padre Miguel Torres*, Lisboa. (1558) In: *Cartas do Brasil e mais escritos* (opera

omnia). Introdução e notas de Serafim Leite. Coimbra. Universidade de Coimbra. 1955

PAUCKE, Florián. *Hacia allá y para cá. Una estada entre los indios mocobíes, 1749-1767*. Traducido al español por Edmundo Wernicke. Córdoba , Nuevo Siglo, 1999-2000.

PERAMAS, José. *La República de Platón y los guaraníes (1793)*. Buenos Aires. Emece editores. 1946

QUIROGA, Joseph. Descripción del Río Paraguay, desde la boca del Xauru hasta la confluencia del Paraná. In: ANGELIS, Pedro de. *Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las provincias del Río de La Plata*. t.II. Buenos Aires, Imprenta del Estado, 1836.

_____, _____. *El Tratado del Arte de Navegar*. Bolonha, 1784.

SEPP, Antonio. *Viagem as Missões Jesuíticas (1698) e Trabalhos Apostólicos (1710)*. Com Nota de Rubens B. de Moraes e Introdução de Wolfgang Hoffmann Harnisch. Tradução de Raymundo Schneider. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia/São Paulo, EDUSP. 1980

SUAREZ, Buenaventura. *Lunario de um siglo. Que comenzava em su Original por Enero del año de 1740, y acaba en diziembre de 1841*. Lisboa. Imprenta de Francisco da Silva. 1748

ULLOA, Antonio. *A Voyage to South America*. Dublin. Macenæ Hed. 1758

VASCONCELOS, Simão de. *Chronica da Companhia de Jesus do Estado do Brazil e do que obraram seus filhos nesta parte do novo mundo*. Lisboa. J. I. da Silva, 1864

VELASCO, Juan. *Historia del reino de Quito en la América meridional*. (1789). Quito. Imprenta del Gobierno. 1841

VIOU, Jean Pierre. *Novelle interessanti in proposito degli affari del Portogallo e dell attentato commesso a tre settembre*. Berna (Veneza). Suprema reggenza Elvetica(?). 3 tomos. 1758-1760.

VOLTAIRE, François Marie Arouet. *Candido ou otimismo*. L&PM. Porto Alegre. 1998 (1759)

Obras de Referência

ALDEN, Dauril. *The making of an enterprise : the Society of Jesus in Portugal, its empire, and beyond, 1540-1750*. Stanford University Press. California. 1996

AGNOLIN, Adone. *Jesuítas e selvagens: a negociação da fé no encontro catequético-ritual americano-tupi*. Humanitas. São Paulo. 2007

ALMEIDA, André Ferrand. O mapa Geográfico de América Meridional, de Juan de la Cruz Cano y Olmedilla. . *Anais do museu paulista* v. 17. 2009

_____, _____. Samuel Fritz revisited. The maps of the Amazon and their circulation in Europe. *La cartografia europea tra primo Rinascimento e fine dell'Illuminismo*. Florença. Olschki, 2003

_____, _____. Samuel Fritz and the Mapping of the Amazon. *Imago Mundi*, nº 55. P. 113 -119. 2003

AZEVEDO, J. Lúcio de., 1855-1933. *Os Jesuitas no Grão-Pará: suas missões e a colonização. Bosquejo historico com varios documentos inéditos*. Travares Cardoso & Irmão. Lisboa. 1901

BACHI, Luiz Carlos & FALCADE, Ivanira. A cartografia da ocupação europeia no espaço platino – séculos XVI a XVIII. *A experiência missioneira: um marco histórico para a integração latino-americana..* Anais, do X Simpósio Nacional de Estudos Missionários Santa Rosa. Unijuí. 1994. p. 404-417

BANFI, Florio. The cosmographic Loggia of the Vatican Palace. In: *Imago Mundi*, vol. 9. Pp.23-34. 1952

BARCELOS, Artur Henrique Franco. Espaço & Arqueologia nas missões jesuíticas: o caso de São João Batista. Porto Alegre. EDIPUCRS. 2000

_____, _____. *Mergulho no Seculum. Exploração, Conquista e Organização Espacial Jesuítica na América Espanhola Colonial.* PUC-RS. Porto Alegre. 2006. (tese: Doutorado).

_____, _____. *O compasso e a cruz.* Porto Alegre, CD, 2006

BATLLORI, Miguel. *La Cultura Hispano-italiana de los jesuítas expulsos. Españoles – Hispanoamericanos – Filipinos.* Madrid. Editorial Gredos. 1966

BASALLA, Georges, The Spread of Western Science.. in: *Science*. Vol. 156. pp.611-622. Washington.1967

BLACK, Jeremy. *Mapas e História – Construindo imagens do passado.* EDUSC. Bauru. 2005

BORGES, Jorge Luis. *Historia universal de la infamia (1935).* Madri. Alianza Emece. 1986. p. 136

BOXER, Charles. *A igreja militante e a expansão ibérica (1440-1770).* Companhia das Letras. São Paulo. 2009

_____, _____. *O império marítimo português 1415-1825*. Companhia das Letras. São Paulo. 2006

BRADING, David. *Orbe Indiano. De la Monarquia Católica a la República Criolla 1492-1867*. Fondo de Cultura Económica. Mexico. D.F. 1991. p. 20

BURRUS, Ernest J. *La obra cartográfica de la Provincia Mexicana de la Compañía de Jesús (1567-1767)*. 2. Vol. Madrid. Ediciones José Porrúa Turanzas, 1967

CANABRAVA, Alice. *O Comércio Português no rio da Prata. (1580-1640)*. Belo Horizonte/São Paulo. Livraria Itatatia/Edusp.. 1984

CASTRO, Zília Osório. Jansenismo versus jesuitismo Nicolló Pagliarini e o projecto político pombalino. In: *Revista Portuguesa de Filosofia* . t. 52. .. p. 223-232. Braga. Fac de Fil. de Braga. 1996

CENSER, Jack. R. *The French Press in the age of Enlightenment*. Routledge. Londres. 1994.

CLARK, Willian. *The Prosopgraphy of Science*. In: *Cambridge History of science*, v. 4. Cambridge. University Press. 2006

CORTESÃO, Jaime. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. Lisboa: Livros Horizonte, 1984, vol. II.

_____, _____. *Antecedentes do Tratado de Madri: Jesuítas e bandeirantes no Paraguai, 1703-1751*. Biblioteca Nacional, [Rio de Janeiro. Divisão de Obras Raras e Publicações, 1955

CORTESÃO, Jaime. *História do Brasil nos Velhos Mapas*. Lisboa. Imprensa Nacional/Casa da Moeda. 2009

_____, _____. *Raposo Tavares e a formação territorial do Brasil*. Ministério Educação Cultura. Rio de Janeiro. 1958

_____, _____. *Jesuítas e bandeirantes no Itatim, 1596-1760*. Biblioteca Nacional, Divisão de Obras Raras e Publicações. Rio de Janeiro. 1952.

COSTA, Antônio Gilberto (org). *Roteiro Prático de Cartografia: Da América Portuguesa ao Brasil Império*. Editora UFMG. Belo Horizonte. 2007

COSTA, Maria de Fátima. De Xarayes ao Pantanal: a cartografia de um mito geográfico. *Revista do IEB*. nº 45 p. 21-36. Set. 2007

_____, _____. *História de um país inexistente. O pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. Estação Liberdade. São Paulo. 1999

COUTO, Jorge. As estratégias de implantação da Companhia de Jesus no Brasil. In: AZEVEDO, F.L.N. & MONTEIRO, J.M. *Confronto de Culturas: Conquista, Resistência e Transformação*. São Paulo, EDUSP, 1997.

_____, Jorge. Os jesuítas e a escravidão dos negros no Brasil. In: GADELHA, Regina A. F. *Missões Guarani: impacto na sociedade contemporânea*. São Paulo, EDUC, 1999.

CYMBALISTA, Renato. Os mártires e a cristianização do território na América portuguesa, séculos XVI e XVII. *Anais do Museu Paulista*. v.18. n.1. p. 59 Jan-Jun. 2010

_____, _____. *Sangue, ossos e terras. Os mortos e a ocupação do território luso-brasileiro*. São Paulo. Ed. Alameda. 2011

CUNHA, Manuela Carneiro da. Da Guerra das Relíquias ao Vº Império. Importação e exportação da História no Brasil. In. *Novos Estudos*. Nº44. p. 73-99. 1996

DETTINO, Bianca Maria Abbade. Tratamento de salvaguarda em situação de emergência: a atuação do IEB em acervo cedido pela Justiça Federal de São Paulo. In: *Revista do IEB-USP*, nº 44,. p. 275-306. São Paulo. Editora 34. 2007

DOMÍNGUEZ, Joaquín M^a. & O'NEILL, Charles. *Diccionario Histórico de la Companhia de Jesus, volumes I-IV*. Madrid. IHSI e Universidade Pontificia Comillas. 2001

EISEMBERG José Eisenberg. *As missões jesuíticas e o pensamento político moderno: encontros culturais, aventuras teóricas*. Ed. UFMG. Belo Horizonte. 2000

FANTINI, ODAIR José. *Obedeciendo a la instrucción de compendiar: Registros de Viagens de Jesuítas nas Cartas ânuas da Província Jesuítica do Paraguai (segunda metade do século XVII)*. São Leopoldo. UNISINOS. 2010

FEINGOLD, Mordechai. (org.) *Jesuit and the republic of letters*. Massachussets. Massachusetts Insitute of Technology. 2003

FERREIRA, Mário Clemente. O Mapa das Cortes e o Tratado de Madrid: a cartografia a serviço da diplomacia. In: *Varia História* nº 23, p.51-69, 2007.

FIGUEROA, Luis Millones & Ledezma, Domingo (org). *El saber de los jesuitas, historias naturales y el Nuevo Mundo*. Madrid; Frankfurt. Iberoamericana. Vervuert, 2005

FIORANI, Francesca. *Cycles of painted maps in the renaissance*. p. 815. In: WOODWARD, David. *History of Cartography*. Vol. 3, parte I. Chicago. University of Chicago Press. 1987-2007

FLORES. Moacyr. *Colonialismo e Missões jesuíticas*. EST. Porto Alegre. 1996.

FRANCO, José Eduardo. *O mito dos jesuítas, em Portugal, no Brasil e no Oriente*. 2 vol. Lisboa. Gradiva.. 2006

FRANCO, José Eduardo, VOGEL, Christine. Um acontecimento mediático na Europa das Luzes: A propaganda antijesuítica pombalina em Portugal e na Europa. p. 381. In: *Brotéria*, vol. 169. p.349-506. Lisboa. 2009

FULOP-MILLER, Rene. *Jesuítas, seus segredos e seu poder*. Globo. Rio de Janeiro, 1946.

FURLONG, Guillermo. *Cartografía Jesuítica del Rio de la Plata*. Buenos Aires. Talleres S. A., Casa Jacobo Peuser, Ltda. 1936

_____, Guillermo. Diario del viaje o entrada que hizo el Padre José Jolis, de la Compañía de Jesús a lo interior del Chaco, año de 1767. *Revista de Estudios*, año IX, XVIII, Buenos Aires, 1920.

_____, Guillermo. *Diario del viaje y misión al río del Sauce realizado en 1748 por el R.P. José Cardiel S.J. precedido por un estudio biográfico del autor y una regesta de su labor literaria y cartográfica por G. Furlong Cardiff y por una introducción, um análisis crítico del itinerario y de las cartas y notas por Félix F. Outes*. Buenos Aires, UBA, Facultad de Filosofía y Letras. Publicaciones del Instituto de Investigaciones Geográficas, serie A, no13, 1930

_____, Guillermo. *Domingo Muriel y su relación de las misiones (1766)*. Librería del Plata, Buenos Aires, 1949

_____, Guillermo. *Entre los abipones del Chaco, según noticias de los misioneros jesuitas Martín Dobrizhoffer, Domingo Muriel, José Brigniel, Joaquín Camaño, José Jolís, Pedro Juan Andreu, José Cardiel y Vicente Olcina*. Buenos Aires, 1938

_____, Guillermo. *Entre los Lules de Tucuman*. Buenos Aires. Talleres Graficos San Pablo. 1941.

_____, Guillermo. *Entre los Mocovíes de Santa Fé*. Buenos Aires, 1938

_____, Guillermo. *Florian Paucke y sus cartas al visitador Contucci : 1762-1764*. Buenos Aires, Casa Pardo, 1972.

_____, Guillermo. *Glorias Santafesinas. Buenaventura Suárez, Francisco Javier Iturri y Cristóbal Altamirano*. Buenos Aires, Editorial Surgo. 1929

_____, Guillermo. *Joaquín Camaño y su Noticia del Gran Chaco (1778)*. Buenos Aires, Librería del Plata, 1955.

_____, Guillermo. *José Cardiel y su Carta Relación (1747)*. Buenos Aires, Librería del Plata, 1953

_____, Guillermo. *José Manuel Peramás y su Diario del destierro*. Colección Escritores coloniales rioplatenses, Buenos Aires, Librería del Plata, 1953

_____, Guillermo. *Jose Sanchez Labrador y su "Yerba Mate"(1774)*. Colección de escritores coloniales, X, Buenos Aires, Librería Del Plata, 1960.

_____, Guillermo. *Los jesuitas y la escisión del Reino de Indias*: Ediciones Theoria. São Paulo. 1960.

_____, Guillermo, *Los jesuítas y la cultura rioplatense*. Montevideu, Urta y Curbelo. 1933

_____, Guillermo. *Misiones y sus pueblos guaranies. 1610-1813*. Buenos Aires, Imprenta Balmes. 1962

_____, Guillermo. *El P. Joaquín Camaño y Bazán cartógrafo, lingüista e historiador*. Boletín del Instituto de investigaciones históricas, n.38, Buenos Aires, 1928

_____, Guillermo. *El P. Martín Dobrizhoffer, S.J. filólogo e historiador*. Buenos Aires, Boletín del Instituto de Investigaciones Históricas, año VI, no.35, 1928

_____, Guillermo. *Misiones y sus pueblos de Guaraníes*. Buenos Aires, Imprenta Balmes. 1962

_____, Guillermo. *La personalidad y la obra de Tomás Falkner*. Publicaciones del Instituto de Investigaciones Históricas, Universidad Nacional de Buenos Aires, n.48, Buenos Aires, J. Peuser. 1929

_____, Guillermo. *Paraguay Cathólico: indios pampas-puelches-patagones*. Buenos Aires, Viua y Zona Editores. 1936

_____, Guillermo. *Las regiones rioplatenses a mediados del siglo XVIII, según noticias de Florián Paucke*. Buenos Aires, Anales de la Sociedad Argentina de estudios geográficos, 1940

_____, Guillermo. *Tomás Falkner y su "Acerca de los Patagones"*. Buenos Aires, Librería del Plata, 1954

GADELHA, Regina A. F.. *Missões Guarani: impacto na sociedade contemporânea*. São Paulo, EDUC, 1999.

_____, Regina A. F. *As missões jesuíticas do Itatim: um estudo das estruturas sócio-econômicas coloniais do Paraguai (séculos XVI e XVII)* Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1980

_____, Regina A.F. *Missões guarani: impacto na sociedade contemporânea*. São Paulo. EDUC. 1999

GANDÍA, Enrique de. *Historia crítica de los mitos de la conquista americana*. Buenos Aires, Juan Roldán y Compañía Editores, 1929.

GERBI, Antonello. *O novo mundo. História de uma polêmica. 1750-1900*. São Paulo. Cia das Letras. 2006

GIBSON, Charles. *As sociedades indígenas sob domínio espanhol*. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina, Vol. II, América Latina Colonial*. São Paulo, EDUSP, 1999

GOMES, Plínio Freire. Volta ao mundo por ouvir-dizer: redes de informação e a cultura geográfica do Renascimento. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. v.17. p. 113-135. jan.- jun. 2009

GRANZOTTO. Orfea, BRAVETTI, Patrizia. *False date: repertorio delle licenze di stampa veneziane com falso luogo di edizione (1740-1797)*. Florença. Firenze University Press, 2009

GRUZINSKI, Serge. *Las cuatro partes del mundo*. Mexico DF. Fondo de Cultura Economica. 2010

HADDAD, Thomás. A.S. & GONÇALVES, Carlos H.B. Algumas observações sobre fontes jesuíticas para a História da Astronomia. In: *Circumscribere.*, 4 p.51-58. São Paulo, PUC-SP. 2008

HARLEY, J.B. *La Nueva Naturaleza de los Mapas*. Fondo de Cultura Economica. México. 2005

HARRIS, Steven. *Jesuit ideology & Jesuit Science: Scientific activity in the society of Jesus, 1540-1773*. Madison, University of Wisconsin. (tese) 1988.

_____, Steven. Long-distance corporation, Big Sciences and the Geography of Knowledge. In: *Configurations* 6.2., p. 269-304 John Hopkins University press. Baltimore. 1998

_____, _____. *Mapping Jesuit Science: The Role of Travel in the Geography of Knowledge*. In: O' MALLEY, John W., BAILLEY, Gauvin Alexander, KENNEDY, Frank. *The Jesuits: Cultures, Sciences, and the Arts*. University of Toronto Press. Toronto, Buffalo, London. 1999

_____, _____. Introduction: Thinking Locally, Acting Globally. *Configurations*. nº6.2, p.131-139. John Hopkins University press. Baltimore 1998.

_____, _____. Confession-Building, Long-Distance Networks, and the Organization of Jesuit Science. *Early Science and Medicine* vol I, nº3. Radboud. BRILL, Nijmegen. 1996

_____, _____. Jesuit Scientific Activity in the Overseas Missions, 1540–1773. *Isis*, 96, pp.71-79. Chicago. The University of Chicago Press. 2005

HERNANDEZ, Pablo. *Organizacion Social de las doutrinas guaranies*. Barcelona, G. Gili, 1913

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Visão do paraíso. Os motivos edênicos no descobrimento e colonização do Brasil*. São Paulo. Brasiliense. 2007

_____, _____. *Caminhos e Fronteiras*. São Paulo. Companhia das Letras. 2001

_____, _____. *O Exremo Oeste*. São Paulo. Brasiliense/Secretaria do Estado da Cultura. 1986

Maps of the jesuit mission in Spanish America, 18th Century. (Archives of the Society of Jesus, Rome, Hist Soc, I). In: *Imago Mundi*. vol. XV. (p. 114-118) 1960. p116

JACOB, Christian. *The sovereign map theoretical approaches in cartography throughout history*. Chicago. University of Chicago Press. 2006

JAEGER, Luis Gonzaga. *Os tres martires rio-grandenses*. Porto Alegre. Selbach, 1951

KANTOR, Iris. Cartografia e diplomacia: usos geopolíticos da informação toponímica (1750-1850). In: *Anais do Museu Paulista*. V. 17 nº 2. São Paulo. 2009

KERN, Arno A. *Missões. Uma Utopia Política*. Porto Alegre, Ed. Mercado Aberto, 1982

KOEMAN, Cornelius; SCHILDER, Gunter; VAN EGMOND. *.Commercial Cartography and map production in the Low Countries, 1500-1672*. In: HARLEY J.B. , WOODWARD, David. *The History of Cartography*, V. III. Parte II. Chicago : University of Chicago Press, 1987- 2007

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo. Perspectiva, 1997

LABORIE, Jean Claude. A dispersão do saber missionário sobre as Américas de 1549-1610: o exemplo dos jesuítas. *Revista de História da USP*, nº152, p.9-27. 2005.

LACOUTURE, Jean. *Os Jesuítas. 1. Os Conquistadores*. Porto Alegre, L&PM Editora, 1994.

LANGER, Protasio. *Cartas Geográficas edificantes: o imaginário da conversão dos povos indígenas nos mapas dos jesuítas Heirich Scherer e Samuel Fritz*. p. 81ss. In: SUESS, Paulo et al. *Conversão dos cativos. Povos indígenas e missão jesuítica*. Nhanduti. São Bernardo do Campo.. 2009

LATOUR, Bruno. *Ciência em ação: como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*. São Paulo : Editora UNESP, 2000

LAW, John. "On the Methods of Long-Distance Control: Vessels, Navigation and the Portuguese Route to India," *Sociological Review Monographs*, 32, 234-63. Routledge, Henley, 1986.

LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo IV. São Paulo : Edições Loyola, 2004 (1938)

LEITE, Serafim. *Artes e ofícios dos jesuítas no Brasil*. Lisboa. Edições Brotéria. 1953

LIVINGSTONE, David & Withers, Charles (org). *Geography and Enlightenment*. Chicago. University of Chicago Press. 1999

LOBO, Eulália Maria Lahmeyer. Caminho de chiquitos às missões guaranis de 1690 a 1718. São Paulo. *Revista de história*. 1960

LOIS, Carla. America Quarta Pars. "America quarta pars: islã o continente? El debate conceptual sobre el estatus geográfico del Nuevo Mundo em el siglo XVI"..In: *Fronteras de la Historia. Revista de história colonial latinoamerican*. Vol. XII nº 2. P. 259-279. Bogotá. Instituto Colombiano de Antropologia e Historia. 2008

LONDOÑO, Fernando Torres. Escrevendo cartas. Jesuítas, escrita e missão no século XVI. *Revista Brasileira de História*. v. 22, nº 43. 2002.

LUGON, C. *A República Comunista Cristã dos Guaranis*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1968.

MAEDER, Ernesto. *De las misiones del Paraguay a los estados nacionales. Configuración y disolución de una región histórica*. In: GADELHA, Regina. *Missões Guarani: Impacto na sociedade contemporânea*. São Paulo. EDUC. 1999 p. 113-130

MAIA, Pedro Americo. *Jesuítas e o catolicismo de influencia no brasil centro-leste. uma cronica entre o sonho e a utopia*. São Paulo, 1990

MARTINS, Maria Cristina Bohn. Jose Cardiel. Trajetórias de Viagem. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro. 2009. nº 443

MARZAL, Manuel. *La utopia posible: indios y jesuítas em la América Colonial*. Tomo I. Lima. Fondo Editorial-PUC 1992

MASSIMI, Marina. A Psicologia dos Jesuítas: uma contribuição à História das idéias Psicológicas. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), pp. 625-633. UFRS. Porto Alegre. 2001

MORAES, Antonio Carlos Robert. *Bases da formação territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no longo século XVI*. São Paulo. Hucitec. 2000

MORAIS, Regina Célia de Melo. *Muratori e o Cristianismo Feliz na Missão dos Padres da Companhia de Jesus no Paraguai*. (dissertação de mestrado) Niterói. UFF . 2006

MORNER, Magnus. Os jesuítas espanhóis, as suas missões guarani e a rivalidade luso-espanhola pela banda oriental. 1715-1737. Coimbra. 1961. *Separata da Revista Portuguesa de História*, v.9.

MOURA, Ana Maria da Silva. *Jesuitas e colonizacao no brasil no seculo xvi : expressoes culturais e missionarismo*. Tese (Doutorado). São Paulo, 1995

OSTER, Malcom (org). *Science in Europe, 1500-1800*. Basingstoke. Macmillan. The Open University, 2002.

PALMER, Robert. *The French Jesuits int the Age of Enlightenment*. The American Historical Review. Vol. 45, nº 1. 1939. p. 44-58

PASCHOUD, Adrien. *Le Monde Amerindien au miroir des Lettres Édifiantes et curieuses*. Oxford. Voltaire Foundation. 2008

PASTELLS, Pablo. *Historia de la compañía de Jesús en la Provincia del Paraguay*, 5 vol. Madrid, Victoriano Suárez, 1912-1933.

PECORA, Alcir. *Máquina de Gêneros*. São Paulo. Edusp. 2001

RABUSKE, Arthur. *P. Antônio Sepp, S.J. O gênio das reduções guaranis*. São Leopoldo, Unisinos, 1976.

REEVE, Mary Elizabeth. Regional interaction in the western amazon. The early Colonial encounter and the Jesuit Years. 1538-1767. *Ethnohistory*, vol. 41, nº1, pp. 106-138. 1993

REVELLO, Jose Torre. *Los gobernadores de Buenos Aires*. In: *História nacional da Argentina*, vol. III. Buenos Aires. Libreria e editorial ateneo 1937/1940

ROMANO, Antonella. *Le Contre-Reforme Mathematique. Constitution et diffusion d'une Culture Mathematique Jesuíte a la Renaissance (1540-1640)*. Roma. École française de Rome. 1999

_____, _____. *Modernidade da Ratio Studiorum. Plano Racional dos estudos: Gênese de um texto normativo e compromisso com uma prática*

docente. In: *Tradição jesuítica. Pedagogia, espiritualidade, missão*. São Paulo. Ed. Loyola. 200

RUIZ, Rafael. *São Paulo na Monarquia Hispânica*. São Paulo. Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio. 2004

SAEGER, James Schofield. *The Chaco mission frontier: the Guaycuruan experience*. Tucson. University of Arizona Press. 2000

SAFIER, Neil. *Measuring The New World Enlightenment Science And South America*. Chicago. Chicago University, 2008

SANTOS, Milton. *Espaço e Método*. São Paulo, Nobel, 1985.

_____, Milton. *Pensando o espaço do homem*. ED. HUCITEC, São Paulo, 1986

_____, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. Ed. HUCITEC, São Paulo, 1988

SOMMERVOGEL, Carlos. *Table Methodique Des Memoires De Trevoux*. (1701-1775) parte I Paris. Auguste Duran. 1865

TRABULSE, Elias *Ciencia y tecnología en el Nuevo Mundo*. Mexico, FCE/Colegio de México, 1994

VELLINHO, Moysés. *Os jesuítas no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre. Universidade do Rio Grande do Sul, 1960

VENTURI, Franco. *Settecento riformatore. La chiesa e la repubblica i loro limiti*. (1758-1774). Turim. Giulio Einaudi. 1976

_____, _____. *Utopia e Reforma no Iluminismo*. Edusc, Bauru, 2003.

VIANNA, Helio *Jesuitas e Bandeirantes No Uruguai*. Biblioteca Nacional, Rio De Janeiro. 1970

VILARDAGA, José Carlos. *São Paulo na órbita do império dos Felipes: conexões castelhanas de uma Vila da América Portuguesa durante a União Ibérica*. tese (doutorado) USP. São Paulo. 2010. P. 289

WILDE, Guillermo. *Religión y poder en las misiones de guaraníes*. Buenos Aires. Ed. SB. 2009

WITHERS, Charles. *Placing the Enlightenment : thinking geographically about the age of reason*. Chicago. University of Chicago Press. 2007

ZERON. Carlos. Interpretações das relações entre *cura animarum* e *potestas indirecta* no mundo luso americano. In: *Clio – Revista de pesquisa histórica*. nº 27. p. 140-177. Recife. 2009